



PUC-SP PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

Marcia Alves dos Santos Cavalcante

Macondo, a representação da decolonialidade latino-americana em
***Cien años de soledad* [1967] (1987-2007)**

Mestrado em História

São Paulo
2024



PUC-SP PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

Marcia Alves dos Santos Cavalcante

**Macondo, a representação da decolonialidade latino-americana em
Cien años de soledad [1967] (1987-2007)**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em História Social, sob a orientação da Profa. Dra. Vera Lucia Vieira

São Paulo
2024

Banca Examinadora

Às minhas filhas Clara Alves Cavalcante e Elis Alves Cavalcante

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001 - Processo número 88887.700776/2022-00.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001 - Process 88887.700776/2022-00.

Agradecimentos

Ao completar uma etapa tão importante, corre-se sempre o risco de não contemplar todas as pessoas que nos apoiam durante a jornada. Por isso, quero aqui agradecer a todas as mãos generosas me foram estendidas para que este trabalho fosse possível.

Primeiramente, agradeço a Deus. Fonte de minha inesgotável gratidão. Sem o qual nada em minha vida seria possível.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001 – Processo número 88887.700776/2022-00 –, que em tempos nebulosos de desgoverno se manteve como um núcleo de resistência, mostrando que um país sem ciência é um país sem possibilidades.

À minha orientadora, Profa. Doutora Vera Lucia Vieira. Que alma generosa! Cada reunião e conversa é uma graduação inteira. Suas orientações, observações, conselhos foram indispensáveis neste caminho. Mesmo nos momentos de tensão que a vida nos coloca, contar com seu apoio me trouxe a leveza e a sensatez que eu precisava para seguir. Seu vigor e animação são inigualáveis. Serei eternamente grata!

À minha banca, Prof. Doutor Ival Assis Cripa, que me mostrou que era possível unir duas áreas das quais sou tão apaixonada – Literatura e História. Suas aulas no curso de extensão na PUC-SP, em um momento tão difícil, no qual as câmeras eram o único recurso, foram como que um portal que me levou para dentro de mim e resgatou minha paixão pela história da América Latina. Seus conselhos na qualificação foram essenciais. Ao Prof. Doutor Alberto Luis Schneider, que me acolheu em suas aulas e provocou o melhor de mim, sem que temesse os novos conceitos, mas me conduzindo por este caminho de entendimento do mundo e consequentemente de mim mesma. Obrigada por tanto!

Aos professores e professoras do Programa de Pós-graduação da PUC-SP que mais uma vez me acolheram nesta casa. Foi como voltar no tempo e de novo ocupar o meu lugar. Obrigada a cada um pelas partilhas, explicações e debates. A cada aula, me sentia mais empelida a seguir e tomando consciência do meu papel no mundo.

Aos meus colegas de turma, nossas trocas, leituras compartilhadas e perrengues só me provaram que ainda é possível contar com pessoas generosas e dispostas a

compartilhar suas experiências para enriquecer a jornada do outro. Nossos cafés serão para sempre lembrados. Espero encontrá-los em breve.

Aos meus amigos tão queridos que torceram por mim e me deram amparo, descanso e principalmente muito amor. Sem vocês em algum momento, eu teria sucumbido. Ao meu grande amigo, diretor editorial, Marco Antonio Garcia. Minha eterna gratidão por me possibilitar a oportunidade de viver este momento tão especial. Às vezes, a gente só precisa de alguém que nos diga: “vai, o resto a gente dá um jeito”. Obrigada por me ensinar que ser um gestor está muito além das planilhas. Minha eterna gratidão. Espero um dia retribuir à altura tamanha generosidade.

Agradeço à minha família. Sem vocês definitivamente isso não seria possível. Vocês não são minha rede de apoio, são minha rede de amor e de vida. A meus pais, Cicero Alves dos Santos e Maria Josefa Alves dos Santos, cujas realidades mágicas só me mostram todo dia que eu só preciso ser quem eu sou. Obrigada pai por me dizer: “Estuda, porque conhecimento ninguém tira de você”. Obrigada mãe, por estar de joelhos, enquanto eu sigo tentando me manter de pé diante das desigualdades.

À minha irmã, Daniele Alves dos Santos, pelo apoio, carinho e, claro, por todos os *valet-nights* necessários a uma mãe acadêmica. Te amo, obrigada por sempre estar ao meu lado. Ao meu cunhado Régis Dutra, por saber compartilhar alegria e pratos cheios de afeto. Ao meu sobrinho João Alves Dutra, de quem a titia terá sempre muito orgulho. Vocês são especiais!

Aos meus amigos Missionários Monfortinos e todos os passaram e aos que hoje fazem parte de minha vida. Com vocês aprendi que faço parte desta grande família latino-americana e que uma terra sem males se faz com amor e partilha. Sigam em frente, que Deus os abençoe sempre!

E por último, mas os mais importantes, ao meu esposo Alyson José Tenório Cavalcante, que em todos os momentos me estende a mão e me diz: “estou com você!”. Seu amor e cuidado fizeram toda diferença durante este processo. Obrigada por compreender meus momentos de ausência, me acalmar nos meus momentos de medo e tensão, quando tudo parece desmoronar sobre nossa cabeça. Você faz toda a diferença em mim. Te amo! Às minhas filhas, Clara Alves Cavalcante e Elis Alves Cavalcante, que não entendiam muito bem do que se tratava este “trabalho da escola”, nem porque a mamãe passava tantas horas sozinha. Saibam que este “trabalho da escola” existe porque

acredito que um mundo melhor e uma América Latina maravilhosa esteja esperando por vocês. Amo vocês!

RESUMO:

Analisa-se a obra *Cien años de soledad* (1967), de Gabriel García Márquez, escritor, tradutor, jornalista, editor e ativista político colombiano, objetivando revelar as contribuições do romance para o entendimento de aspectos da identidade latino-americana. Revela-se como o autor, acompanhando a perspectiva em curso à época, destaca uma estética de valorização das raízes culturais latino-americanas em contraposição ao racionalismo cartesiano que embasa a maior parte da literatura afeta a tais temáticas.

Neste sentido, consideramos que Márquez incorpora elementos da subjetividade como características inerente às ações humanas que resultam em percursos históricos capazes de, à sua maneira, enfrentar a constante subjugação do ser latino-americano. Ou seja, a decolonialidade que se revela na magicidade das populações híbridas ou originárias da região.

A partir de cenas do cotidiano, tanto da cidade fictícia de Macondo como de seus habitantes, García Márquez percorre episódios históricos que tratam do processo de colonização e consequentemente das relações de subordinação, explicitando a exploração e a violência epistêmica – formas coercitivas às quais são imputados significados a fim de legitimar agendas que garantam posições de poder – uma realidade não só da sociedade colombiana, mas da América Latina como um todo. Mas, para além disso, sua obra revela o entendimento dessas populações sobre tais violências, calcado na forma particular de lidar com o devir histórico enraizado em suas culturas.

Palavras-chave: Cem anos de solidão; García Márquez; literatura latino-americana; história cultural; realismo mágico; identidade; pensamento decolonial

Abstract:

The work *One Hundred Years of Solitude* (1967) by Gabriel García Márquez, Colombian writer, translator, journalist, editor and political activist, is analyzed with the aim of revealing the contributions of the novel to the understanding of aspects of Latin American identity. It reveals how the author, following the perspective in force at the time, highlights an aesthetic of appreciation of Latin American cultural roots in opposition to the Cartesian rationalism that underpins most of the literature related to such topics.

In this sense, we consider that Márquez incorporates elements of subjectivity as inherent characteristics of human actions that result in historical trajectories capable of, in their own way, facing the constant subjugation of the Latin American being. In other words, the decoloniality that is revealed in the magic of the hybrid or native populations of the region.

Based on everyday scenes from both the fictional city of Macondo and its inhabitants, García Márquez recounts historical episodes that address the process of colonization and, consequently, relations of subordination, explaining exploitation and epistemic violence – coercive forms to which meanings are attributed to legitimize agendas that guarantee positions of power – a reality not only of Colombian society, but of Latin America as a whole. But, beyond that, his work reveals the understanding of these populations regarding said violence, based on the particular way of facing the historical evolution rooted in their cultures.

Keywords: *One hundred years of solitude*; García Márquez; Latin American literature; cultural history; magical realism; identity; decolonial thought

SUMÁRIO

Apresentação	12
Introdução	14
 Capítulo 1	 33
A vida é o que se vive para contar	
1.1 As mulheres de minha vida, mulheres de América Latina	37
1.2 Gabo: um homem que vive e narra o cotidiano	40
1.3 Quando a vida se encontra na literatura: o nó da solidão	43
1.4 Da “periferia do mundo” ao romance	48
1.5 Macondo não é Aracataca (mas Aracataca pode ser Marcondo)	54
 Capítulo 2	 60
O tamanho da solidão	
2.1 Quem são eles	60
2.2 O nó da colonização	63
2.3 Os “Donos do Mundo” diante de Macondo	68
2.4 Os habitantes de Macondo	74
2.4.1 Os habitantes e o tempo	76
2.5 Só conheciam a própria língua	81
2.6 A vara identitária com a qual nos mediram e a perda dos fatores identitários	84
2.7 A resposta para o presente está no passado	91
 Capítulo 3	 96
Uma vida que poderia ser maravilhosa	
3.1 Mil dias infelizes	100
3.2 Sim, nós temos amargas bananas	104
3.2.1 Bananas vermelhas	111
 Capítulo 4	 113
A mágica trágica contida nesta realidade	
4.1 Meu intento não foi em vão	113
4.2 O maravilhoso como resistência	119
 Considerações finais	 126
Fontes	129
Referência bibliográfica	129

APRESENTAÇÃO

Desde minha infância, em meados do final da década de 1980, tive contato direto com a cultura latino-americana, por meio da vivência em uma Comunidade Eclesial de Base (CEBs), da Igreja Católica, na periferia da cidade de São Paulo, cujos padres missionários monfortinos (Congregação de São Luís Maria Grignon de Montfort) que ali atuavam me colocaram em contato com a cultura e a arte dos povos latino-americanos. Vivíamos o final da ditadura militar, a efervescência das “Diretas Já”, a “corrida democrática” que antecedia as primeiras eleições pós-ditadura militar e nessa comunidade aconteciam reuniões e encontros promovidos por esta CEB, dos quais meus pais participavam ativamente, o que contribuía para a melhora em vários setores do bairro, incluindo moradia, transporte e promoção de cultura.

Nessas reuniões circulavam textos de autores do Cone Sul, histórias de outros missionários que se embrenhavam pelas selvas latinas, canções que se tornaram verdadeiros hinos. E em meio a esse cenário, ainda que sem entender muito bem, comecei a me identificar como uma cidadã latino-americana, pertencimento este que me acompanha até os dias atuais.

A formação em Letras, licenciatura português e espanhol, nesta Universidade (2005), levou-me a estar ainda mais próxima da cultura latino-americana, por meio de disciplinas, pesquisas e projetos, mas alguns incômodos se faziam presentes: por que a literatura latino-americana ainda não é objeto de análise como a literatura europeia? Por que não temos um programa de literatura latino-americana nas escolas? Por que os movimentos literários voltados para a América Latina não são ensinados no ensino básico? Por que não conhecemos mais por meio do ensino formal a história da América Latina? Por que a língua espanhola não faz parte da grade curricular obrigatória? Sim, eram e são muitos os incômodos.

Buscar respostas para essas questões e também meu lugar no mundo como mulher, periférica, latino-americana, profissional do ramo cultural, mãe, passou a ocupar um lugar em meu sentido de vida e meu papel no mundo. Foi quando me deparei com os estudos decoloniais, por meio do curso de Extensão, “América-Latina: conhecer a história, analisar o presente e pensar o futuro”, ministrado pelo Professor Dr. Ival de Assis Cripa, pela Faculdade de Ciências Sociais, da PUC-SP, em 2021.

O que despertou o desejo de unir as duas áreas do conhecimento pelas quais tenho tanto apreço – Literatura e História – e, ao mesmo tempo, seguir neste processo de autoconhecimento e de assumir cada vez mais meu papel social, propagando a cultura, a história e os saberes latino-americanos.

Desde a concepção deste projeto de pesquisa, caminho sob a orientação cuidadosa da Professora Dra. Vera Lucia Vieira, desvendando as camadas da obra *Cien años de soledad*, do escritor colombiano Gabriel García Márquez (1927-2014). Assim, seguimos os objetivos gerais e específicos, tendo que esta pesquisa se justifica pertinente ao debate acadêmico e para todos os que desejam compreender aspectos relevantes do processo de colonização da América Latina e que desagua em práticas coloniais vividas até os dias atuais, que desde então gera vítimas para manutenção do poder.

INTRODUÇÃO

Cien años de soledad, obra do escritor colombiano, Gabriel García Márquez, é considerada como uma das publicações de maior importância de Língua Espanhola e a que melhor representa a história e a vida dos povos latino-americanos, segundo críticos literários, como o ensaísta argentino, Enrique Anderson Imbert (1910-2000), o chileno, Luis Harss (1936); e o escritor peruano, Mario Vargas Llosa (1936), cuja tese de doutorado, defendida da Universidade Complutense de Madrid, no ano de 1971, com o título *García Márquez: história de um deicídio*,¹ traz uma análise literária de toda a produção de Gabriel García Márquez até a publicação de *Cien años de soledad*.

A obra de Gabo² ao mesclar fatos históricos entremeados à magicidade constrói o paralelo perfeito entre o mundo concreto, geográfico e a dimensão denominada “maravilhosa”, pertinente ao fantástico que toca a América Latina com seu modo particular epistêmico de enxergar a realidade, assim como afirma Mario Vargas Llosa, citado por Vieira:³

A grandeza maior de seu livro [*Cien años de soledad*] reside, justamente, no fato de que tudo nele – as ações e os cenários, mas também os símbolos, as visões, as feitiçarias, os presságios e os mitos – está profundamente ancorado na realidade da América Latina, dela se nutre e, transfigurando-a, acaba refletindo-a de maneira certa e implacável. (Llosa, 2006, p.157, Apud. Vieira, 2012, p. 257)

A primeira edição do romance data de 20 de junho 1967, pela editora Sudamericana, em Buenos Aires, Argentina, traduzida para 36 idiomas, segundo o tradutor e amigo de García Márquez, Eric Nepomuceno,⁴ conforme o mesmo aponta no perfil da edição do ano de 2018, da editora brasileira Record. Este romance é o segundo

1 LLOSA, Mario Vargas. *García Márquez: história de um deicídio*. Tese Trad. Ivone Benedetti. 1ª.ed. Rio de Janeiro: Record, 2022.

2 Gabriel García Márquez recebeu o apelido de “Gabo” ainda na infância por seus familiares. O apelido passou a ser popular tanto em sua casa como na fora dela. Na vida adulta, Gabriel García Márquez passou a responder como Gabo mesmo em ambientes mais formais, como no trabalho, entrevistas, assim como em homenagen feitas em filmes, livros e séries. Por essa razão, utilizaremos no decorrer deste trabalho o apelido de Gabriel García Márquez como sinônimo ao se referir ao autor e também para que o leitor se sinta ainda mais familiarizado a esta grande figura da literatura mundial.

3 VIEIRA, F. de P. G. *Cien años de soledad: a Macondo-América de Gabriel García Márquez como representação do continente latino-americano*. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, [S. l.], n. 12, p. 254–279, 2012. DOI: 10.46752/anphlac.12.2012.1338. Disponível em: <https://anphlac.emnuvens.com.br/anphlac/article/view/1338> . Acesso em: 14 out. 2023.

4 GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. *Cem anos de solidão*. Trad. Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro: Record, 2018, p. 23 e 24.

livro mais importante de literatura hispânica, estando a sua frente apenas *Dom Quixote de la Mancha*, de Miguel de Cervantes.

É das publicações latino-americanas a que alcançou um número inimaginado de vendas no mercado editorial mundial, tratando-se de uma obra do Cone Sul que quebrou com a hierarquização do saber eurocêntrico e alcançando uma posição de relevância no mercado editorial internacional.

Muito se atribui o sucesso do romance *Cien años de soledad* às vendas realizadas, mas pensamos que esse sucesso editorial é fruto da soma de fatores inerentes à obra e às circunstâncias então vigentes quando de sua primeira publicação em meio a um cenário de crise política e econômica e de reafirmação de valores pelos quais passava a América Latina, entre as décadas de 1960 e 1970.

Pensar no sucesso de vendas que alcançou este romance já é em si um tema vasto e muito interessante, se pararmos para refletir sobre como uma obra do Cone Sul alcançou tamanha representatividade no mercado editorial mundial. A dimensão da pesquisa que isso requer, remete a outro tema, o que não é o objeto da presente pesquisa, embora se façam necessárias algumas informações sobre este fenômeno editorial.

O momento histórico-literário conhecido também como *Boom*⁵ latino-americano, se caracteriza pelo afluxo de escritores” como Júlio Cortázar, Argentina; Carlos Fuentes, México, Gabriel García Márquez, Colômbia, que trazem em suas obras características marcantes, como ditaduras, aspectos socioeconômicos e culturais, além da Revolução cubana que depôs o ditador Fulgêncio Batista em 1959, o que impulsionou ainda mais os debates críticos. A literatura passa, assim, a ser um aparato poderoso de contestação ao paradigma europeu, ampliando as possibilidades de entendimento da América Latina, como trataremos com mais detalhes no Capítulo 3 deste trabalho.

⁵ Sobre a “génesis y el florecimiento de un linaje de pensamiento latinoamericanista desarrollado a lo largo de cinco generaciones de intelectuales del ConoSur entre 1900 y 1960, ver: Embora o autor enfatize os intelectuais dessa região, situa também intelectuais de outras regiões latino-americanas, pois conforme suas palavras, “*Los debates y diversas corrientes intelectuales surgidas en ese periodo representaron un tiempo latinoamericano, es decir, un periodo de excepcional productividad intelectual que contribuyó a la formación de una identidad latino-americana*”. PEREIRA, Diego Martín. *El tiempo latinoamericano: Alberto Methol Ferré y las generaciones integracionistas en el Cono Sur (1900-1960)*. Instituto de Relações Internacionais, UNB. Brasília, 2020 (mestrado), pg. 01. Ver tb: COUTINHO, E.F. (org.). *A unidade diversa: ensaios sobre a nova literatura hispano-americana*. Rio de Janeiro: Ed. Animo, INL, 1985; JOSEF, B. *História da literatura Hispano-americana*. Petrópolis: Vozes, 1971.

Observa-se assim que, embora o conceito de decolonialidade não tivesse ainda sido cunhado, podemos dizer que tais autores se puseram, cada qual a seu modo, é evidente, enquanto incursos em uma perspectiva decolonial.⁶

Diante da grande repercussão que *Cien años de soledad* alcançou, a mesma rendeu a García Márquez reconhecimento internacional, que passa a ser considerado como uma espécie de embaixador da voz latino-americana para o mundo. Gabo recebeu muitos prêmios pelo conjunto de sua obra, dentre eles o Prêmio Nobel de Literatura, em 1982.

Ao tratar particularmente de *Cien años de soledad* para esta pesquisa percebemos que Gabriel García Márquez, por meio da construção de alegorias, mescla elementos ficcionais com fatos históricos vividos não apenas pela comunidade referida no romance,⁷ mas em acontecimentos ocorridos por toda a latino-américa, o que faz desta narrativa um objeto de estudo atual e relevante.⁸

Com isso, não ignoramos o fato de que um romance, como aborda alguns teóricos literários, trata-se de uma narrativa de acontecimentos dispostos em uma sequência no tempo, que faz a audiência desejar por saber o que acontece depois, ao findar-se cada capítulo, assim como nos afirma Edward M. Foster (1998, p. 29). Porém, para esta pesquisa nos apoiamos no papel social da literatura como um ser vivo, composto de diferentes partes, mas que expressa uma realidade, assim como nos afirma Tzvetan Todorov (2008, p. 82). E a literatura como um fenômeno da civilização, capaz de produzir nos indivíduos uma tomada de consciência, assim como demonstra Antonio Cândido (1997, p. 26).

⁶ CASTRO, Edna. Razão decolonial, experiência social e fronteiras epistemológicas (pg. 35 a 63) e MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia. O “giro decolonial” latino-americano e a razão do outro: a transmodernidade como deslocamento epistemológico (pg. 63 a 85), in: CASTRO, Edna. *Pensamento crítico latino-americano* (org.). São Paulo: Annablume, 2019.

⁷ Esta pesquisa se apoia no conceito de Romance trazida por Bakhtin, em *Teoria do Romance I: a estilística*. Segundo o autor, o romance é um fenômeno pluriestilístico, heterodiscursivo, heterovocal (p. 27). Sendo o romance um gênero heterodiscursivo compreende toda a diversidade de vozes e discursos que povoam a vida social, ou seja, todas as manifestações da experiência humana individual e social (p. 13). Para Bakhtin, o romance não toca somente os gêneros literários, mas também acolhe todos os gêneros do discurso, o que nos remete à polifonia das várias vozes sociais e à multiplicidade de sentido. Pois, ainda segundo Bakhtin, “a estilística tradicional desconhece esse tipo de combinação de linguagens e de estilos em uma unidade superior e carece de um enfoque do peculiar *diálogo social das linguagens* no romance” (p. 30).

⁸ Para que não haja interferência com a tradução, este trabalho se utiliza da versão do romance em espanhol, edição comemorativa de 1987-2007, da editora Sudamericana (Buenos Aires, Argentina), editora publicadora da obra original em 1967.

O livro conta a história de um povoado fictício chamado Macondo, fundado por José Arcádio Buendía e sua esposa Úrsula Iguarán. Macondo, de repente, é assolado por uma peste que os impedia de dormir, causando-lhes insônia. Enquanto as pessoas buscam pela cura, os sintomas pioram, o que faz com que elas passem a sofrer também de “um esquecimento coletivo”, chegando ao ponto de não se lembrarem sequer de seus nomes, dos nomes dos objetos à sua volta e de sua própria identidade.

Cronologicamente a narrativa se passa no decorrer de um século, percorrendo sete gerações. No entanto, outros formatos de tempo são reconhecidos no decorrer do texto, que serão objetos de observação nesta pesquisa, como a diferença do tempo cíclico, do tempo cronológico, do tempo das personagens, apenas na medida em que nos auxiliam na compreensão da latinidade inerente ao texto.

Pois não há como deixar de mencionar episódios e exemplos do romance em que o tempo é utilizado como elemento importante que nos auxiliará na compreensão de particularidades do modo de vida latino-americano.

Em cada geração, os nomes se repetem, as mazelas se repetem, o labirinto latino-americano se forma, de maneira que os males parecem não ter solução. A cura dos males e da insônia é trazida pelo cigano, chamado Mequíades. Homem corpulento, de barba incômoda e mãos de pardal. No entanto, a cura dos males de Macondo, assim como dos males da América Latina, ainda padece sem solução.

A partir do singular, da peculiaridade, o autor constrói uma narrativa que revela a síntese das múltiplas determinações que configura uma latinidade na qual todos os que leem o romance se sentem incursos. É este reconhecimento tácito, intuitivo, subjetivo, que revela a existência de uma estética nessa obra.

Assim, o sucesso da obra se deve à revelação do ser social latino-americano que não se traduz em palavras, quase impossível de ser explanado racionalmente, mas que a percepção dos sentidos capta durante a leitura. Assim como diz Luckács em sua teoria do romance, exemplificada pela análise da imanência do romance de Balsac,

Por meio dessa homogeneidade paradoxal da matéria (incluindo-se aí a intensa subjetividade do personagem principal), que resulta da extrema heterogeneidade de seus elementos, salva-se a imanência do sentido. (Luckács, 2000, p. 114.)⁹

O romance revelou como o imaginário ali contido integra, como experiências vividas, o real latino-americano o que, em si, não é inusitado, pois inúmeros romances latino-americanos revelam tal característica, ou seja, expressam dimensões do real dado que as pessoas atuam e estabelecem relações sociais nelas calcadas.

*En tal sentido, el giro epistemológico instalado por Walter Mignolo (2007) (visa) crear una especie de diálogo entre las formas de conocimiento para romper con la colonialidad del poder (interrelación entre formas modernas de explotación y dominación), del saber (rol de la epistemología y las tareas generales de la producción de conocimiento) y del ser (experiencia vivida de la colonización y su impacto en el lenguaje) establecidos históricamente. [...] Desde este punto de vista, la epistemológica transcompleja es una alternativa para la superación de la visión reduccionista, simplificadora y colonizadora del conocimiento. Para que así sea habrá de incluir lo irracional y antirracional, el desorden, la paradoja, lo virtual, así como la búsqueda de un sentido de la vida desde una óptica que complementa la razón, la intuición y la imaginación, así como los aportes de las ideas expuestas en las diferentes epistemologías revisadas y otras en un proceso de complementariedad.*¹⁰

A busca desta perspectiva epistemológica já se encontra na perspectiva analítica singular denominada “Realismo Mágico”.

*Una vez Gabriel García Márquez dijo: “Mi problema más importante era destruir la línea de demarcación que separa lo que parece real de lo que parece fantástico. Porque en el mundo que trataba de evocar, esa barrera no existía. Pero necesitaba un tono inocente, que por su prestigio volviera verosímiles las cosas que menos lo parecían, y que lo hiciera sin perturbar la unidad del relato. También el lenguaje era una dificultad de fondo, pues la verdad no parece verdad simplemente porque lo sea, sino por la forma en que se diga”.*¹¹ (Vélez, 2014, p. 6)

Neste sentido, buscamos resgatar exatamente isso, a expressão do realismo latino que se manifesta no mágico constructo contido neste romance. Foram tantas as evidências encontradas são tantos os detalhes que remetem o leitor aos momentos históricos do período colonial colombiano em suas múltiplas dimensões: histórica, social, psicológica,

⁹ LUKÁCS, Georg, 1885-1971. *A teoria do romance: um ensaio histórico- filosófico sobre as formas da grande épica*. Tradução, posfácio e notas de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000. p. 240.

¹⁰ VILLEGAS G., Crisálida. Hacia una epistemología latinoamericana y Caribeña. *AULA -Revista de Humanidades y Ciencias Sociales*. Vol. 66, n. 1, enero-junio, p. 9-20, 2020 ISSN:0254-7597, pg. 18. (Dialnet-HaciaUnaEpistemologiaLatinoamericanaYCaribena-9063100.pdf; 2007). Tb. WALTER, Mignolo *La Idea de América Latina. La Herida Decolonial y la Opción Decolonial*. Barcelona: Gedisa, 2007.

¹¹ VÉLEZ, Andrés Colorado. Los caminos y las encrucijadas literarias de la poética kafkiana. *Artes, la revista*, v. 13, n. 20, p. 69-78, 2014.

política, econômica que, de fato, demonstram a premissa luckactiana sobre a posição do romance na produção literária:

Se a “representação” realista vale mais do que a crônica e a reportagem, se o “narrar” vale mais do que o “descrever”, é porque quem narra e representa penetra mais profundamente e com meios artísticos nas “leis dialéticas objetivas” da estrutura do real. O escritor atinge um grau tanto maior de realismo quanto mais consegue trazer à luz, para além dos fenômenos de superfície, as verdadeiras forças motrizes do desenvolvimento social, isto é, a essência – artisticamente configurada – de um determinado momento, situação ou conexão histórico-social relevante para a humanidade. Oldrini, in: Lukács, 2016, p. 14).¹²

Isso posto podemos afirmar que o romance contém, inerentemente à trama construída pelo autor, a identidade latino-americana. Mas, quais aspectos dessa identidade? A própria forma do ser social latino, para o qual, o reconhecimento do real perpassa pela aceitação tácita de que a racionalidade contém também o inexplicável.

Em outras palavras, não se pode negar uma evidência porque não conseguimos explicar o fenômeno, assim como aceitar como não real o que esquecemos, a desmemória decorrente dos traumas provocados, por exemplo, pela violência física e epistêmica – constructo que perpassa todo o romance.

Tantas evidências da violência que permeiam tal dinâmica histórica, não apenas colombiana, mas todo o continente, nos permitiram buscar pela análise da imanência, classificá-las e as explicar, visando compreender como esta multiplicidade de situações se articulam, liames que se entrelaçam, cuja síntese permite a objetivação de como *Cien años de soledad* revela aspectos do ser social latino-americano construída em sua historicidade.

Ao elencar as categorias de análise para refletirmos este objeto emergem temas que a perspectiva decolonial nos aponta, tais como, a violência do processo de colonização da América Latina, o apagamento cultural (amnésia coletiva), a colonialidade, o questionamento sobre “quem somos” enquanto povos latino-americanos; sugerindo uma reinterpretação do passado e apontando, concomitantemente, para um tempo presente vivido pela sociedade latino-americana ainda hoje – a construção do pensamento decolonial.

¹² OLDRINI, Guido. Em busca das raízes da ontologia (marxista) em Lukács. Pg. 9 a 39, In LUCKÁCS, G. *Para uma ontologia do ser social* - II, Boitempo, 2016, pg. 14. <https://gpect.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/12/ff130318ae9d9b74571de73bdc7d1509.pdf>.

Isso posto, *Cien años de soledad* revela como a violência do processo colonial engendrou a necessidade de uma resistência que encontra forças em dimensões da realidade que estão postas na natureza e que ultrapassam a racionalidade lógica.

É neste diapasão que o percurso da história da América Latina contém como elemento essencial, aquilo que denominamos de fantástico, sob pena de impossibilitar o reconhecimento de suas identidades.

Ao voltar nossa atenção para o tempo cronológico, os episódios históricos, o fluir da vida não é compreensível e nem pode ser apreendido sem a incorporação dos conceitos desenvolvidos pela analítica do *Realismo maravilhoso*, o qual Alejo Carpentier afirma não ser um privilégio do Haiti (desde onde ele fazia seus relatos na obra *O reino deste mundo*), mas sim patrimônio da América inteira (Carpentier, 2009, p.10).

O que nos leva a considerar que este movimento literário não é somente um conjunto de ferramentas que versa sobre linguagem e estilo e que, no mesmo diapasão dos autores acima citados, vai em busca das ferramentas que possibilitem aos analistas entender a realidade latino-americana a partir de uma epistemologia que a revele e não a partir de paradigmas externos. Para além disso, expressa uma força de resistência, com um discurso que permite determinar coordenadas de uma cultura, de uma sociedade e de uma linguagem latino-americana (Monegal, In: Chiampi, p. 13).¹³

Ao seguir por esta perspectiva, um dos primeiros cânones a que tivemos que renunciar foi o de associar a dinâmica dos contextos históricos referidos na obra a uma cronologia cartesiana. Pois, embora a obra esteja inserida entre os anos 1960-1970, os tempos históricos confluem para outras temporalidades cujas dimensões como que se repetem, possibilitando ler o tempo histórico como cíclico, cuja sequência se repete, retornando ao passado na construção do futuro. Não por acaso, os anos 1960 e 1970 na América Latina são identificados como os anos de auge do Realismo Mágico, de sua expansão e maior propagação, embora, segundo alguns autores, sua emergência possa ser encontrada nos idos de 1920, se considerarmos as contribuições de Alejo Carpentier como pioneiras.

Por isso, já nesta introdução, ainda que de forma breve, abordamos a teorização sobre este movimento literário que, a partir da segunda metade do século 1920, enseja

¹³ MONEGAL, Emir Rodríguez. “Apresentação”. In: CHIAMPI, Ilmar. *O realismo maravilhoso: forma e ideologia do romance hispano-americano*. São Paulo: Perspectiva, 2015.

rupturas com as normas artísticas e com a estética de origem europeia, como o dadaísmo, surrealismo, cubismo, o que faz com que escritores latino-americanos passem a produzir seus textos segundo novas regras (Figueira, 2016). Isso aponta, segundo o autor Lauro Figueira,¹⁴ citando Ramón Xirau, uma “crise no realismo”.

Seja qual for o período considerado como o de sua emergência,¹⁵ observa-se um aspecto em comum: o Realismo Mágico surge (ou ressurge) em momentos de diferentes questionamentos a uma lógica que teve início no processo de colonização, que subsume os valores originários das populações indígenas e afrodescendentes a modos de vida exteriores às suas raízes originais, promovendo, entre outros aspetos, o apagamento de sua memória sobre seu passado recente e o ancestral.

Mas, para além disso, seus teóricos latino-americanos¹⁶ questionam os parâmetros epistemológicos que norteiam a produção do conhecimento sobre a América Latina. Parâmetros estes que, por partirem de fundamentos calcados em realidades “estrangeiras”, seriam dotados de três males essenciais: olham de forma vesga a realidade latino-americana; menosprezam o que se lhes apresenta como diferente e se recusam à construção de uma epistemologia que seja própria para esta realidade.

Observa-se este questionamento nos diferentes autores que analisam os múltiplos da sociabilidade, desde o da religiosidade, por exemplo, até o entendimento sobre a dinâmica do desenvolvimento latino-americano, que o colonizador sequer reconhecia como existente. Conforme Galeano traz, em sua obra *Veias abertas da América Latina* que,

¹⁴ FIGUERA, Lauro. Realismo mágico ou realismo maravilhoso. *MOARA – Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras* ISSN: 0104-0944, Belém, n. 14, p. 21-33, jul/dez., 2000. Pará: Universidade Federal do Pará.

¹⁵ Partimos da Apresentação do trabalho de Irlmar Chiampi sobre as origens do termo Realismo Mágico em que Emir Rdríguez Monegal afirma: “[...] Em 1925, o historiador e crítico de arte Franz Roh cunhou o termo realismo mágico, já ficou patenteado o ponto de vista fenomenológico que iria predominar na crítica hispano-americana desde os anos quarenta. Em seu livro *Nach Expresionismus (Magischer Realismus)*, Roh visava caracterizar como realista mágica a produção pictória do pós-expressionismo alemão [...], cuja proposta era atingir a significação universal [...] representar as coisas concretas e palpáveis, para tornar visível o mistério que ocultam. (Chiampi, 2015, p. 21)

Ver também: FIGUERA, Lauro. Realismo mágico ou realismo maravilhoso. *MOARA – Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras* ISSN: 0104-0944, Belém, n. 14, p. 21-33, jul/dez., 2000. Pará: Universidade Federal do Pará.

¹⁶ Neste ponto nos referimos a alguns autores, como Aníbal Quijano, Catherine Walsh, Walter Mignolo, que sistematizaram o pensamento decolonial latino-americano, cujo conhecimento é validado sem a necessidade de interface de olhares colonizadores.

“Fuera de Europa los conocimientos pierden jerarquía epistémica porque las gentes son consideradas ontológicamente inferiores.” (Mignolo, Walter. in: Quijano, 2019, p. 19)

A América era um vasto império do Diabo, de redenção impossível e duvidosa, mas a fanática missão contra a heresia dos nativos se confundia com a febre que, nas hostes da conquista, era causada pelo brilho dos tesouros do Novo Mundo. (Galeano, 2021, p.31)

Assim, ao longo do processo de colonização a subsunção das identidades latino-americanas aos parâmetros dos colonizadores as colocou em xeque e consequentemente as inferiorizou, para o que contribuíram muito a violência institucional impingida àqueles que se recusassem a aderir ao novo modo de vida, calcado no objetivo de transformar a América em um grande negócio europeu. (Galeano, 2021, p. 45)

Quando Gabriel García Márquez estava escrevendo *Cien años de soledad*, muitos outros autores de diferentes áreas também discutiriam sobre o incômodo que sentiam com relação ao modo como a história latino-americana era narrada e com as razões dadas para o seu “atraso” comparativamente aos padrões de desenvolvimento capitalista atingidos pelos países considerados centrais. O próprio Márquez adentra a essa discussão quando destaca de suas memórias a situação de precariedade econômica que ele e sua família passaram dadas as condições socioeconômicas latino-americanas. Ele aponta em sua obra *Viver para contar* como foi vítima desse sistema econômico opressor que o mantinha e à sua família, sem recursos para sobreviver:

[...] Mestre Ramón recebeu-me como um discípulo a mais porque tinha lido meus contos no *El Espectador*. No entanto, nunca poderia imaginar que chegaria a ter com ele a liberdade de pedir dinheiro para a viagem a Aracataca com minha mãe. (Márquez, *Viver para contar*, 2003, p.111)

Refere-se García Márquez, neste volume que contém seus relatos biográficos, ao tema das desigualdades que grassavam o continente latino-americano, como ainda se manifesta nestes tempos em que redijo esta dissertação.

Acompanhando os debates na área da literatura que apresentamos no início, inúmeros intelectuais debatiam as causas dessa condição de miserabilidade e, desses debates surgiram propostas alternativas que visavam solucionar, se não, minimizar tais condições.

Desde a crise de 1929, os países latino-americanos vinham adotando políticas defensivas para enfrentar a depressão, reforçadas durante o conflito mundial, e que gerou um processo espontâneo de industrialização e de maior intervenção do Estado na economia. Terminada a Segunda Guerra Mundial, predominava a ideologia industrializante na América Latina, potencializada pelo acelerado incremento da atividade industrial e pelo processo de urbanização. Eram anos em que desenvolvimento e industrialização eram sinônimos, relação que continuou

válida até o final dos anos 70, na ótica do próprio Banco Mundial (O campo, 1998, apud: NERY, 2004, p. 22)¹⁷

Mas a crise que se abateu no continente com a retração das demandas econômicas europeias depois dessa guerra, levou inúmeros intelectuais, não só a diagnosticarem os “males do continente”, mas também a gestarem propostas alternativas de desenvolvimento.

Além disso, o reconhecimento de que tais condições eram comuns aos diferentes países, fez com que acabassem por se reunir em torno de uma comissão criada pela Assembleia Geral da ONU, em 1947, dadas as queixas da exclusão do continente no Plano Marshall através do qual o Estados Unidos injetou milhares de dólares para a recuperação da economia europeia. Tratava-se da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal), cuja importância estava no fato de que o continente latino-americano teria representação própria nos organismos internacionais, o que tiraria o papel do Estados Unidos como mediador do continente na ordem mundial que se reestruturava naquele pós-segunda guerra.

Apesar de todas as críticas e das divergências internas entre os pensadores que se aglutinaram na Cepal, este instituto daria origem à primeira escola de pensamento latino-americano de influência mundial. De acordo com Kay, “(...) *the ECLA school can claim to be the first genuine Third World development school*”¹⁸ (Kay, 1989, p.26, apud: NERY, idem, p. 25).

Essas discussões pautaram uma área do pensamento crítico cunhada como Pensamento Social, que se trata da reflexão de uma sociedade sobre si mesma, ao tentar explicar as origens do atraso, tendo como base as relações de subordinação ao imperialismo ibérico ou norte-americano¹⁹ e a construção de uma mentalidade calcada nos parâmetros da colonialidade. Tal pensamento norteava as organizações e a militância que buscavam soluções para alterar tal condição, dentre as quais se situavam os debates aglutinados em torno da Cepal.

¹⁷ NERY, Tiago. *A economia do desenvolvimento na América Latina: o pensamento da Cepal nos anos 1950 e 1990*. Mestrado. Rio de Janeiro: PUC, Instituto de Relações Internacionais, 2004. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/5213/5213_3.PDF>.

¹⁸ “Podemos afirmar que a escola CEPAL seja a primeira escola genuína de desenvolvimento do Terceiro Mundo” (Tradução livre).

¹⁹ <https://latinoamericana.wiki.br/verbetes/p/pensamento-social>

Conforme Ulisses Pereira e Francisco Horácio,²⁰ os debates buscavam identificar tanto os problemas resultantes da tardia industrialização da periferia, impulsionada pelo pós-segunda guerra, como pelas raízes provenientes de períodos históricos anteriores, como a revolução industrial, trazendo assim a teoria do subdesenvolvimento econômico e seus desdobramentos sobre a evolução do capitalismo mundial e suas repercussões aqui na latinoamérica. (2008, p. 5).

Ao se levar em conta uma desigualdade constituída desde o período da colonização, tais autores também se perguntavam como, em meio a um processo violento de dominação que colocava uma nação contra a outra, tornando seus países reféns de uma ordenação mundial estruturante desde o período colonial, seria possível superar tal estado de subordinação e dependência.²¹

Esse *boom* intelectual que expressa o pensamento crítico de meados do século 20 na América Latina, exemplificados aqui na área da literatura e da economia, também se manifestou no campo epistemológico.

Pois, como analisar as evidências de que tais povos, quase que intuitivamente, absorvem, reagem contra esse novo curso imposto às suas dinâmicas históricas e, mais do que isso, como eles o compreendem, que constructos intelectuais processam para o entendimento de tal realidade e que, inerentemente, contêm suas formas de resistência?

Chegamos assim ao ponto crucial a que nos remetem as reflexões abstraídas deste romance de Márquez: ter objetivado a percepção de mundo daqueles povos em face àquela dominação avassaladora e como isso se revela resistência.

A resposta a tal indagação nos remeteu à epistemologia contida na corrente analítica cunhada como Realismo Mágico e é neste sentido que tomamos as características que transparecem no romance.

Ou seja, não apenas como a expressão de um movimento literário, mas como um modo com o qual o autor conseguiu capturar como as formas de ser social daquelas

²⁰ DOS SANTOS, Ulisses Pereira; DE OLIVEIRA, Francisco Horácio Pereira. Três fases da Teoria Cepalina: uma análise de suas principais contribuições ao pensamento econômico latino-americano. *Análise–Revista de Administração* da PUCRS, v. 19, n. 2, 2008.

²¹ PINTO, Aníbal. *El pensamiento de la cepal y su evolución*. El trimestre económico, vol. LXXXVI (3), núm. 343, julio-septiembre de 2019, pp. 743-779. *Fondo de Cultura Económica*. Disponível em: <<https://www.eltrimestreeconomico.com.mx/index.php/te/article/view/894/1067>> <https://doi.org/10.20430/ete.v86i343.894>. Acesso em: 06.dez.2023.

sociedades referidas no texto expressam, por um lado, a defesa de tudo que vinha sendo perdido desde o início do processo de colonização: a terra, a identidade, as crenças, as memórias. Mas, por outro, expressa o constructo intelectual daquela resistência o que, em última instância, é sua reafirmação identitária, isto é, numa perspectiva decolonial.

Tomado enquanto movimento literário, assim nomeado por Carpentier, o Realismo Mágico percebe o quanto a cultura latino-americana desses povos e incorpora no real a magicidade. Neste sentido, a representação desta realidade traz características do real em sua dimensão empírica da latino-americanidade e dimensões do real contidas nas subjetividades que se expressam pelos signos, símbolos componentes da cultura daquela sociedade, conforme Carpentier:

[...] o maravilhoso começa a sê-lo de maneira inequívoca quando surge de uma alteração da realidade (o milagre), de uma revelação privilegiada da realidade, de uma iluminação inabitual ou especialmente favorecedora das inadvertidas riquezas da realidade [...] (Carpentier, 2009, p. 9)

Através de sua narrativa Márquez expõe como as culturas dos povos retratados no romance incorporam ao real, forças aleatórias e imanentes como aspectos da concretude social dado que “o real maravilhoso se encontra em cada passo nas vidas de homens que inscreveram datas na história do Continente e deixaram nomes ainda lembrados” (Carpentier, p. 10).

Uma literatura cujo objeto é o real maravilhoso que expressa os acontecimentos latino-americanos em suas múltiplas dimensões culturais do fazer-se histórico que, ainda segundo Carpentier, traduz-se em uma sensação do maravilhoso que pressupõe uma fé, uma fé coletiva (Carpentier, p. 9-10).

Foi no transcorrer dos anos 1930, segundo Francine Iegelski (2021),²² que a crítica reconheceu que havia algo novo na produção literária latino-americana em que os ficcionistas de diferentes países passaram a tratar em suas obras, com profundidade e amplitude, a herança colonial e a violência da realidade histórica e social do continente.

A magicidade enquanto uma dimensão da resistência, passou a integrar temas literários como o das revoluções, as disputas religiosas, a luta pela terra. Temas estes que são recorrentes na obra de García Márquez, por meio da qual expressa muito bem a realidade latino-americana, como demonstraremos no decorrer desta dissertação.

²² IGELSKI, Francine. História conceitual do realismo mágico: a busca pela modernidade e pelo tempo presente na América Latina. *Almanack*, 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/alm/a/ssCBnC5jqtn4NmLjLsmtptL/?lang=pt>> Acesso em: 19 abr. 2023.

[...] todas as informações históricas demonstram que a economia colonial, no passado, produziu enorme riqueza para as classes que, na região, eram associadas ao sistema capitalista de domínio. (Galeano, 2021, p. 52)

A questão do real em Gabriel García Márquez é que este compõe uma narrativa “histórico fantástica” ou “literária real” (se assim podemos chamar), pois se utiliza de dados da própria história para problematizá-la por meio de Macondo e de seus habitantes que encontram o paralelo perfeito com o substrato cultural inerente à realidade latino-americana. Como, por exemplo, o episódio conhecido como Massacre das Bananeiras e que é resgatado no romance. Depois da matança dos trabalhadores, se inicia um período de chuvas em Macondo que dura quatro anos, onze meses e dois dias.

No llovía desde hacía tres meses y era tiempo de sequía. Pero cuando el señor Brown anunció su decisión se precipitó en toda la zona bananera el aguacero torrencial que sorprendió a José Arcadio Segundo en el camino de Macondo. Una semana después seguía lloviendo. La versión oficial, mil veces repetida y machacada en todo el país por cuanto medio de divulgación encontró el gobierno a su alcance, terminó por imponerse: no hubo muertos, los trabajadores satisfechos habían vuelto con sus familias, y la compañía bananera suspendía actividades mientras pasaba la lluvia. (García Márquez, (1967-1987), 2007, p. 319)

Ou seja, como que incapazes de deglutir tal violência, o povo de Macondo gesta outra versão da realidade: o massacre não existira, constrói-se uma versão de apagamento daquela memória: choveu tanto posteriormente que tal barbárie foi apagada, mas, não só, foi substituída por uma visão idílica da realidade que passou a integrar a sua realidade. Ora, são conhecidos os suicídios entre os povos originários quando o sofrimento da escravidão lhes era insuportável. A questão é que tal versão é tomada para todos os fins das decisões daqueles habitantes.

Autores europeus que analisam tais contos tendem a menosprezar a concretude social que tais romances retratam, seja como destituída de racionalidade, ou em outras palavras, por manter-se pautada por parâmetros irracionais, há muito superados na Europa.

É o caso, por exemplo, da aceitação da bruxaria como componente do real, aqui referido a partir da constatação desta rejeição europeia expressa por vários autores. Segundo Galeano, os intérpretes europeus consideravam que

A América de Voltaire, habitada por índios preguiçosos e estúpidos, tinha porcos com o umbigo às costas e leões calvos e covardes. Bacon, De Maistre, Montesquieu, Hume e Bodin negaram-se a reconhecer “homens degradados” do Novo mundo como seus semelhantes. Hegel falou da impotência física e espiritual da América e que os indígenas tinham perecido ao receber o sopro da Europa. (Galeano, 2021, p. 65-66)

Para além deste debate que aborda, primeiro, o reconhecimento desta dupla função do realismo mágico: ser uma corrente literária que analisa e dá nome ao romance latino-americano que incorpora como dimensões do real, manifestações vistas como extrassensoriais. Em segundo lugar, assume tais manifestações como sendo, de fato, concretas, ao reconhecer que a trama do romance expressa o real.

Esta é a totalidade do significado da denominação “realismo mágico” ou o “real maravilhoso”. O romance assume um papel para além de uma narrativa ficcional, mas converte-se em um texto reflexivo.

Outrossim, torna-se um instrumento que se coaduna perfeitamente com as análises de fontes que Pesavento denomina de “não oficial”, dentre elas as crônicas, os almanaques, as revistas, os romances etc. que, sem dúvida, são objetos de um outro tempo, mas que dependem do historiador para lhe revelar sentidos (Pesavento, 2014, p. 97 e 98).

É ainda nesta corrente que se insere a discussão sobre a ficção na História e do potencial das fontes como documento de uma época, que permite, ou não, estabelecer verdades sobre o passado. Por outro lado, é ainda por esse campo que se coloca o estatuto específico da narrativa histórica, onde ela se aproxima e se afasta do discurso literário. (Pesavento, 2014, 71)

No caso do presente romance, em face ao realismo maravilhoso, considera-se que fica garantido o estatuto específico da narrativa histórica, pois, como afirma Carpentier, em *O reino deste mundo*, o real maravilhoso se encontra em cada passo nas vidas dos homens que inscreveram datas na história do Continente. (p. 10) Ou seja, esta corrente literária nos dá possibilidades de interpretar a realidade latino-americana a partir de seus entes e não por meio de leituras que o europeu descrevia sobre o que para ele seria a América Latina a partir de sua visão de mundo branco, europeu, colonizador.

O que também nos remete, neste sentido, à Djamila Ribeiro, filósofa brasileira e ativista feminista negra, quando ela propõe a reflexão sobre o *Lugar de Fala*, tratando de feminismo plural, mas que cabe bem aqui em nosso diálogo com Márquez. Segundo ela, a mulher negra não tem um lugar social de fala, de um modo pelo qual seja possível tirar proveito. (Ribeiro, 2023, p. 54). Este “lugar de fala” de que trata Ribeiro não é o lugar da vivência individual, mas trata dos lugares sociais ocupados pelas mulheres negras.

Percebemos com a leitura de *Cien años de soledad* que a América Latina também não tem seu lugar de fala garantido perante o mundo, que tem seus acessos negados, pois

segue subjugada perante o poder do homem branco europeu que se entende como universal.

Refletir a partir do conceito de Ribeiro é pensar que a voz do colonizador europeu não é a única voz a ser ouvida, é não impedir que o outro também fale e Márquez é esta outra voz que aponta a necessidade de uma coexistência que não aconteceu com a chegada dos colonizadores. Há de se pensar que a voz do colonizador não é uma voz única e que determina o destino dos demais.

Concordamos também com Frantz Fanon, psiquiatra e filósofo martinicano, quando em *Pele negra, máscaras brancas* coloca em xeque a maneira como entendemos o mundo e o quanto provoca desconforto o despertar de nossa consciência e o senso crítico sobre quem somos. (Fanon, 2008, p. 14) Pois ao ler *Cien años de soledad* também percebemos que esta consciência de que trata Fanon vem como força de resistência contra a imposição de desvio de existência imposta pela cultura europeia. (Fanon, 2008, p. 30)

Por esse motivo, analisar a América Latina a partir de um movimento literário próprio é buscar este lugar de fala; de quem fala desde seu lugar de pertencimento, que não é atravessado pelo discurso de quem é privilegiado e neste caso o colonizador europeu, ou atravessado pelo modelo de literatura europeia imposto à América Latina, talvez ao mundo, mas uma literatura realizada a partir de experiências próprias latino-americanas para uma leitura decolonizada, criadora de consciência sobre pertencer no mundo.

Nesse sentido, entendemos que o realismo mágico toma uma dimensão maior do que a de uma corrente literária, pois torna-se efetivamente uma ferramenta para interpretar a própria América Latina e para o entendimento de suas dimensões e particularidades, um lugar de fala e de escuta da realidade latino-americana.

Essa dimensão do realismo mágico que se coaduna com as da história cultural é a do reconhecimento do “agente sem rosto”, trazido por Michelet, que se traduz como a representação do povo, das massas, personagens da História e protagonistas dos acontecimentos, além de resgatar os sentimentos e as sensibilidades desses protagonistas (Pesavento, p. 19).

Sob esse aspecto, fizemos uma relação com um dos grupos de personagens de Gabriel García Márquez, no romance, os ciganos de Macondo, para citar um exemplo.

Eles formam um núcleo dentro de sua obra que traz à tona um tipo de personagem protagonista daquele momento histórico colombiano, os “agentes sem rosto”, novamente nos referindo a Michelet. Pessoas do cotidiano que representam um aspecto cultural a ser analisado na perspectiva da história local. O que nos remete a um dos papéis sociais da literatura, o de ouvir aqueles que não são ouvidos, reconhecendo a história a partir de outros prismas que não os impostos por uma literatura dita clássica.

A literatura que explicita o realismo mágico enquanto concretude social contém ainda a reconfiguração de experiência temporal. Para Ricoeur, em *Tempo e narrativa*, toda configuração narrativa implica uma reconfiguração de uma experiência temporal.

A narrativa reapresenta um tempo que, no caso da história, pressupõe um pacto com o passado: o leitor espera um relato verdadeiro e todo ato de escrita da História comporta essa tensão: chegar lá, no real acontecido. (Ricoeur, (1994-1997) in Pesavento, p. 35)

Sob essa perspectiva e em conformidade com Ricoeur, *Cien años de soledad* é um texto que traz o passado colombiano no tempo presente do autor por meio do microcosmo do cotidiano local latino-americano e das pequenas ações que revelam individualidades pessoais, atitudes, hábitos, valores, costumes, ou seja, a dinâmica da vida e de sua identidade, uma ficcionalização da história. (Ricoeur, op. cit., in Pesavento, p. 36)

O que nos remete à *micro-história* que, ao reduzir a escala de análise permite, a partir de um fragmento, que se consiga obter um aspecto mais amplo de possibilidades de interpretação. (Ginzburg, 1991, in Pasavento, idem, p. 72). Ou seja, partindo de múltiplos fragmentos da realidade concreta, identificando sua composição imanente para a compreensão da essência do ser, daquilo que é comum a todos. Isto é, buscar a unidade na diversidade.

Nesse sentido, o realismo mágico se apresenta como uma ferramenta de denúncia utilizada pelos povos ameaçados de perder “seus rostos” contra o eurocentrismo e de resistência ao assumir uma posição ideológica em defesa da identidade subjugada pelo processo de colonização, ou seja, incorpora no real a magicidade latino-americana.

Cien años de soledad representa a América Latina, por meio das vivências das personagens no povoado de Macondo, pois nele estão contidas características do real em sua dimensão empírica, ou seja, da experiência do autor, que trazem as subjetividades e que se expressam pelos signos, símbolos componentes da cultura daquela sociedade, conforme enfatiza Carpentier:

[...] o maravilhoso começa a sê-lo de maneira inequívoca quando surge de uma alteração da realidade (o milagre), de uma revelação privilegiada da realidade, de uma iluminação inabitual ou especialmente favorecedora das inadvertidas riquezas da realidade [...] (Carpentier, 2009, p. 9)

Ao seguir a lógica de Carpentier, a narrativa de Márquez ultrapassa a barreira do que é real por meio de forças aleatórias e imanentes que também expressam aspectos da concretude social dado como ele observa que, “é rara a dança, na América, que não encerre um profundo sentido ritual, criando-se em torno dele todo um processo iniciado [...]” (Carpentier, 2009, p. 10).

No entanto, ao mencionarmos o Realismo Maravilhoso não podemos deixar de expor nesta introdução, ainda que de forma breve, a origem o termo ou de seu uso, segundo alguns autores. Existem algumas explicações para a origem do termo. Para Iegelski (2021, p. 3), Carpentier, em *O reino deste mundo* (1949), criou acontecimentos extraordinários que, entre 1750 e 1830, precederam e se seguiram à revolução haitiana e, a partir de memórias das populações pré-hispânicas, narrou a evolução e as lutas das populações indígenas contra os invasores estrangeiros.

Lauro Figueira (2000, p. 23) aponta uma possível origem em fins da segunda década do século 20, quando os escritores latino-americanos passaram a propor uma nova poética, após experiências com os surrealistas franceses e a esse novo estilo chamaram de “realismo maravilhoso americano”. Para Maria Ramírez Ferreira a origem do termo realismo mágico é europeia, aparecendo na produção do crítico literário alemão Franz Roh que, no livro intitulado *Realismo mágico – Post expresionismo* (1927),²³ usa para descrever um estilo de pintura que emerge em 1925. Figueira (p. 22) aponta ainda que Roh fala sobre uma dialética em que vive o homem e que não aparece somente na pintura pré-expressionista, o que abre a possibilidade de identificá-la na produção artística de forma geral.

Para entendermos melhor este debate, buscando objetivar o conceito, será necessário mencionarmos preliminarmente, que existe uma distinção entre os termos “realismo mágico” e “realismo maravilhoso”. Os autores que trabalham com essa distinção apontam que a expressão realismo mágico explica uma estética de uma “nova visão” da realidade (Irlemar Chiampi (1980), in: Figueira, op. cit., p. 22). Outros entendem que o realismo mágico é uma estética narrativa que antecede o realismo

²³ ROH, Franz. *Realismo Mágico. Post expresionismo*. Madrid, Revista de Occidente, 1927.

maravilhoso, segundo a leitura feita por Jorge Quiroga do texto de *Alejo Carpentier* (1984) (in: idem, p. 23). Já o realismo maravilhoso demonstra uma nova expressão da poética latino-americana, apresentando-se o termo “maravilhoso” como um complemento ao realismo mágico (Figueira, idem, p. 24).

Mas talvez seja em Irlemar Chiampi que encontramos uma clara distinção, não só entre os termos já cunhados, mas a introdução de um novo: Realismo Mágico, Realismo Maravilhoso e Realismo Fantástico. Começamos pela acepção da palavra “maravilha”, que vem do latim *mirabilia*, com sentido de “coisas admiráveis”, em contraposição à *naturalia*, coisas comuns, segundo nos explica Chiampi. Para ela, o maravilhoso preserva algo de humano e a escolha desse termo se dá por uma perspectiva estritamente literária. Já o termo mágico, segundo ela, pertence a uma outra esfera cultural, a uma esfera que pretende controlar o que é sobrenatural. (Chiampi, 2015, p. 48)

Já para o escritor e crítico cubano, Leonardo Padura (1989), também citado por Figueira, o realismo maravilhoso complementa a realidade tematizada pelo realismo mágico. Segundo Padura, citado por Figueira, a fé, tida como um dos elementos para suscitar o maravilhoso, causa uma certa confusão nas características do realismo maravilhoso com o realismo mágico quanto à identificação da prática estética de cada um, pois acreditar nos acontecimentos misteriosos se constitui como essência para a visão mágico-realista. (Figueira, op. cit, p. 25)

No entanto, consideramos que as concepções sobre realismo maravilhoso desenvolvidas pelos principais expoentes latino-americanos denotam um outro conceito que a lógica cartesiana europeia separa, pois incorpora à racionalidade humana dimensões da percepção, quando desconsidera que compõe essa racionalidade a intuição, as dimensões extra-sensoriais e a captação de energias que circundam na sociabilidade humana.

Trata-se da objetivação da identidade latino-americana em suas múltiplas dimensões e conexões que compõem sua dinâmica histórica. Esta dimensão do realismo maravilhoso se torna mais clara à medida em que analisamos sob a perspectiva dos conceitos de decolonialidade.

Isso posto, esta pesquisa pretende apresentar de forma mais abrangente a análise do objeto proposto.

No **Capítulo 1**, uma breve historiografia do autor García Márquez em seu tempo. Neste item, abordamos o contexto no qual o autor se insere, o momento histórico colombiano, trazendo elementos do processo de colonização que nos ajudem a compreender este contexto. Além disso, no que tange aos aspectos biográficos, apresentaremos o contexto social em que Gabo estava inserido, quais eram os escritores que compunham sua rede, por meio da qual o autor estabelece relações que influenciam em sua carreira, principalmente como escritor, e seu modo de pensar naquele momento de efervescência da Literatura latino-americana.

No **Capítulo 2**, refletimos sobre o processo de colonização da América Latina, representada na obra pelo vilarejo de Macondo, e que tocam em temas como o apagamento cultural (amnésia coletiva), – colonialidade; o questionamento sobre “quem somos” enquanto povos latino-americanos, tratando dos habitantes de Macondo; sugerindo uma reinterpretação do passado e apontando, conseqüentemente, como a imposição do fundamentalismo epistêmico europeu que se instaura .

No **Capítulo 3**, ao elencar as camadas de reflexão objetivadas do romance, demonstramos como as relações de poder ppor parte se solidificam. Por meio de fatos históricos entremeados da magicidade própria dos povos latino-americanos, o romance nos revela como a América Latina segue como um grande negócio, em um momento em que o fim do imperialismo ibérico abre espaço ao imperialismo norte-americano. Momento em que a denominada modernidade justifica mais uma vez a exploração dos indivíduos e de suas terras.

No **Capítulo 4**, demonstramos como o movimento realismo maravilhoso, cujo embaixador é o autor do objeto de nossa análise, Gabriel García Márquez, utilizou a literatura como ferramenta social de resistência e de identidade latino-americana, que leva em conta as diferenças coloniais. E como por meio deste movimento, demonstrando a partir da análise de nosso objeto, podemos sair da lógica colonial, validando os saberes aqui existentes, apontando um novo modo de pensar decolonial.

Assim esta pesquisa pretendeu contribuir com a comunidade acadêmica para uma reflexão aprofundada das questões que levaram ao apagamento da identidade latino-americana no decorrer do processo de colonização europeu propostas pela obra *Cien años de soledad* numa perspectiva decolonial.

CAPÍTULO 1 | A vida é o que se vive para contar

É compreensível que insista em nos medir com a mesma vara com que se medem, sem recordar que os estragos da vida não são iguais para todos e que a busca da identidade própria é tão árdua e sangrenta para nós como foi para eles. A interpretação da nossa realidade a partir de esquemas alheios só contribui para tornar-nos cada vez mais desconhecidos, cada vez menos livres, cada vez mais solitários.²⁴ (García Márquez, 2018, p. 10)

Comumente grandes obras, assim como toda pesquisa, nasce, na maioria das vezes, de uma insatisfação ou curiosidade. Insatisfação que pode surgir da vivência de um indivíduo por estar desprovido de recursos, por não se conformar com o mundo como ele está posto, ou por questionamentos que partem de um “não lugar” de existência do ser social.²⁵ Da consciência que é despertada a partir da necessidade de se buscar por respostas.

Nesta busca por respostas, foi na régua da obra de Gabriel García Márquez que encontrei caminhos para traçar um itinerário sobre o resgate dos aspectos identitários latino-americanos. Não como um modelo absoluto, mas como uma obra tão imersa na realidade que o autor denomina a da “solidão” que se revela tal identidade, a qual o autor reconhece estar subjugada à racionalidade europeia, que, segundo Márquez, em seu discurso intitulado “A solidão da América Latina”, na premiação do Nobel de Literatura, em 1982, “a interpretação da nossa realidade a partir de esquemas alheios só contribui para tornar-nos cada vez mais desconhecidos, cada vez menos livres, cada vez mais solitários”. (García Márquez, 2018, p.10)

Diante de uma plateia de letrados, quebrando protocolos, trajando um *liques*, roupa típica caribenha, Márquez recebe o prêmio de maior reconhecimento da Literatura mundial pelo conjunto de sua obra.

Mas, como um homem de origem comum rompe a solidão que o envolve e se torna o maior expoente da América Latina? Como um homem que nasce em Aracataca, interior da Colômbia, em 6 de março de 1927, ganha visibilidade mundial a partir de seus escritos?

²⁴ García Márquez, Discurso “A solidão da América Latina”, para o Prêmio Nobel, 2018, p. 10.

²⁵ DOS SANTOS, Elisabete Figueroa; DIOGO, Maria Fernanda; SHUCMAN, Lia Vainer. Entre o não lugar e o protagonismo: articulações teóricas entre trabalho, gênero e raça. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, v. 17, n. 1, p. 17-32, 2014, p. 26.

Convido o leitor a mergulhar nas origens desta solitária figura, por meio de seu livro autobiográfico, *Viver para contar*, de onde extraímos detalhes relevantes da formação do autor que reverbera em seu romance mais conhecido *Cien años de soledad*. Além desta fonte, traremos informações de outros escritos que revelam mais detalhes sobre o escritor latino-americano que abriu mão, em parte, de seus privilégios, em função de uma militância cultural e política.

Filho mais velho de onze filhos – de Luisa Santiaga Márquez e de Gabriel Elisio García –, Gabo ou Gabito, como era chamado pela família, nasce em um lar típico latino-americano que, segundo o próprio Márquez narra em *Viver para contar*. Sua família se instala em Aracataca, há 912km da capital Bogotá, dezessete anos antes que ele nascesse, mesmo período em que começavam as manobras truculentas da empresa norte-americana, United Fruit Company para assumir o monopólio da banana (García Márquez, 2003, p. 39). Este pequeno município, que segundo Gabo, era “um bom lugar para se viver, onde todo mundo conhecia todo mundo, na beira do rio de águas diáfanas” (2003, p. 9), situado no departamento Magdalena, é onde o itinerário de sua vida e desta pesquisa começam:

A mudança para Aracataca estava prevista pelos avós para ser uma viagem ao esquecimento. Traziam a seu serviço dois índios *guajiros* – Alirio e Apolinar – e uma índia – Meme – comprados em sua terra por cem pesos cada um quando a escravidão já tinha sido abolida. (García Márquez, *Viver para contar*, 2003, p. 40)

Ou seja, nessa casa, como em muitos outros lugares, em que o costume da escravidão indígena continuava arraigada, que Gabo nasce. Era a casa dos avós maternos, Doña Tranquilina Iguarán e o coronel Nicolás Ricardo Márquez Mejía, vivendo com eles em Aracataca os primeiros oito anos de sua vida. Aos cuidados dos avós e das tias, ele conta que pouco viveu com seus pais – não mais do que três anos no total, somados os de Aracataca, Barraquilla, Cartagena, Sincé e Sucre (García Márquez, 2003, p. 170). Ao completar um ano de idade, seus pais precisaram se mudar de Aracataca por questões financeiras e vão para Barranquilla.

A falta de recursos econômicos é um tema que toca boa parte da vida de García Márquez e, segundo ele afirma em outro trecho de seu discurso ao receber o Nobel, em 1982, toca não apenas sua vida, mas a de muitos latino-americanos, vítimas do sistema colonialista que constitui práticas opressoras contra os povos colonizados. Conforme suas palavras:

Eu me atrevo a pensar que é esta realidade descomunal e não só a sua expressão literária, que este ano mereceu a atenção da Academia Sueca de Letras. Uma realidade que não é a do papel, mas que vive conosco e determina cada instante

de nossas incontáveis mortes cotidianas e que sustenta um manancial de criação insaciável, pleno de desdita e de beleza e do qual este colombiano errante não passa de uma cifra assinalada pela sorte. (García Márquez, 2018, p. 9)

Este é um dos aspectos que assume proporções descomunais no cotidiano da vida dos colombianos, que os faz morrer um pouco mais todo dia, mas que, dialeticamente, suscita a profunda criatividade plena de “desdita e beleza”. Assim, mesmo que a família de Gabriel García Márquez fizesse parte de um grupo privilegiado em Aracataca, isso não os livrou de passar por períodos de muita penúria, não fosse a ajuda de parentes. Seu pai que era um conservador, trabalhava como farmacêutico; o avô, um coronel liberal e veterano da Guerra dos Mil Dias (1899-1903).

Ingressou na Faculdade de Direito, como era desejo do pai, mas, apesar de toda a dificuldade, abriu mão desta carreira e optou pela vida de jornalista e posteriormente a de escritor. Ainda bem jovem, Márquez se posiciona ao lado dos liberais, com pensamentos livres, anticlericais e de ideais liberais econômicos.

Em 1954, foi morar em Roma, Itália, como correspondente na Europa do jornal *El espectador*. Mas tinha o desejo de trabalhar também com cinema e, por esse motivo, se mudou para Paris, França, segundo nos relata Roberto Herrera, no artigo “Gabriel García Márquez: el hombre”.²⁶ Tudo isso, sem dúvida, coloca Márquez num lugar de privilégio, o que não se pode deixar de levar em conta.

Contudo, sobre este aspecto retomamos a reflexão da filósofa Djamila Ribeiro, pois percebemos que Gabriel García Márquez, ainda que ocupasse um lugar de privilégio na sociedade colombiana, preferiu falar desde um lugar de militância por uma América Latina subjugada. Ou seja, integra o segmento dos jovens de famílias de classes médias que, adentrando ao mundo universitário e, pelo acesso à informações e teóricos, assumiam posições progressistas ou até mesmo revolucionárias, somando forças para o que genericamente, naqueles anos, eram considerados “de esquerda”.

Com sua literatura polifônica, conceito que concordamos com Mikail Bakhtin em *Teoria do romance I: a estilística*. (2015, p. 29); desde um lugar de fala autenticamente latino-americano, Gabriel García Márquez questiona a ideia de dependência

²⁶ HERRERA, Roberto. “Gabriel García Márquez: el hombre”. Hernández de López, Ana María (Hg.), *En el punto de mira: Gabriel García Márquez*, Madrid: Editorial Pliegos, p. 345-356, 1985. Disponível em: <https://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca_ele/aepe/pdf/boletin_29_15_83/boletin_29_15_83_11.pdf> Acesso em: 03.fev.2024.

epistemológica europeia, mostrando que a realidade latino-americana é diferente da realidade europeia.

O que não coloca Márquez em um lugar de inquestionabilidade, pois no decorrer de sua vida ele passa por mudanças de postura social e política. Mas neste contexto que analisamos que gira em torno de sua ascendência como escritor mundialmente conhecido e a escrita de *Cien años de soledad*, sua história como indivíduo latino-americano demonstra engajamento com as agendas voltadas aos menos favorecidos e com a militância que objetivava uma América Latina culturalmente autônoma em sua produção.

Uma postura que, como a de muitos jovens de muitas famílias colombianas, porque não dizer da América Latina, revoltam-se com a herança colonial que desembocou na exploração que se seguiu por parte de grandes empresas, como a United Fruit Company, que, conforme Eduardo Galeano, “toda a região continua como serviçal, continua existindo para satisfazer as necessidades alheias, como fonte de reserva de cobre e carne, frutas e café”. (2021, p. 17)

O desenvolvimento de sua consciência de si enquanto integrante de uma realidade que, por sua subordinação e dependência não atingiria a plena independência, tornou-se consciência para si quando optou pela vida de jornalista e posteriormente como escritor, o que até hoje não é uma carreira devidamente valorizada em todo o Cone Sul, possibilitou-lhe resgatar, pela literatura, o universo imaginário enquanto positividade inerente a este mesmo continente.²⁷

Sua obra de maior repercussão, *Cien años de soledad*, é fruto deste momento financeiro caótico de sua vida. Estava ajustado com o editor Francisco Porrúa, da casa editorial Sudamericana de Buenos Aires, Argentina, a entrega do material. Mas, os seis meses de trabalho viraram catorze, segundo nos conta Eric Nepomuceno em “Gabriel García Márquez: duas anotações para um perfil”.²⁸ No meio da produção do romance, o dinheiro acabou. Mercedes, a esposa de Márquez, já tinha penhorado o que podia: rádio, televisão, utensílios domésticos. Quando finalmente o livro ficou pronto, o casal devia nove meses de aluguel e quatro meses de açougue, além da padaria e da quitanda.

O golpe final veio na hora de despachar os originais para Buenos Aires, onde a poderosa editora Sudamericana esperava por eles. O funcionário do correio pesou

²⁷ GOLDMANN, Lucien. *Sociologia do Romance*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

²⁸ NEPOMUCENO, Eric. Gabriel García Márquez: duas anotações para um perfil. In: García Márquez, Gabriel. *Cem anos de solidão*. 102 ed. Tradução: Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro: Record, 2018.

o pacote, e disse: “São 82 pesos”. Mercedes contou notas e moedas, e disse ao marido: “Só temos 53”. Os dois dividiram o pacote pela metade e despacharam. Era uma sexta-feira, teriam até a segunda para tentar descobrir de onde tirariam o dinheiro para mandar a outra metade.

Quando enfim conseguiram empenhar o secador de cabelos de Mercedes, o aquecedor elétrico da *Cueva de la Mafia* e uma bateadeira de bolo que tinham ganho como presente de casamento, mandaram o que faltava. E só então perceberam que no pacote despachado antes estava, na realidade, a segunda parte do livro. Quer dizer: o editor recebeu primeiro a parte final. (García Márquez, 2018, p. 23)

Esse episódio da vida de Márquez, denota a dificuldade pela qual passa boa parte dos autores na América Latina até os dias atuais. E demonstra também a grandiosidade literária contida em *Cien años de soledad*, pois mesmo o editor recebendo a metade “errada” considerou a riqueza contida na parte que recebeu. Este episódio sem dúvidas evidencia a matéria-prima do próprio realismo maravilhoso.

Estamos diante de um autor que deliberou pelo discurso dos desvalidos. Por fazer esta opção, encarou as consequências desta escolha, tendo ele mesmo experimentado as situações que relatava. O que não o torna um herói, no sentido clássico e romântico, mas que o coloca desde esse lugar de exclusão como alguém que tem um lugar de fala e de escuta nesta América Latina subordinada.

1.1 Mulheres de minha vida, mulheres da América Latina

A primeira casa onde García Márquez vive era, majoritariamente, habitada por mulheres, segundo ele mesmo descreve: “um reino de mulheres”. (García Márquez, 2003, p. 38) Mulheres que trabalham na casa, cantam enquanto executam tarefas cotidianas. Tudo isso sem a presença dos homens, que saem para as vaquejadas, guerras ou fundar aldeias. Mas era no meio daquela “tropa de mulheres”, (idem, p. 77) na presença do único homem daquela casa, o avô, o coronel Nicolás Márquez Mejía, que Gabo se sentia totalmente seguro. “Era o reino das mulheres que viviam e trabalhavam na casa, e cantavam a coro com a avó enquanto a ajudavam em seus múltiplos trabalhos.” (García Márquez, 2003, p. 38)

Ter nascido e passado a infância em convivência com mulheres que conduziam a organização da casa, enquanto os homens partiam para as missões, não lhe dava muitas perspectivas, pois as relações se encerravam em si, o que condicionou sua condição identitária (a pobreza, a mesmice do cotidiano, universo restrito às relações entre

comadres). Mas, por outro lado, era um cotidiano permeado do sobrenatural que traduzia múltiplas culturas originárias, com suas formas próprias de ver e interagir com o mundo.

Isso se introjetou e se projeta na sua obra, mas, diferentemente do condicionamento que determina o comportamento e a obra, detectado por Ginsburg quando analisa a relação entre a vida e a produção nietzschiniana, a de Gabo ultrapassa tais condicionantes.

Pois, conforme Ginzburg (2002, p. 26-27) Nietzsche, nascido na casa de um pastor; filho e neto de pastores protestantes, leitor da *Bíblia* na tradução de Lutero estava, naturalmente, destinado a ser também pastor, trazendo para a sua obra essas características particulares do seu entorno, como a religiosidade, os estudos do Antigo Testamento, que marcam sua identidade, como o medo e a culpa. Estudou História da Igreja e Filologia Clássica, que também contribuíram para uma autobiografia rígida.

Mas a obra de Gabo parece expressar outros aspectos de seus condicionamentos familiares. Enquanto vivia intensamente sua infância ao lado de mulheres – tema que não nos alcança aprofundar nesta dissertação tamanha sua profundidade –, que eram responsáveis por suas interconexões com o mundo, incorpora o imaginário que permeava a concretude sociabilidade daquelas mulheres. Este ambiente feminino marca sua identidade e, porque não dizer, marca identicamente a história da América Latina.

O protagonismo feminino

Interessante pensar como, nesse contexto de machismo patriarcal que ditava o modo de vida, são as mulheres na vida do autor e, porque não dizer na sociedade latino-americana, as responsáveis pelo pêndulo: realidade e maravilhoso. É na vivência com essas mulheres que Gabo se constrói como um ser no mundo fora dos esquemas alheios:

Naquele dormitório também havia um altar com santos de tamanho humano, mais realistas e tenebrosos que os da Igreja. Foi ali que sempre dormiu tia Francisca Simodos e a Mejía, uma prima-irmã de meu avô que nós costumávamos chamar de tia Mama, que morava na casa como dona e senhora desde que seus pais morreram. Eu dormia na rede ao lado, apavorado com o piscar dos santos pela lâmpada do Santíssimo que não foi apagada até que todos morreram [...].

No fundo do corredor havia dois quartos que eram proibidos para mim. No primeiro vivia minha prima Sara Emilia Márquez, uma filha de meu tio Juan de Dios antes de seu matrimônio, e que foi criada por meus avós. [...] tinha uma personalidade forte, e abriu meus primeiros apetites literários com uma preciosa

coleção de contos de Calleja, com ilustrações muito coloridas, e da qual nunca me deixou chegar perto temendo que eu a desorganizasse. Foi minha primeira frustração como escritor. (García Márquez, 2003, p. 37-38)

Quanto centenas de milhares de crianças não teriam vivenciado os mesmos temores, o do desconhecido que poderia aparecer no piscar da luz das velas, em meio ao negrume de quartos amplos nos quais os barulhos dos assoalhos refletiam qualquer som, circundado por altares, cujas imagens, à noite, pareciam ganhar vida. Eram parâmetros que também ajudavam a manter crianças sob controle. Além disso, revela o trecho a constituição elástica da família, envolta naquele conservadorismo: a filha bastarda do tio que fora criada pelos avós e que convivia familiarmente com todos.

A questão da mulher na obra de Márquez é um tema grandioso, que não nos alcança abranger nesta pesquisa, mas que tratamos de forma embrionária em artigo no qual analisamos algumas de suas sublineares alegorias.

Ao levantar as mulheres em *Cien años de soledad* destacam-se doze mulheres (Úrsula Iguarán, Rebeca, Amaranta, Remedios Moscote, Pilar Ternera, Santa Sofía de la Piedad, Carmelita Montiel, Fernanda del Carpio, Remedios, a bela, Petra Cotes, Meme Amaranta Úrsula). Pesquisas e artigos demonstram passagens deste romance que se relacionam a textos bíblicos, refletindo sobre o simbolismo deste número. O que nos leva a relacionar que o início de Macondo esteja relacionado ao livro do *Gênesis* e seu ciclo se encerra relacionado ao *Apocalipse*, por exemplo. Segundo afirma a professora Maria Beatriz Zanchet,²⁹ essa apropriação que Márquez faz de referências que advêm dos textos bíblicos nos remete a uma articulação com leituras míticas, o eterno retorno.

Ao partir dessa premissa, levantamos uma hipótese que as doze mulheres deste romance estejam relacionadas às doze tribos, comunidades patriarcais do antigo povo de Israel: Rúben, Simeão, Judá, Zebulom, Issacar, Dã, Gade, Aser, Naftali, Benajmin, Levi e José. (*Gênesis* 29, 32-35; 30, 1-13, 17-24) Porém, em *Cien años de soledad*, diferentemente do texto bíblico, cujas tribos são marcadas predominantemente pela presença masculina, Márquez opta por ressaltar a presença das mulheres por meio de suas personagens, em cada geração da família Buendía.

Cada uma dessas personagens têm um modo de se relacionar socialmente e um papel dentro da trama e na História da América Latina. Assim como as mulheres presentes

²⁹ ZANCHET, Maria Beatriz. *Repetição e fatalidade em Cem anos de solidão*. Maringá: CESUMAR, 2007.

na vida de Márquez, avó, tias, primas, as mulheres em *Cien años de soledad* possibilitam uma leitura social deste período, fornecendo uma outra perspectiva desse mesmo recorte histórico. Mulheres que também foram vítimas primeiramente do sistema colonial e depois do imperialismo norte-americano representado no romance pela chegada da United Fruit Company.

Além disso, questionamos aqui brevemente como essas mulheres latino-americanas encararam esse processo de colonização, uma vez que elas (nós) traziam e trazem até os dias atuais a marca do colonialismo em que o homem é o indivíduo e a mulher o objeto. E que formam parte dos extratos mais desvalidos da sociedade que em escala podemos classificar: homem branco, mulher branca, homem negro, mulher negra (latina).³⁰ Uma camada excluída histórica e politicamente com baixas possibilidades de se tornarem seus membros plenos de direitos, sem espaço para difusão da própria fala. Ou seja, condição da mulher subalterna.

No interior deste processo de inferiorização do gênero feminino a presença das mulheres indígenas neste contexto colonizatório é também um fator de relevância. Segundo Suelen Siqueira Julio, em seu artigo “Mulheres indígenas na América Latina Colonial”, o papel da mulher neste período é marcado “por serem sexualmente disponíveis ou por sofrerem abusos” (2015, p. 2). O que desemboca em todas as consequências impostas à mulher pela prática colonial como dito anteriormente.

1.2 Gabo: um homem que vive e narra o cotidiano

Assim, García Márquez, como uma “cifra assinalada pela sorte”, foge do que, sem dúvida, seria seu destino já assinalado: ser vítima em um país, como tantos outros da América Latina, eivado de mortes prematuras decorrentes de algum mal neste labirinto de pobreza e miséria.

³⁰ Aqui nos referimos a reflexão da Doutora em Literatura Comparada, Gayatri Spivak, em *Pode o subalterno falar?* (2010). Neste ensaio, a professora trata da situação da mulher subalterna na Índia, mas que nos leva a considerar a situação da mulher na latino-americana para a qual tampouco existem lugar de fala. “[...] a mulher como subalterna, não pode falar e quando tenta fazê-lo não encontra os meios para se fazer ouvir. É, principalmente, à mulher intelectual que seu apelo final se dirige – a ela caberá a tarefa de criar espaços e condições de autorrepresentação e de questionar os limites representacionais, bem como seu próprio lugar de enunciação e sua cumplicidade no trabalho intelectual.” (SPIVAK, Gayatri. 2010, p. 17-18)

Conforme dissemos, imerso nesse cenário, o pai de Márquez, Gabriel Eligio García, sonha com o dia em que Gabo o brindaria com um diploma universitário, não importando qual, desde que tivesse um diploma (García Márquez, 2003, p. 22).

Mas, com o passar do tempo, Gabo se dá conta de que sua grande paixão não era a carreira em direito, que abandonara após cursar seis semestres, para frustração de seu pai. O que queria de verdade era aprender a técnica de “romancear”. Nesse período tinha publicado seis contos em suplementos de jornais, que ganham a atenção e o apreço de amigos e críticos. Mas, embora sua face jornalística ficasse cada vez mais evidente, o que recebia por seus artigos e colunas diárias mal dava para seus gastos (García Márquez, 2003, p. 8).

É no microcosmo constituído pela casa dos avós, na convivência com as tias, com as primas, em Aracataca dos anos 1930, que ele emerge da realidade das “classes subalternas”.³¹ Em *Viver para contar*, ele afirma que na casa onde morou com os avós e com as tias, as histórias que ouviu durante sua infância e que passa a recontar em seus romances, lembram episódios do cotidiano de uma vida simples na qual tudo era “partilhado”, inclusive as memórias.

Assim, a memória coletiva se funde à memória individual, numa relação de pertencimento entre a vida cotidiana do povoado e os relatos que ouve de seus familiares, transitando entre uma memória pessoal e uma memória coletiva.³²

Em suas narrativas, em especial em *Cien años de soledad*, ele passa a construir personagens que atuam como narradores oniscientes, ou seja, dotados de uma autoconsciência, não importando o que ele é para o mundo, ou o que o mundo é para ele, e, assim, captando elementos e realizando pequenas narrativas particulares de si mesmo, de “solidões particulares”. O que Bakhtin trata como “Fluxo de Consciência”, ou seja, a polifonia contida no ser (personagem), a qual revela suas subjetividades e identidade, a autoconsciência.³³ É provável que tal característica Gabo tenha absorvido das leituras que

³¹ GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. O cotidiano de um moleiro perseguido pela Inquisição. Trad. Maria Betânia Amoroso. Tradução dos poemas: José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 16.

³² HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva e a memória histórica. In: *Memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990, p. 53.

³³ Nos estudos literários, segundo Mikhail Bakhtin, em *Problemas da poética de Dostoiévski*, tem-se que as personagens podem ser dotadas de uma autoconsciência, que “possui independência excepcional na

influenciam sua formação, como Faulkner, em cuja produção ele mesmo afirma ter encontrado semelhança, pois os povoados dos romances de Faulkner se pareciam ao seu povoado. (García Márquez, 2003, p. 21)

Eu havia comprado no porto uma boa provisão de cigarros dos mais baratos, de tabaco negro e com um papel vagabundo, e comecei a fumar à minha maneira da época, acendendo um na guimba do outro, enquanto relia *Luz de agosto*, de William Faulkner, que era então o mais fiel de meus demônios tutelares. (García Márquez, 2003, p. 10)

Ou seja, foi o contato com outras literaturas, no caso Faulkner, que Gabo se deu conta das possibilidades de traduzir aqueles “demônios tutelares” que circundavam suas memórias que ele percebeu as possibilidades de construir personagens literários a partir de suas vivências, da realidade que o circundava e de um tempo (o presente do autor) e locais específicos (também do autor - Colômbia, mais especificamente Aracataca).

Uma escrita pautada na realidade empírica, dotada de experiências pessoais e experiências culturais (García Márquez, 2022, p. 55). Márquez não toma apenas a imaginação e a fantasia como matérias-primas para elaboração do romance, mas parte primeiramente de sua autoconsciência, de alguém que antes de tudo se reconhece como latino-americano e que vive as aflições de um território historicamente regado pelas penúrias herdadas dos colonizadores e agora (seu tempo) sob o jugo da colonialidade e de imposições de poderes múltiplos.

À medida que Márquez escolhe narrar os fatos cotidianos, transformando suas próprias vivências na própria lógica latino-americana,³⁴ sua narrativa fica rodeada de fatos extraordinários e maravilhosos, que emergem entrelaçados à realidade.

O grande erro de muitos escritores, diz ele, é o de se tentar contar a realidade latino-americana de outro modo, racionalizando ou falseando uma realidade que é propriamente latino-americana, quando responde ao então amigo, Mario Vargas Llosa,

estrutura da obra, é como se soasse *ao lado* da palavra do autor, coadunando-se de modo especial com ela e com as vozes plenivalentes de outros heróis” (p. 5).

“A autoconsciência, como *dominante artístico* da construção da personagem, não pode situar-se em concomitância com os outros traços da sua imagem; ela absorve esses traços como matéria sua e os priva de qualquer força que determina e conclui a personagem. A autoconsciência pode ser convertida em dominante na representação de qualquer pessoa.” (p. 56)

BAKHTIN, Mikhail; VOLOSHINOV, V. N. *Problemas da poética de Dostoiévski*. rev. 5 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

³⁴ García Márquez (1927-2014). *Dois solidões: um diálogo sobre o romance na América Latina*/ Gabriel García Márquez, Mário Vargas Llosa. Tradução: Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro: Record, 2022, p. 39.

em ocasião dos encontros que tiveram em Lima, Peru, em setembro de 1967. (García Márquez, 2022, p. 53-54)

Por essa razão, Gabo escolhe estruturar seu romance sob o prisma de sua própria realidade. E isso talvez nos explique como um homem comum como ele, que emerge das “classes subalternas latino-americana” torna-se um dos mais talentosos e reconhecidos escritores da América Latina e do mundo. Particularmente acredito que isso decorre, em grande parte, dessa opção por assumir a magicidade de sua realidade em sua escrita. Escreve o que “acredita”, pois assim vivenciou, falando de todas as “verdades” que circundam a América Latina.

Sempre tive consciência de estar contando uma boa história, contando como acredito que essa história deveria ser contada, e quando digo “acredito” já estou falando de todas as verdades: políticas, sociais, literárias, tudo. (García Márquez, 2022, p. 84)

1.3 Quando a vida se encontra na literatura: o nó da solidão

García Márquez ao receber o prêmio na Academia Sueca expõe na ocasião que tudo o que ele precisa para compor sua obra está dentro dele mesmo, isto é, o maravilhoso que causa surpresa na academia e, ao mesmo tempo, aquilo que é considerado inóspito para eles. Seja a beleza ou o que é feio refletido em sua escrita, não é resultado de uma busca externa, mas é fruto de tudo o que está contido em um cotidiano que em muitos momentos parece absurdo.

[...] Poetas, mendigos, músicos e profetas, guerreiros e malandros, todos nós, criaturas daquela realidade desaforada, tivemos que pedir muito pouco à imaginação, porque para nós o maior desafio foi a insuficiência dos recursos convencionais para tornar nossa vida acreditável. Este é, amigos, o nó da nossa solidão. (García Márquez, 2018, p. 9-10)

Novamente aqui o tema da solidão que campeia a vida dos diferentes, dos designados por que se destacam por alguma condição específica naquela sociedade e não por atributos meritórios, necessariamente, mas por carregarem (sonhos poetas, músicos, profetas, guerreiros) ou desilusões (mendigos e malandros).

Como um narrador da própria sua experiência,³⁵ ele está integrado àquela forma fantasmagórica da vida cotidiana e familiar, subsumida ao contexto histórico, momento

³⁵ BENJAMIN, Walter. O narrador. In: _____. *Obras escolhidas. Magia, Técnica, Arte e Política*. Tradução: Sergio Paulo Rounet. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 198.

em que a América Latina deixa de ser, fundamentalmente, uma pertença europeia (Galeano, 2021, p. 45) e passa a ser majoritariamente, um negócio exploratório norte-americano, perpetuando a opressão herdada do processo de colonização.

Países como Honduras, Panamá e Equador, convertem-se em grandes exportadores de bananas nos anos 1930, pelas quais a United Fruit Company paga um centavo de imposto por cacho (como no caso de Honduras).

Concomitantemente a isso, na Colômbia, “a United Fruit Company, cujos sistemas artificiais de irrigação eram os responsáveis por aquela barafunda das águas, desviou o curso dos rios provocando enchentes” e, em dado momento, “o mais grave daqueles dilúvios desenterrou os corpos do cemitério”. (García Márquez, 2003, p. 43) Episódio este que também faz parte do cotidiano, que fez emergir a memória. Isso porque, por onde passa, a companhia deixa rastros de ruínas, mediante a exploração da força de trabalho transformada em mercadoria e extração de recursos e a dizimação de muitas vidas, como tratamos no Capítulo 3, no item 3.2.

Assim, o processo de exploração desigual e combinado da América Latina a que se referia Prebisch na Cepal, verifica-se na Colômbia, na particularidade da instalação, naquele país, da gigante United Fruit Company, dando continuidade ao processo de exploração e domínio europeu e agora repercutido no presente por uma empresa estadunidense.

Da plantação colonial, subordinada às necessidades estrangeiras e, em muitos casos, com financiamento estrangeiro, provém em linha reta o latifúndio de nossos dias. Este é um dos gargalos de garrafa que estrangulam o desenvolvimento da América Latina e um dos primordiais fatores da marginalização e da pobreza das massas latino-americanas. (Galeano, 2021, p. 88)

Em Aracataca, segundo Márquez, multidões chegavam de trem apinhados de gente em busca de meios para sobreviver. Gente que se banhava em cisternas e com baldes, que habitavam as casas de madeira com telhas de zinco, situação de imigrantes que tornava este lugar sem fronteiras (García Márquez, 2003, p. 43).

O que nos remete à continuidade do padrão de poder por parte dos países considerados centrais, constituída agora pelo discurso da modernidade de natureza empresarial/ industrial, em parceria com os “donos” do Estado, os quais implementam

políticas de controle de importações de matéria-prima³⁶ que legitimam a opressão e a desigualdade nos países que assumiam como autoridades e representantes. O nível de exploração e violência é de tal ordem que comumente, “os camponeses, assediados pela repressão, emigraram para as montanhas e ali organizaram o trabalho agrícola e a autodefesa” (Galeano, 2021, p. 143).

Este processo que leva à América Latina a cem anos de solidão (período cronológico de cem anos), primeiramente idealizado pelos europeus como “novo mundo”, iniciou-se quando os reis católicos da Espanha decidiram financiar a grande aventura para se livrarem dos intermediários que monopolizavam o comércio de especiarias e de plantas tropicais, (Galeano, 2021, p. 30) em um momento em que o mundo era dividido em três: Europa, Ásia e África.

Considerada uma terra inóspita, território de heresia que não conhecia a civilidade da qual era dotada a coroa e a Igreja europeia, passou a ser submetida a uma “intervenção racional”, embora com “apoio das divindades”, pois somente isso seria capaz de domar os primitivos, justificando-se, com isso, a verdadeira finalidade de todo este processo a exploração de recursos para benefício do colonizador. Conforme Galeano:

A América era um vasto império do Diabo, de redenção impossível ou duvidosa, mas a fanática missão contra a heresia dos nativos se confundia com a febre que, nas hostes da conquista, era causada pelo brilho dos tesouros do Novo Mundo. Bernal Díaz del Castillo, soldado de Hernán Cortez, escreve que eles chegaram “para servir a Deus e a Sua Majestade, e também por haver riquezas”. (Galeano, 2021, p.31)

Ou seja, a implementação do desenvolvimento desigual e combinado contém ainda um outro elemento: aqueles povos submetidos a este processo, tornam-se invisíveis enquanto seres humanos e, como tal, ausentes de si, incapazes de se reconhecer.

Mas, mais do que isso, ao longo dos séculos, perdem sua própria identidade, são levados à mais completa solidão de si próprios. As personagens que compõem a trama de *Cien años de soledad*, conforme percebemos no decorrer deste trabalho, não são escolhidas de forma aleatória para compor a base da narrativa, mas expressam o cotidiano de milhares de seres levados, compulsoriamente, à negação de sua própria identidade. Processo este que expressa, inclusive, a vida do próprio autor e a consciência que Márquez adquire dessa realidade.

³⁶ PINTO, Aníbal. *El trimestre económico*, vol. LXXXVI (3), núm. 343, julio-septiembre de 2019, p. 743-779. Fondo de Cultura Económica, p. 756. Disponível em: <<https://www.eltrimestreeconomico.com.mx/index.php/te/article/view/894/1067>> Acesso em: 06.dez.2023. <https://doi.org/10.20430/ete.v86i343.894>

O que nos remete à ideia de que o romance em análise demonstra uma realidade presente que encontra seu ápice na arte, ou seja, “o escopo da cultura é o domínio da arte sobre a vida”, conforme afirma Ginzburg.³⁷ Numa mescla de vida real e ficção, em que a lógica do domínio do mais forte, o colonizador, sobre o, aparentemente, mais fraco, o colonizado, é questionada e representada por meio de uma abordagem sociológica originalmente latino-americana.

A América Latina não quer nem tem porque ser um peão sem rumo ou decisão, nem tem nada de quimérico que seus desígnios de independência e originalidade se convertam em uma aspiração ocidental.

[...] Por que a originalidade que é admitida sem reservas em nossa literatura nos é negada com todo o tipo de desconfiança em nossas tentativas tão difíceis de mudança social? (García Márquez, 2018, p. 11)

Observa-se aqui, claramente, a intensão militante deste autor, que reivindica o reconhecimento da originalidade constitutiva do romance como expressão de uma realidade também original, própria, com valores específicos que, uma vez reconhecidos por seus próprios protagonistas, pode levar à mudança social. Márquez, como literato, tem em suas mãos a “liberdade do criar”, mas parte da realidade para construir a narrativa, e, porque não dizer, que ele parte também de suas memórias históricas.

A velha casa de Aracataca foi, para o menino Gabo, por muito tempo, a única casa que existia no mundo (García Márquez, 2003, p. 8), pois era nela que seu universo fantástico acontecia e se fundia com a realidade. O quintal parecia grande, com uma variedade de árvores, um banheiro sem teto com um tanque de cimento para a água da chuva (2003, p. 39). Sua avó e suas tias cantavam e também lhe contavam as mais mágicas aventuras daquele pequeno povoado.

Nesse universo da memória,³⁸ em que o passado se faz presente por meio da memória e se mantém como material de análise no tempo presente, não é difícil depararmos com momentos da vida que se pareçam com uma obra de ficção e momentos em que a ficção seja confundida com o real.

Por exemplo, quando Gabo descreve um dormitório que tinha imagens de santos em tamanho humano que eram mais realistas e tenebrosos que os da Igreja, refere-se a

³⁷ GINZBURG, Carlo. *Relações de força*. História, retórica, prova. Trad. Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 25.

³⁸ NORA, Pierre. *Lês Lieux de mémoire*. La republique. Paris: Gallimard, 1984. “Entre a Memória e a História: a problemática dos lugares”. Trad. Yara Aun Khoury (Texto Traduzido na Revista *Projeto História*), p. 7.

algo inusitado para uma mentalidade racionalizada, mas não em um universo onde a magia se funde ao que é real, conforme já apontamos:

Eu dormia na rede ao lado, apavorado com o piscar dos santos pela lâmpada do Santíssimo que não foi apagada até que todos morreram, e também ali minha mãe dormiu quando solteira, atormentada de pavor diante dos santos (García Márquez, 2003, p. 38)

Portanto, a noção de tempo aqui, mais especificamente de passado, esbarra numa perspectiva ontológica, ou seja, do campo da memória, do que se revive no tempo presente, sem juízo de valor, comparando a outras culturas.

A experiência de Gabo é reificada, pois seu passado constitui seu presente de forma a presentificar experiências de seus antepassados nele mesmo, como: viver na mesma casa em que tios já falecidos e avós viveram, dormir na mesma rede em que a mãe dormiu, entre outros fatos.

Naquela casa havia um quarto desocupado onde a tia Petra tinha morrido. Havia um quarto desocupado onde tinha morrido o tio Lázaro. Então, de noite, não se podia caminhar pela casa porque havia mais mortos que vivos. Eles me punham sentado num canto às seis da tarde e diziam: “Não saia daqui, porque se você sair vai vir a tia Petra, que está no quarto dela, ou o tio Lázaro, que está no outro.” Eu ficava sempre sentado... No meu primeiro romance, *A revoada*, tem um personagem que é um menino de 7 anos que está, durante o livro inteiro, sentado numa cadeirinha. Agora me dou conta de que esse menino era um pouco eu, sentado naquela cadeirinha, numa casa cheia de medos. (García Márquez, 2022, p. 46-47)

Era pela fantasmagoria que rondava na casa que as práticas educacionais funcionavam: manter uma criança de sete anos sentada numa cadeira para que ela obedecesse a normas internas daquele espaço. Mas, para além disso, naquele universo, a convivência com os mortos era uma realidade cotidiana que se manifestava na noite, mas também nas sombras. De tal forma que, em dado momento, deixavam de ser temerosos, para compor o cotidiano, principalmente durante o dia em que suas vivências eram, não só rememoradas, mas também servindo de exemplos para as vidas em curso. Aliás, a remanescência dos mortos em continuidade na vida, tornava o tempo cíclico, pois outros já tinham vivido o que agora ele e seus familiares viviam.

A religiosidade e os medos fazem dos lugares da memória de Márquez locais onde encontramos as marcas do passado histórico colombiano, trazidos à tona por um “guardião da memória”, o próprio Gabo.

Pois é no interior das famílias que se encontra forte bagagem de memória como elo para reflexão do momento presente, onde o real e o maravilhoso se misturam naquela casa em que numerosas mulheres o criaram. (Nora, 1993, p. 8) As conversas dos adultos eram sua maior fonte de inspiração, pois, ainda que eles tentassem cifrar para que ele, ainda muito pequeno, não entendesse, Gabo absorvia muito das histórias contadas. (García Márquez, 2003, p. 83)

Assim é que a história de Gabriel García Márquez e a de sua família se fundem em muitos momentos com a história da Colômbia. A destreza com que Márquez demonstra sua realidade ao contar suas histórias remete o leitor a relatos que vão para além dos de um narrador de histórias, mas daquele que vive a experiência narrada, revelando dessa forma um universo próprio a partir de suas memórias e as daqueles que, com ele, constituem um modo de vida e uma realidade social, assim como afirma Walter Benjamin.³⁹

Essa é a vida de Gabo em meados dos anos 1930. O extremo sul da Colômbia, na região das margens do rio Amazonas, é tomado por tropas do general peruano Luis Miguel Sánchez Cerro. A atmosfera cívica tomava conta da população e Gabo se recorda disso como uma das épocas mais felizes, por conta da desordem, em que a criatividade popular tomava conta das ruas, sem distinção de classes ou cores.

Para mim, porém, foi uma das épocas mais felizes, por causa da desordem. Rompeu-se o rigor estéril das escolas, que foi substituído nas ruas e nas casas pela criatividade popular. Formou-se um batalhão cívico reunindo o que havia de mais ilustre na juventude, sem distinção de classes ou cores, foram criadas brigadas femininas da Cruz Vermelha, improvisaram-se hinos de declaração de guerra de morte ao agressor malvado, e um grito unânime ressoou pela pátria: “Viva a Colômbia, abaixo o Peru!”. (García Márquez, 2003, p. 92).

É em meio a esse contexto que Márquez mergulha em suas primeiras leituras, *Amil e uma noites*, e é no gosto pelas palavras, que depois se concretiza em *Cien años de soledad*, e que Macondo se torna a representação mitológica da América Latina.

1.4 Da “periferia do mundo” ao romance

Nesse desafio real, Gabriel García Márquez reúne repertório para seus escritos. Agora com 23 anos, tendo abandonado a Faculdade de Direito na Universidade Nacional

³⁹ BENJAMIN, Walter. O narrador. In: *Obras escolhidas. Magia, Técnica, Arte e Política*. Tradução: Sergio Paulo Rounet. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1985, p.198.

da Colômbia, ele assume sua veia jornalística como o mais novo do “Grupo de Barranquilla”, conjunto de amigos que começa a ser conhecido no meio jornalístico e de intelectuais. Ramón Vinyes, dramaturgo e livreiro, era quem conduzia o grupo. Outros como o jornalista, Álvaro Cepeda Samudio, o pintor, Alejandro Obregón, o jornalista, Alfonso Fuenmayor.⁴⁰ (García Márquez, 2003, p. 102-103)

O grupo se reunia periodicamente na *Livraria Mundo*, na rua San Blás.⁴¹ Encontros que se solidificam como um centro de reunião literária, nos quais Márquez, como um aluno dedicado na redação de *El Herald*, troca ideias com o então colega Alfonso sobre a escrita de seus textos, segundo ele, ainda sem “pé nem cabeça”. O que nos mostra que um autor não nasce pronto, torna-se.

A *Livraria Mundo* passa a ser o novo mundo habitado por Márquez e onde ele constroi suas redes. O dono, Don Jorge Rondón, se converte em um mecenas e é responsável por trazer grandes obras, principalmente as novidades de Buenos Aires que se estava convertendo em um grande polo literário naquele momento do pós-Guerra Mundial. A capital portenha traduz, imprime e distribui em massa novidades literárias de diferentes partes do mundo. (García Márquez, 2003, p. 110). Graças a este trâmite literário, o Grupo Barranquilla tem a oportunidade de ter acesso privilegiado a autores como Jorge Luis Borges, Julio Cortázar, além de romances ingleses que começam a ser traduzidos para o espanhol.

Por mais de uma vez, quando o sofrimento do passado repercutia naquele presente e a realidade de se viver em um país considerado periférico assolava o jovem García Márquez, ele recorre a Jorge Ramón, dono da livraria *Mundo*, que já o considerava como

⁴⁰ **Alejandro Obregón (1920-1992)**. Pintor e muralista, considerado o pai da modernidade colombiana. Por meio de sua produção artística, mostrou seu compromisso com a paz e o repúdio à violência, no contexto da ditadura e do extremismo presentes na América Latina durante as décadas de 1960 e 1970.

Alfonso Fuenmayor (1917-1994). Filho do escritor José Felix Fuenmayor. Estudou Filosofia e Literatura na Universidade Javeriana, em Bogotá. Trabalhou como jornalista e foi autor de *Crônicas sobre el Grupo Barranquilla*.

Álvaro Cepeda (1926-1972). Jornalista, romancista e cineasta colombiano. Foi um crítico consistente à necessidade de renovação da ficção colombiana. Integrou o Grupo Barranquilla e autor de *La casa grande*, no qual relata o massacre dos trabalhadores, Massacre das Bananeiras, pela United Fruit Company.

Ramón Vinyes (1882-1952). Escritor de diversas revistas literárias, viveu muitos anos em Barranquilla, Colômbia. Dirigiu a revista *Voces*, a mais vanguardista do país. Era dono da Livraria Mundo, onde se reunia o Grupo Barranquilla.

⁴¹ Calle San Blás, entre Progreso e 20 de Julio, onde se localizava a Farmácia Blanca em frente a Livraria Cervantes, e onde ficava também o Teatro Colômbia. Uma rua marcada pela modernidade efervescente. Lá estava localizada a Livraria Mundo e seu café Jafa (Café Happy), que abrigava os encontros do Grupo Barranquilla.

um discípulo integrante do grupo. Em uma ocasião, Ramón recebe um jovem constrangido que precisava voltar para Aracataca com sua mãe, mas não dispunha de recursos. “[...] nunca poderia imaginar que chegaria a ter com ele a liberdade de pedir dinheiro para a viagem a Aracataca com minha mãe.” (García Márquez, 2003, p. 113).

O que nos leva a refletir sobre o ofício de escritor numa sociedade marginalizada, que, conforme já dissemos anteriormente, não é um ofício “bem visto”, quizá bem pago. Até porque nesse contexto qualquer literatura que não fosse a dos países considerados centrais, era discriminada. Sendo assim, podemos imaginar como seria fácil para Gabo desistir de seu ofício, principalmente nos anos iniciais, atuando como jornalista e aspirante a escritor:

Não me deixei abater. A viagem com minha mãe a Cataca, a conversa histórica com dom Ramón Vinyes e meu vínculo mais profundo com o grupo Barranquilla deram-me um alento [...]. Desde aquela época não ganhei um único centavo que não fosse com a máquina de escrever; e isto me parece mais meritório do que se poderia pensar, pois os primeiros direitos de autor que me permitiram viver de meus contos e romances vieram aos meus quarenta e tantos anos, depois de eu ter publicado quatro livros, ganhando quase nada. (García Márquez, 2003, p. 118)

Márquez insiste em sua vocação como jornalista e dá seus primeiros mergulhos na imprensa. Pois, segundo afirma, “quem tem a vocação de escritor tem que escrever”. (García Márquez, 2022, p. 38). Mas, antes, é necessário aprender a escrever. E antes de conceber seu magistral romance, ele escreve quatro livros,⁴² segundo ele, que serviram para “aprender a escrever”. (idem, p. 63)

Quando publica seu primeiro romance, *A revoada*, a situação política e social da Colômbia estava muito deteriorada. Neste contexto surge algo que ficou conhecido como “a violência colombiana”, período de conflitos civis,⁴³ principalmente nas áreas rurais, que envolvia o Partido Liberal e o Partido Conservador. Neste cenário Gabo é tomado por uma consciência que ele denomina como solidária, que o faz iniciar um processo de

⁴² Em ordem cronológica: *A revoada* (1955); *Ninguém escreve ao coronel* (1961); *O veneno da madrugada* (1962); *Os funerais da mamãe grande* (1962).

⁴³ Segundo nos relata Galeano, “entre os anos 1948 e 1957, a guerra camponesa abarcou minifúndios e latifúndios [...], compeliu ao êxodo comunidades inteiras, gerou guerrilhas revolucionárias e bandos criminosos, e transformou o país em um cemitério: calcula-se que deixou um saldo de 180 mil mortos”. (2021, p. 141) Ainda segundo o autor, toda essa violência teve início como um enfrentamento entre liberais e conservadores, o que mais tarde caracterizou-se como uma luta social. Com a morte do líder liberal, Jorge Eliécer, as ruas da capital ficaram tomadas, e série de protestos, o *bogotazo*, seguido de muita violência, que, derivou para o campo, onde bandos organizados pelos conservadores já plantavam o terror. Uma sequência de saques, homens que eram mortos da forma mais cruel (esfolados, queimados etc.) e bandoleiros que em troca de dinheiro ou carregamentos de café, ameaçavam a população. Com isso, muita gente foi obrigada a fugir. Famílias inteiras iam em direção às montanhas e mulheres davam à luz pelo caminho. (2021, p. 142)

conscientização política e, porque não dizer, histórica, pois preocupa-se consigo e com seu entorno.

Então comecei a contar um tipo de história que era totalmente diferente do que me interessava antes, dramas relacionados diretamente com o problema político e social da Colômbia naquele momento. (García Márquez, 2022, p. 87)

Mas foi entre os anos de 1960 e 1970 quando se deu o fenômeno do *boom* literário na América Latina, que segundo García Márquez, foi o “momento em que os livros ficaram realmente bons, os leitores apareceram. Isso é formidável. Eu acredito, por isso, que se trata de um *boom* de leitores”. (García Márquez, 2022, p. 68) O que faz sentido, pois é momento em que as manifestações artísticas, em particular a literária, se mostram como uma forma de reação a ditaduras.

Importante ressaltar que esse é um período concomitante ao da Revolução cubana que vinha, desde 1920, combatendo as mazelas da exploração açucareira arbitrada pelas necessidades dos Estados Unidos, resultando que, pouco a pouco, toda a ilha estava passando para as mãos dos norte-americanos (Galeano, 2021, p. 100-103).

Todo este contexto traz um novo olhar sobre os países latino-americanos que influencia não só as análises econômicas sobre a América Latina e Caribe, mas também todo o cenário cultural e de reconhecimento da identidade latino-americana.

É também importante recordar que a imagem da América Latina havia conquistado espaço no mundo graças aos reflexos – tanto positivos quanto negativos – da Revolução cubana, que tinha acontecido oito anos antes. Nossas próprias comarcas deste continente esgarçado punham as atenções na ilha caribenha, que também ganhara espaço entre nossos artistas e intelectuais. (García Márquez, 2022, p. 9)

Todos esses movimentos, revolucionários, políticos, culturais, resultam numa nova relação, do sujeito consigo mesmo e com os outros, que se refletem no âmbito social. Verifica-se um esforço social para que haja o reconhecimento, a partir de um novo contar a própria história e não pelo olhar do colonizador europeu ou do imperialismo norte-americano. (Rüsen, 2016, p. 64)

Trajetórias individuais que geram forças coletivas

Para o europeu os povos da América Latina não eram dotados de uma cultura racionalizada, porque não compartilhavam de uma cultura similar à cultura europeia, o que os fazia julgar que os povos latino-americanos eram inferiores. Por isso, integrava o sistema de colonização a imposição, aos povos originários, de padrões culturais

considerados civilizatórios, impossibilitando que ocorresse a integração de culturas que, isso sim, poderia ser considerado civilizatório, a considerar os preceitos teorizados por Hall (2016).

Uma vez que nós julgamos o mundo de maneira relativamente similar, podemos construir uma cultura de sentidos compartilhada e, então, criar um mundo social que habitamos juntos. (HALL, 2016, p. 36)

A negação e a criminalização das múltiplas práticas culturais e a inquisitorialidade a que foram submetidas as cotidianidades dos povos latino-americanos, conforme relata a obra de Márquez, contêm também a intensão do apagamento da identidade dos habitantes.

Pasmada de terror, atribulada por la fatalidad de su destino, Visitación reconoció en esos ojos los síntomas de la enfermedad cuya amenaza los había obligado, a ella y a su hermano, a desterrarse para siempre de un reino milenario en el cual eran príncipes. Era la peste del insomnio. (García Márquez, (1967-1987), 2007, p. 53)

Podemos considerar que, neste episódio a amnésia coletiva que acomete Macondo, expressa a representação do apagamento das lembranças sobre aquele violento processo de colonização que, como uma peste, a cada vez que acometia um povoado, dizimava suas populações e, mais, com isso, o reconhecimento de sua identidade, pois a peste da insônia ataca diretamente a memória dos indivíduos.

Gabo, introjetando o pensamento que pautava esses segmentos subalternizados⁴⁴ e com a necessidade latente de ir em busca de sua própria constituição como um homem genuinamente latino-americano, tende a não sucumbir à “colonialidade cultural”, se assim podemos nomear, herança do período colonial que deturpa a realidade e subsume as identidades latino-americanas aos padrões europeus.

Um processo colonizatório que é construído a partir de múltiplos ataques, como os explanados no livro. Refiro-me aqui à invasão geográfica, a exploração econômica e a violência psicológica provocada pela United Fruit Company, justificado discurso da necessária modernidade.

Isso posto, a subsunção cultural a novos padrões leva a já existente crise de identidade a novas proporções. Vejamos o que o próprio Gabo nos relata em *Viver para contar*, sobre o grande impacto no cotidiano do vilarejo:

⁴⁴ NORA, Pierre. *Lês Lieux de Mémoire*. La Republique. Paris: Gallimard, 1984. (Texto traduzido na Revista *Projeto História* - Programa de Pós-graduação em História da PUCSP. São Paulo, 10 dez. 1993). p. 17.

[...] o bairro do Prado, o mais caro e distinto, que desde a primeira visão me pareceu uma cópia fiel do galinheiro eletrificado da United Fruit Company. Não era por acaso: o bairro estava sendo construído por uma empresa de urbanistas norte-americanos, com seus gostos e normas e preços importados [...]. em compensação, o arrebalde do nosso Barrío Abajo, com as ruas de poeira ardente e as casas de pau-a-pique com tetos de sapé que nos recordavam a toda hora que não éramos nada além de mortais de carne e osso. (García Márquez, 2003, p. 135)

Quando Márquez nos relata este cenário de segregação, ele evidencia uma desigualdade “fabricada”, que anula totalmente o indivíduo em prol da lucratividade. Sendo a América Latina um território em que a desigualdade adquire novas características desde o domínio do europeu, naquele momento, com a chegada da United Fruit Company, o sofrimento vivido no passado se aprofunda no presente.

A pobreza de meus pais em Barranquilla, pelo contrário, era exaustiva, mas me permitiu a sorte de estabelecer uma relação excepcional com minha mãe. [...] Nos piores momentos ria de seus próprios recursos providenciais. Como na vez em que comprou um joelho de boi e ferveu-o dia após dia para o caldo cotidiano cada vez mais aguado, até que não deu mais. [...]

No começo, meus pais visitavam as famílias amigas emigradas de Aracataca por causa da crise da banana e da deterioração da ordem pública. [...]

Minha mãe reduziu sua reticência numa frase só: “A pobreza, dá para notar nos olhos”. (García Márquez, 2003, p. 137)

Apesar da pobreza que os circundava, a relação de Márquez com sua mãe era fortalecida. Isso nos mostra que o que poderia ser considerado um motivo de afastamento, se convertia em mais afeto. Além disso, a capacidade que ela tinha de rir mesmo diante da situação de fome, nos remete a tantos outros rincões da América Latina em que a alegria se torna a ferramenta mais eficaz para contornar a falta de recursos. Tudo isso, em meio ao cenário da crise econômica local, por causa do Massacre das Bananeiras. Mas se há algo que não se esconde e, que Márquez aponta neste pequeno relato, é que “a pobreza se nota nos olhos”, isto é, tristemente perceptível.

Ao fazer a crítica a este modelo imposto, Gabo demonstra ao leitor aspectos de uma realidade em que talvez o próprio leitor viva, despertando nele a consciência crítica sobre realidades semelhantes (García Márquez, 2022, p. 75). Por isso, diz ele, em *Cien años de soledad*, enfatiza-se problemas fundamentais da sociabilidade dos habitantes de Macondo com ênfase nas guerrilhas e nos episódios que se referem às plantações de bananas em Macondo, que causam tamanha alienação à vida da população e que, por similaridade, remetem ao cenário latino-americano. (idem, p. 80)

1.5 Macondo não é Aracataca (mas Aracataca pode ser Macondo)

Não é difícil encontrar quem não confunda Macondo com Aracataca e vice-versa. Mas a pergunta é: trata-se do mesmo lugar?

Conforme o próprio autor responde, é quase inevitável confundir Aracataca – povoado onde ele nasceu, com Macondo, projeção daquela realidade no romance e espaço territorial onde toda a narrativa de *Cien años de soledad* acontece. (García Márquez, 2022, p. 47) É neste povoado maravilhoso, sem dúvida, um dos lugares mais emblemáticos da América Latina retratado na literatura, que o modo de ser latino-americano é representado⁴⁵ da maneira mais genuína.

Logo no início do romance, nos deparamos com a fundação de Macondo, uma pequena aldeia. A necessidade de Márquez aportar um lugar “ficcionalmente palpável” logo no início da trama nos chama a atenção para uma questão que é a de localizar a vida daquelas personagens num espaço físico.

[...] Macondo era entonces una aldea de veinte casas de barro y cañabrava construidas a la orilla de un río de aguas diáfanas que precipitaban por un lecho de piedras pulidas, blancas, enormes como huevos prehistóricos. (García Márquez, (1967-1987), 2007, p. 11)

Assim como Márquez está para Aracataca, suas personagens estão para Macondo, que passa por impactos sociais. A pequena aldeia com cerca de vinte casas de barro às margens de um rio de águas límpidas, de vida pacata, praticamente o Jardim do Éden,⁴⁶ pouco a pouco, tende a sofrer com os impactos externos, como a chegada dos novos habitantes.

Ao responder ao então amigo Vargas Llosa, Márquez diz que “Macondo é um povoado onde há plantações de banana que trazem, primeiro os aventureiros, depois uma companhia estrangeira”. (García Márquez, 2022, p. 55) Novamente, a América Latina é posta no submundo da chamada “modernidade”, constituindo um capitalismo *periférico* em que a capacidade de se reconhecer como pessoas, como gente é negada, o que corrobora para a manutenção do poder para o aumento da exploração e da violência. (Galeano, 2021, p. 19)

⁴⁵ CHARTIER, Roger. *A história cultural. Entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, s/d. p. 9.

⁴⁶ Aqui nos referimos ao Jardim do Éden da narrativa bíblica. Local onde se deu segundo esta narrativa a criação do mundo em que tudo começava a existir, conf. *Gênesis* 2, 10. (*Bíblia Sagrada*. CNBB, 2011)

O ano era 1917 e a família de Gabo chegava em Aracataca, concomitantemente à chegada da United Company Fruit (García Márquez, 2003, p. 39), que trazia grande impacto ao povoado:

À esquerda, o bairro do Padro, o mais caro e distinto, que desde a primeira visão me pareceu uma cópia fiel do galinheiro eletrificado da United Fruit Company. Não era por acaso: o bairro estava sendo construído por uma empresa de urbanistas norte-americanos, com seus gostos e normas importados, e era uma atração turística infalível para o resto do país. À direita, em compensação, o arrabalde do nosso Barrio Abajo, com as ruas de poeira ardente e as casas de pau-a-pique com tetos de sapé que nos recordavam a toda hora que não éramos nada além de mortais de carne e osso. (García Márquez, 2003, p. 135)

Ou seja, não só aporta em Macondo a Cia estrangeira, mas chegam também migrantes em busca de lugares para se assentarem, em busca de novas oportunidades, fugindo, talvez de barbáries. Assim, o povoado começa a ser habitado por novos moradores, que chegam subjugando os daquele local, inclusive “fundando o povoado”, fazendo-o reconhecido oficialmente.

Nesse pequeno povoado, José Arcádio Buendía, patriarca da família Buendía, homem interessado nas ciências (física, alquimia), que ao chegar na aldeia se depara com um “mundo novo”, funda oficialmente o povoado, Macondo.

José Arcádio Buendía y los cuatro hombres de su expedición lograron desarticular la armadura, encontraron dentro de un esqueleto calcificado que llevaba colgado en el cuello un relicario de cobre con rizo de mujer. En marzo volvieron los gitanos. Esta vez llevaban un catalejo y una lupa del tamaño de un tambor, que exhibieron como el último descubrimiento de los judíos de Amsterdam. Sentaron una gitana en un extremo de la aldea e instalaron el catalejo ala entrada de la carpa. (García Márquez, (1967-1987), 2007, p. 12)

Sua chegada marca o início da saga da família Buendía e também a saga do vilarejo. Como um cavaleiro explorador, José Arcadio Buendía chega a Macondo acompanhado dos homens que compunham sua expedição, assim como os exploradores europeus ao desembarcarem na América. Já em contrapartida, os ciganos pareciam bem acostumados ao ambiente local, iam e vinham conforme suas necessidades e, ao regressarem ao vilarejo, exibiam os novos descobrimentos existentes no mundo.

La primera vez que llegó la tribu de Melquíades vendiendo bolas de vidrio para el dolor de cabeza, todo el mundo se sorprendió de que hubieran podido encontrar aquella aldea perdida en el sopor de la ciénaga, y los gitanos confesaron que se habían orientado por el canto de los pájaros. (García Márquez, (1967-1987), 2007, p. 19)

A chegada de viajantes ao vilarejo contrasta com a dos ciganos, gente que só conhecia seu próprio idioma o que denota uma característica de uma população que,

todavia, não tinha sofrido influências em sua cultura, pois mantinham-se com sua única língua, seu idioma de origem:

Eran gitanos nuevos. Hombres y mujeres jóvenes que sólo conocían su propia lengua, ejemplares hermosos de piel aceitada y manos inteligentes, cuyos bailes y músicas sembraron en las calles un pánico de alborotada alegría. (García Márquez, (1967-1987) 2007, p. 26)

Acompanhando uma tradição comum na organização das relações de poder destes povos ancestrais, também entre os ciganos havia uma figura de destaque. Mas cujo poder vinha de seu conhecimento, absorvido dos lugares por onde a caravana passava. E aqui destacamos a figura do cigano Melquíades⁴⁷, que no romance tem grande relevância por representar uma figura ancestral detentora de grande conhecimento das ciências. Como uma figura itinerante, ele viaja por diferentes partes do mundo e a cada tanto retorna a Macondo com as novidades que encontra.

Quanto ao nome escolhido para o pequeno povoado de *Cien años de soledad*, Gabo relata que quando passava de trem com o avô, avistava uma fazenda bananeira que tinha o nome de *Macondo*. Segundo ele, esta palavra chamou sua atenção. Não satisfeito em ver o nome escrito na placa de entrada da fazenda, foi buscar seu significado. Relata ainda que tinha visto este nome numa enciclopédia qualquer que informava tratar-se de uma árvore semelhante à paineira, cuja madeira servia para fazer canoas. Mas, em uma outra, a britânica, encontra que a palavra *makondos* remetia à etnia tangânica⁴⁸ de povos errantes. (García Márquez, 2003, p. 23)

Fosse uma madeira para construção de canoas para uma travessia, fosse associado aos povos errantes da África, o fato é que Macondo remete à uma Aracataca que estava

⁴⁷ Um dado bastante curioso sobre esta personagem. No romance de Márquez, Melquíades é um dos ciganos que visita a aldeia de Macondo a cada ano e é quem traz os inventos e as mercadorias de diferentes partes do mundo. Além de escrever os pergaminhos que prevêem a saga da família Buendía. Seu nome nos remete à sabedoria e ao mistério. No entanto, uma das possibilidades da origem de seu nome remonta à Grécia, cujo significado seria “general ateniense”.

Mas, ao buscarmos por outras possíveis origens do nome desta personagem, encontramos que Melquíades foi um dos Papas da Igreja Católica. Papa Melquíades (África do Norte, 270 – Roma, 314), o primeiro de origem africana e responsável por instaurar o processo de paz entre o Império Romano e os cristãos. Foi ainda o responsável pelo acordo com o Imperador Constantino que sedeu à Igreja seu primeiro palácio, o Palácio de Latrão, onde hoje se localiza em Roma, Itália, a Basílica de Latrão, a mais antiga e a mais importante das seis Basílicas Papais do mundo e a mais importante das quatro em Roma.

⁴⁸ Segundo Felipe Barradas Correia Castro Bastos, “O Tanganyika corresponde historicamente à porção continental da atual República Unida da Tanzânia, para além do lago homônimo na África central. Tomado dos alemães pelos britânicos com o fim da Primeira Guerra Mundial, foi uma colônia britânica até sua independência em dezembro de 1961.”. BASTOS, Felipe Barradas Correia Castro. " e; A fonte dos Wamakonde" e; migração laboral, associativismo e anticolonialismo na indústria sisaleira do Tanganyika (1880-1960). 2022. Tese de Doutorado. [sn]. p.13, nota 2.

sendo invadida por uma empresa norte-americana que pleiteava unicamente exploração de recursos, no caso bananas, para monopolizar a produção e venda do produto. (Galeano, 2021, p. 138)

Mario Vargas Llosa [...] Você queria mostrar o drama de Macondo, o drama das guerras civis colombianas, o drama das plantações de banana que trouxeram matanças e miséria para aquele lugar, ou na verdade o que queria mostrar ou libertar de você mesmo eram, sobretudo, certas histórias, certos episódios fantasmagóricos, ou queria libertar certos personagens cujas silhuetas se delineavam muito nitidamente? [...]

Gabriel García Márquez [...] Sempre tive consciência de estar contando uma boa história, contando como acredito que essa história deveria ser contada, e quando digo “acredito” já estou falando de todas as verdades: políticas, sociais, literárias, tudo. (García Márquez, 2022, p. 83-84. Destaque do original.)

E é neste ponto que aproximamos essas duas realidades: a da ficção e a real. Márquez, ao expor a necessidade de falar sobre as “verdades” latino-americanas, aproxima Macondo da realidade colombiana, que passa a representar a construção de um universo social calcado em uma realidade (Chartier, s/d. p. 9.), cuja diversidade é contrariada por uma monocultura que o aprisiona (Galeano, 2021, p. 7). O espelhamento da realidade dos leitores para eles mesmos, segundo Llosa, em *Dois solidões*, faz com que tomem consciência das realidades em que vivem. (García Márquez, 2022, p. 75)

Nesse sentido, é por meio de Macondo que Gabo traz aos leitores um debate que extrapola as linhas da ficção. E segundo Chartier (s/d., p. 11) é este entrelaçar de marcos históricos em um romance e as temáticas nele abordados que possibilita o leitor reconhecer sua identidade.

Isso posto, em meio ao contexto histórico e social contemporâneo ao autor, Macondo surge como uma nova utopia,⁴⁹ ganhando um significado que extrapola o que é puramente imaginário, pois a este lugar agregam-se referências históricas, questões econômicas, culturais e sociais que nos colocam diante de muitas camadas, por meio das quais é possível traçar um caminho para a compreensão da problemática latino-americana e realizar uma leitura deste sob uma outra perspectiva que não a dos países ditos desenvolvidos. É neste sentido a resposta de Gabriel a Llosa:

[...] e nós, os escritores latino-americanos, na hora de sentar para escrever sobre elas, em vez de aceitá-las como realidade, começamos a polemizar, a racionalizar,

⁴⁹ Aqui nos apoiamos no conceito de “*nueva utopía*” de que trata Quijano, abordada por Zulma Palermo: “*Una nueva utopía crecida en la potencialización de las propuestas de formas de existencia social liberadas de dominación, de discriminación, de exploración; apoyadas, al contrario, en formas de autoridad política comunal en las que “se mande obedeciendo”, desde allí participar en acciones de reciprocidad otras sin de apropiamos de nuevas tecnologías no depredadores para la vida de la madre tierra*”. (Palermo, Zulma. Aníbal Quijano y el renacimiento de las utopías”. In: Quijano, 2019, p. 50)

dizendo “isso não é possível, o que acontece é que esse aí era um louco” etc. Todos nós começamos a dar uma série de explicações racionais que falseiam a realidade latino-americana. (García Márquez, 2022, p. 53-54)

Mas voltemos à questão: Macondo e Aracataca são o mesmo lugar? Não são. Aracataca, segundo o pesquisador Felipe Vieira, quase teve seu nome substituído por *Aracataca-Macondo*, em 2006, pelo então prefeito da cidade, Pedro Sánchez Rueda,⁵⁰ tal o impacto do livro de Márquez. A intenção era a de aproveitar a fama de Macondo para fomentar o turismo. Em 2010, é inaugurado um roteiro turístico, inspirado no romance *Cien años de soledad*, com direito a um passeio ao “trecito amarillo” que ligava Macondo ao resto do mundo. (Vieira, 2012, p. 3, nota 5) No dia da inauguração Gabo esteve presente, o que, além de ter causado o maior rebuliço, o que era intenção, contribuiu para a fusão da cidade real com a ficcional.

Ao fundar Macondo, em *Cien años de soledad*, Márquez nos coloca diante de um lugar de convivência cotidiana, um lugar-comum, ou seja, um lugar “habitável”. “Habitar” no sentido não só de construir espaços ou edifícios, mas o de construir locais de e para a existência (Heidegger, 2015, p. 11). “*Estas construcciones albergan al hombre. Él reside en ellas y, sin embargo, no habita en ellas, si por habitar se entiende solo el hecho de tener un alojamiento.*” (idem, p. 13) Heidegger, a partir de uma análise hermenêutica da existência humana que leva em conta o conhecimento da cultura daqueles que vivem num determinado local, considera que habitar não se refere apenas ao ato de viver em um espaço, mas o de proteger o ser humano e deixá-lo habitar e viver em paz. Ou seja, em harmonia consigo e com os demais, a partir de uma análise de modo hermenêutico da existência humana, que leva em conta o conhecimento da cultura e do modo de vida daqueles que vivem num determinado local.

Macondo não é fisicamente Aracataca, mas a representa, nesse contexto histórico latino-americano, um lugar onde se pode existir. Márquez afirma que não quer dizer que Aracataca seja Macondo, (2022, p. 95), no entanto, Aracataca pode ser Macondo no desejo por vislumbrar uma utopia diante uma realidade tão dolorosa.

⁵⁰ VIEIRA, Felipe de Paula Góis. Cien años de soledad: a Macondo-América de Gabriel García Márquez como representação do continente latino-americano. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, [S. l.], n. 12, p. 254–279, 2012. DOI: 10.46752/anphlac.12.2012.1338. Disponível em: <https://anphlac.emnuvens.com.br/anphlac/article/view/1338> . Acesso em: 14 out. 2023. p. 2

E para além disso, Márquez nos instiga a reler as linhas históricas da América Latina desde uma nova perspectiva, pois se trata de um lugar onde a realidade latino-americana é vista a partir de um olhar de dentro para fora, um olhar decolonial, ou seja, um olhar que abstrai aquele hegemônico regulado pelo explorador.

Tratar de Macondo ultrapassa estas breves páginas. Por isso, seguiremos em nosso próximo capítulo, dentre outros tópicos, trazendo ao leitor mais de Macondo, que não é Aracataca, mas que traz toda a América Latina em si.

Capítulo 2 | O tamanho da solidão

[...] a violência e a dor desmedidas da nossa história são o resultado de injustiças seculares e amarguras sem conta, e não uma confabulação urdida a três mil léguas da nossa casa. Mas muitos dirigentes e pensadores europeus acreditaram nisso, com o infantilismo dos avós que esqueceram as loucuras frutíferas de sua juventude, como se não fosse possível o destino além de viver à mercê dos dois grandes donos do mundo. Este é, amigos, o tamanho da nossa solidão. (García Márquez, Discurso “A solidão da América Latina”, de Gabriel García Márquez para o Prêmio Nobel, 2018, p. 9)

2.1 Quem são eles?

O que faz da Colômbia no cenário histórico um lugar tão representativo para a América Latina? A região que abrange hoje a Colômbia, a Venezuela, o Equador e o Panamá, antes chamada de Grã-Colômbia, foi cenário de grandes revoltas de independência e local da atuação principal de Simón Bolívar, segundo Andrew Traumann, na obra *Os Comlombianos* (2018) (in: Rodrigues, 2019, p. 16).⁵¹ Tem-se que os primeiros conquistadores espanhóis chegaram em Guajira no ano de 1500, mas as primeiras tentativas de colonização foram em 1510, em Urabá, onde foi fundado o povoado de San Sebastián. Anos depois criou-se o povoado de Santa Marta e depois Cartagena, segundo descreve o mesmo autor (in: Rodrigues, 2019, p. 17).

Desde aí os primeiros contatos dos espanhóis com os indígenas que habitavam a região foram traumáticos e agressivos, (Melo, 2018, in: Rodrigues, 2019, p. 17).⁵² Marcado por invasões, guerras e assassinatos de comunidades inteiras de povos originários, o que designa uma medida de controle e subordinação. Conforme Galeano,

[...] a América surgia como uma invenção a mais, incorporada junto com a pólvora, a imprensa, o papel e a bússula ao agitado nascimento da Idade Moderna. O desnível de desenvolvimento dos dois mundos explica em grande parte a relativa facilidade com que sucumbiram as civilizações nativas (Galeano, 2021, p. 35)

Pois, durante o processo de colonização, os espanhóis tomaram um território onde habitavam povos muito diferentes entre si, segundo a pesquisadora Aline Santos Pereira Rodrigues, (Rodrigues, 2019, p. 18) o que foi solenemente ignorado pelos colonizadores, em que pese a necessidade de combater as múltiplas revoltas que ocorriam, pelo contrário,

⁵¹ RODRIGUES, Aline Santos Pereira. *A representação da história colombiana em Cien años de soledad*, de Gabriel García Márquez. Dissertação de Mestrado. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2019.

⁵² Melo, Jorge Orlando. *História Mínima da Colômbia* (2018). in: Rodrigues, 2019.

a historiografia que analisa estas relações demonstra como a desqualificação de tais diferenças só serviu aos conquistadores para justificar as barbáries que cometiam.

Dois séculos depois de sua chegada, o teor da colonização pouco mudara, a não ser pela ganância que aumentava a cada território conquistado, particularmente pelas recorrentes descobertas de ouro. Este metal, base do monetarismo europeu, para os nativos, só tinha valor como adorno, fossem pessoais ou objetos artesanais. Mas sua representação para o mundo europeu, ensejou formas de escravidão não conhecidas na região, além de despertar a cobiça de outros países conquistadores.

No sentido de melhor controlar um território que se expandia substancialmente a coroa espanhola decidiu descentralizar o governo, transformando em parceiros, reinóis já enraizados nessas regiões e que começavam a disputar o poder com a coroa tão distante. Assim é que, em 1739, são criados os vice-reinos, entre eles o de Nova Granada, onde hoje atualmente é o Equador, Venezuela, Colômbia e Panamá.

Mas, para além da brutalidade da escravidão, visando extrair até a última gota do “vil metal”, outro aspecto que caracterizou o período foi a imensa mortalidade de enormes contingentes populacionais originários daquelas regiões. (Rodrigues, 2019, p. 18) Assim como elucida Galeano: “Os índios morriam como moscas; seus organismos não opunham resistência às novas enfermidades, e os que sobreviviam ficavam debilitados e inúteis.” (Galeano, 2021, p. 37) Tifo, malária, alguns tipos de gripes a que os corpos europeus eram imunes, assolaram o território. (Rodrigues, 2019, p. 17)

Para além dessas moléstias trazidas pelos europeus, os nativos ainda eram vitimados por políticas voltadas para criar cizânias entre eles, de forma a evitar que se fortalecem em suas lutas contra os conquistadores. Instituídas por meio de técnicas de traição e fomentando intrigas, instigavam os rancores entre eles, garantindo que, isolados e frágeis, permanecessem submetidos ao domínio dos espanhóis e dos reinóis. (Galeano, 2021, p. 36)

Além disso, as comunidades nativas foram obrigadas à “catequização” impositiva. Pois com a intensidade e a prática de recolhimento de tributos para a Igreja Católica os indígenas eram submetidos a trabalhos intensos e chegavam a morrer de exaustão, por isso, a escravidão de negros africanos trazidos para os “territórios descobertos” foi o método aplicado pelos dominadores no século 16 para garantirem seus interesses e se manterem como autoridade, política, religiosa, econômica e cultural.

Galeano destaca ainda uma outra consequência da extração de minérios das Américas para a Europa (em especial para Espanha e Portugal): ter contribuído diretamente para o avanço tecnológico e da chamada “modernização” europeia.

A prata levada para a Espanha em um pouco mais de um século e meio excedia três vezes o total das reservas europeias. E essas cifras não incluem contrabando. *Os metais arrebatados aos novos domínios coloniais estimularam o desenvolvimento europeu e até se pode dizer que o tornaram possível.*

[...]

A América é um grande negócio europeu. (Galeano, 2021, p. 43 e p. 45. Destaque do original)

Assim é que a triste realidade imposta à América Latina pelo branco colonizador estabelece-se como um sistema de poder e contribui para a alienação cultural e identitária da população que já residia na América Latina, o que foi a intensão declarada do romancista retratar, conforme ele mesmo indica. “Uma realidade que não é a do papel, mas que vive conosco e determina cada instante de nossas incontáveis mortes cotidianas [...]” (García Márquez, 2018, p. 9)

Tais aspectos se mantêm ali, entranhado em seus modos de ser, mas não sendo reconhecidos enquanto saber, gradualmente, absorvem as leituras depreciativas dos europeus. Ausentes de si, não reconhecem suas potencialidades humanas em suas produções que se lhes apresentam como impostas, realizadas sob o chicote e o ferro em brasa nas costas. Tendo seus saberes invisibilizados por uma violência epistêmica, conforme Márquez:

[...] a violência e dor desmedidas da nossa história são o resultado de injustiças seculares e amarguras sem conta, e não uma confabulação urdida a três mil léguas da nossa casa. [...] como se não fosse possível outro destino além de viver à mercê dos dois grandes donos do mundo. Este é, amigos, o tamanho da nossa solidão. (García Márquez, 2018, p. 11)

Este é o tamanho da solidão de que trata Gabriel García Márquez. A solidão na qual a América Latina é submetida a um mundo periférico e de viver à mercê dos dois grandes donos do mundo (aqui entedemos ser primeiramente o Mundo Ibérico e posteriormente o Imperialismo norte-americano), que estabelece nada mais do que uma relação de posse.

É neste diapasão que Gabo tece a trama de seu romance, apresentando tal realidade a partir de elementos surrealistas, imagens oníricas de expressividade espontânea, como que calcadas em teorias da psicanálise.⁵³

Para o levantamento dessas categorias, nos apoiamos no que nos fala Antonio Candido, em *Literatura e Sociedade*:

Em todos estes casos, o fator social é invocado para explicar a estrutura da obra e o seu teor de idéias [sic], fornecendo elementos para determinar a sua validade e o seu efeito sobre nós. Num plano menos explícito e mais sutil, mencionemos a tentativa de Erich Auerbach, fundindo os processos estilísticos para os métodos historicosiológicos para investigar os fatos da literatura [...] (Cândido, 2006, p.19)

São os fatores sociais que circundam a História da América Latina e os fatos que circundam a vida de Gabriel García Márquez que nos apoiamos para esta proposta de leitura decolonial deste romance. Em consonância com o pensamento de Candido, percebemos que os nexos constitutivos, que incidem na constituição do objeto deste estudo, que nos ajudam a compreender momentos históricos latino-americanos e as consequências do que foi o processo colonizatório.

2.2 O nó da colonização

Márquez inicia o romance com a emblemática cena: uma recordação do Coronel Aureliano Buendía:

Muchos años después, frente al pelotón de fusilamiento, el coronel Aureliano Buendía había que recordar aquella tarde remota en que su padre lo llevó a conocer el hielo. (García Márquez, [1967] (1987-2007), p. 11).

Recordar, em espanhol, segundo o verbete contido no dicionário *Señas* tem acepção de: *traer a la memoria, o al pensamiento; recordar*.⁵⁴ O romance começa com um momento de rememoração da personagem o que é um tema recorrente no romance latino-americano, segundo a pesquisadora Karla Pereira Cunha, em seu estudo sobre a identidade ibero-americana,⁵⁵ ao analisar também *Cien años de soledad*.

⁵³ CHIAMPPI, Irlemar. *O realismo maravilhoso: forma e ideologia do romance hispano-americano*. São Paulo: Perspectiva, 2015, p. 35.

⁵⁴ *Señas*: diccionario para la enseñanza de la lengua española para brasileños / Universidad de Alcalá de Henares. Departamento de Filología: Trad. de Eduardo Brandão, Claudia Berliner. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

⁵⁵ CUNHA, Karla Pereira. *Gabriel García Márquez e Octavio Paz: a questão da identidade ibero-americana em Cien Años de Soledad e El Laberinto de la Soledad*. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2007.

Diante do pelotão de seu fuzilamento, isto é, diante da própria morte, na imensa solidão de se ver totalmente fragilizado e impotente para salvar sua própria vida, vêm-lhe à memória cenas de um tempo de sua vida em que sua sensação de proteção era plena: com seu pai, sendo apresentado de forma segura a um dos fenômenos da natureza: o gelo.⁵⁶

A solidão acompanha as sete gerações da família Buendía, que mesmo acompanhados são isolados de si mesmos. A casa dos Buendía é habitada por muitos, mas todos isolados, impossibilitados de compartilhar sua solidão.⁵⁷ Uma solidão inseparável de Macondo e inseparável da América Latina, que está fadada a se tornar um labirinto de incertezas, cujo isolamento é provocado pelo processo colonizatório que desautoriza a forma de viver e de se expressar das populações locais.

Pensemos, então, como alguém pode ser um indivíduo, existir enquanto ser humano pleno, se passa a autoquestionar a si mesmo, suas crenças, suas habilidades e saberes? Captamos este questionamento como uma das marcas da violência epistemológica praticada contra os povos nativos, a colonialidade do poder, que nega o espaço para o reconhecimento do saber do outro tem de si mesmo e coloca em xeque sua essência.

Mas, para além desse estranhamento de si mesmo, a memória emerge, não apenas como lembrança, rememoração individual de sua situação particular de alguém, mas como construção coletiva,⁵⁸ conforme se vê na sequência da narrativa do romance.

⁵⁶ Márquez responde a Vargas Llosa em ocasião da entrevista realizada em Lima, Peru, em 1967, quando perguntado sobre a experiência do gelo: “[...] a primeira ideia que tive de *Cem anos de solidão* foi a imagem de um velho levando um menino para conhecer o gelo. [...] Parte dessa obsessão que tenho de voltar para a casa do meu avô que me levava ao circo. O gelo era uma curiosidade do circo porque o povoado era terrivelmente quente, onde não se conhecia o gelo, então o gelo vinha como vem um elefante ou como um camelo. [...] repare que o gelo está em uma tenada de circo, e é preciso pagar ingresso e tudo. (García Márquez, 2022, p. 86)

⁵⁷ Idem, p. 58

⁵⁸ Para o uso da memória enquanto constructo coletivo e lembrança enquanto expressão individual, nos apropriamos da produção de HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, Editora, 1990. Tb. HALBWACHS, Maurice. “A Expressão das emoções e a sociedade”. Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 8, n. 22, pp. 201 a 218, abril de 2009.

Quando acontece a fundação do vilarejo, Macondo é identificada como uma ilha metafórica, e isso acentua nossa percepção sobre a solidão que permeia sua sociabilidade:

Macondo era entonces una aldea de veinte casas de barro y cañabrava construidas a la orilla de un río de aguas diáfanas que se precipitaban por un lecho de piedras pulidas, blancas y enormes como huevos prehistóricos. – (García Márquez, [1967] (1987-2007), p. 11)

É neste espaço mítico, que a narrativa se inicia. E é na América Latina também que começa a nossa história, desde a chegada de Cristóvão Colombo, em 1492. É neste pequeno vilarejo, um território isolado e místico para o explorador; a América Latina, um território isolado do mundo. Isolado, mas estratégico ao mesmo tempo, pois a América simboliza também a utopia do explorador em busca por riquezas além do que permeava a imaginação europeia sobre este novo lugar.

El mundo era tan reciente, que muchas cosas carecían de nombre, y para mencionarlas había que señalarlas con el dedo. (García Márquez, [1967] (1987-2007), p. 11)

Ainda na abertura do romance, faz-se uma rápida menção de que Macondo é um lugar insuficiente, incapaz de uma comunicação humana, isso porque os conquistadores não estabelecem comunicação com os povos nativos. Não existia, na concepção deles, um código linguístico (as coisas careciam de nome e precisavam apontá-las com o dedo), o que denotava uma realidade subdesenvolvida.

Difundir a ideia de um lugar inóspito, isolando-os, é uma estratégia de imposição de poder, uma vez que o povo não tinha como averiguar tal informação se de fato estavam numa ilha. Esta ideia fica estabelecida por muito tempo.

—¡Carajo! —gritó—. Macondo está rodeado de agua por todas partes. La idea de un Macondo peninsular prevaleció durante mucho tiempo, inspirada en el mapa arbitrario que dibujó José Arcadio Buendía al regreso de su expedición. (García Márquez, [1967] (1987-2007), p. 22)

Macondo é visto como um lugar, ao mesmo tempo, perigoso, onde não se tem controle do desconhecido. E por essa razão as armas e a violência seriam ferramentas eficazes para o controle do que poderia surgir inesperadamente.

De acuerdo con los cálculos de José Arcadio Buendía, la única posibilidad de contacto con la civilización era la ruta del norte. De modo que dotó de herramientas de desmonte y armas de cacería a los mismos hombres que lo acompañaron en la fundación de Macondo; echó en una mochila sus instrumentos de orientación y sus mapas, y emprendió la temeraria aventura. (García Márquez, [1967] (1987-2007), p. 20)

As armas de fogo e a tecnologia da qual o explorador fazia uso já naquela época dava a ele a possibilidade de controlar o novo território. (Ginzburg, 2002, p. 38) Ao

descrever as atitudes de José Arcadio Buendía, Márquez nos coloca a refletir sobre o que foi o momento histórico de chegada dos exploradores. Podemos afirmar que este é um exercício de “passado no presente” do autor do romance, que nos leva presentificar este passado, decodificando episódios históricos que nos levarão a uma reflexão do nosso hoje na América Latina.

Los primeros días no encontraron un obstáculo apreciable. Descendieron por la pedregosa ribera del río hasta el lugar en que años antes habían encontrado la armadura del guerrero, y allí penetraron al bosque por un sendero de naranjos silvestres. Al término de la primera semana, mataron y asaron un venado, pero se conformaron con comer la mitad y salvar el resto para los próximos días.
[...] (García Márquez, [1967] (1987-2007), p. 20-21)

Aquele mundo natural ao qual adentravam parecia inóspito e agressivo que pouco se comunicavam uns com os outros. O real parecia fantasmagórico e ao mesmo tempo os desafios reais de sobrevivência os obrigava a recorrer a técnicas rudimentares que lhes garantisse o mínimo para a sobrevivência. Imersos entre luz e sombras que tornava a visão turva, fazendo com que tivessem possíveis visões sobrenaturais de salamandras douradas, insetos luminosos, enquanto o ar rarefeito os fazia sentir o meio ambiente apenas enquanto a opressão lhes sangrava os pulmões.

Los hombres de la expedición se sintieron abrumados por sus recuerdos más antiguos en aquel paraíso de humedad y silencio, anterior al pecado original, donde las botas se hundían en pozos de aceites humeantes y los machetes destrozaban lirios sangrientos y salamandras doradas. Durante una semana, casi sin hablar, avanzaron como sonámbulos por un universo de pesadumbre, alumbrados apenas por una tenue reverberación de insectos luminosos y con los pulmones agobiados por un sofocante olor de sangre. No podían regresar, porque la trocha que iban abriendo a su paso se volvía a cerrar en poco tiempo, con una vegetación nueva que casi veían crecer ante sus ojos. (García Márquez, [1967] (1987-2007), p. 20-21)

O cansaço tomava conta daqueles homens, que “*Durante una semana, casi sin hablar, avanzaron como sonámbulos por un universo de pesadumbre*”. Mas voltar atrás não era uma alternativa. O explorador também paga o preço de suas escolhas desumanas, pois ainda que tendessem a adaptar-se aos hábitos dos nativos, estariam desacreditando o nome dos europeus aos olhos da população. (Ginzburg, 2002, p.89)

Mas eram homens acostumados ao enfrentamento de realidades difusas, disformes, inimagináveis ao senso comum. Afinal, há tempos atravessavam infindáveis mares em embarcações cujo piso a sacolejar pelas ondas, nem sempre apenas maroladas, era seu único ponto seguro. Assim o autor traz toda a magicidade do período conhecido como Grandes Navegações, quando descreve o retorno de José Arcadio depois de anos a Macondo. Ele deixa sua família em busca do amor por uma cigana e volta como um

homem corpulento, falando como em espanhol, utilizando as gírias dos marinheiros apátridas que lhe acompanhava. E afirma ter dado sessenta e cinco voltas ao mundo durante este período, passando por países remotos:

Había naufragado y permanecido dos semanas a la deriva en el mar del Japón, alimentándose con el cuerpo de un compañero que sucumbió a la insolación, cuya carne salada y vuelta a salar y cocinada al sol tenía un sabor granuloso y dulce. (García Márquez, [1967] (1987-2007) p. 100)

Em poucas linhas o autor traz ao leitor a dimensão das vivências destes homens que configura o substrato de suas percepções da realidade. Perpassam pelo mundo todo, pois vão do mar do Japão, onde se vêm praticando a antropofagia, para o golfo de Bengala e adentram ao Caribe, como que em um mesmo momento

En un mediodía radiante del Golfo de Bengala su barco había vencido un dragón de mar en cuyo vientre encontraron el casco, las hebillas y las armas de um cruzado. Había visto en el Caribe el fantasma de la nave corsaria de Víctor Hugues, con el velamen desgarrado por los vientos de la muerte, la arboladura carcomida por cucarachas de mar, y equivocado para siempre el rumbo de la Guadalupe. (García Márquez, [1967] (1987-2007) p. 100)

Um cenário que, também nos reporta à obra *Peregrinação*,⁵⁹ do escritor português Fernão Mendes Pinto (1509-1583), que trata de suas experiências como europeu na Ásia, no auge da expansão portuguesa em que foi contemporâneo. Não por acaso traçamos um paralelo com o romance de García Márquez, pois ela narra, como literatura de viagem, o contrapelo da identidade heroica, tão acentuada neste tipo literatura de viagem, como é conhecida, apresenta os mais diferentes cenários, que eram desconhecidos ao europeu. Mas, diferentemente de *Os Lusíadas* (1572), de Luís Vaz de Camões, obra que antecedeu *Peregrinações*, que exalta a figura dos conquistadores, materializado no heroísmo de Vasco da Gama, a obra de Fernão Mendes traz a imagem do anti-herói, que é capaz de qualquer façanha para extrair riqueza, mesmo que isso signifique perder sua humanidade.

Esta obra, *Peregrinação*, foi por muito tempo um livro proibido e considerado mentiroso pelos portugueses, recebendo um trocadilho que ficou famoso: “Fernão, mentes? – Minto”. Pois, assim como mencionamos anteriormente, trata-se de uma obra que não exalta os feitos dos navegadores, mas o anti-herói português. Com o passar do tempo e estudos sobre a obra de Pinto, foi comprovado que muitos relatos ali registrados são historicamente verdadeiros.

⁵⁹ Pinto, Fernão Mendes. 1509-1583. *Peregrinação*. V.1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

Esse aspecto nos parece interessante, pois, assim como obra do escritor português, Gabriel García Márquez também demonstra que o conquistador espanhol é um anti-herói, capaz de qualquer coisa para extrair as riquezas que encontra no Novo Mundo.

Ainda burilando o mesmo trecho de *Cien años de soledad* temos uma perspectiva de como o europeu enxerga este novo lugar. Quando lemos: “[...] *Había visto en el Caribe el fantasma de la nave corsaria de Víctor Hugues, con el velamen desgarrado por los vientos de la muerte, la arboladura carcomida por cucarachas de mar [...]*,” isso nos faz pensar no trajeto feito pelas caravelas no período das Grandes Navegações e na impressão que os navegadores faziam dos eventos naturais que enfrentaram no caminho.

Mas aquelas múltiplas dimensões do real não foram suficientes para os imobilizar. Aceitar como desafios mesmo sem as compreender os fez distintos de suas personalidades anteriores. Logo aprenderam que a penumbra que os circundava também os protegia, fazendo com que pudessem caçar e comer araras (*guacamayas*).⁶⁰

Trataban de aplazar con esa precaución la necesidad de seguir comiendo guacamayas, cuya carne azul tenía un áspero sabor de almizcle. Luego, durante más de diez días, no volvieron a ver el sol. [...]. (García Márquez, [1967] (1987-2007) p. 20-21)

A sensação de medo diante da natureza densa, era algo que tomava esses navegantes, cujas referências imagéticas remetiam às obras que não passavam nem de longe pelo real latino-americano, mas que remetiam ao fantástico já contido em outras literaturas, como, por exemplo, no *Livro das Maravilhas*, de Marco Polo, viajante italiano, cuja obra serviu de guia para muitos exploradores do século 15. Como descreve Eduardo Galeano:

Colombo levava consigo um exemplar do livro de Marco Polo, coberto de anotações nas margens das páginas. Os habitantes de Cipango, dizia Marco Polo “possuem ouro em enorme abundância, e as minas onde o encontram jamais se esgotam [...]. Também há nesta ilha pérolas do mais puro brilho em grande quantidade. [...] O anseio de metais preciosos, a moeda de pagamento no tráfico comercial, também impulsionou a travessia dos mares malditos. (2021, p. 29-30)

2.3 Os “Donos do Mundo” diante de Macondo

José Arcadio Buendía ignoraba por completo la geografía de la región. Sabía que hacia el oriente la sierra impenetrable, y al otro lado de la sierra la antigua ciudad de Riohacha, donde en épocas pasadas – según le había contado el primer

⁶⁰ Aves diurnas, que não tem por hábito voar durante a noite. Preferem temperaturas mais frias da manhã, para voam e descansar, principalmente pela tarde, quando o Sol não está tão quente. Araras-vermelhas.

Aureliano Buendía, su abuelo – sir Francis Drake se daba al deporte de cazar caimanes a cañonazos, que luego hacía recomendar y rellenar de paja para levárselos a la reina Isabel. (García Márquez, [1967] 1987-2007, p. 20)

Esta América Latina vista como um lugar “inóspito”, “cheio de selvagens”, de “natureza exótica”, “animais míticos”, fez com que o constructo mental sobre o “novo continente” a representasse como um tipo de sociedade que se desenvolveria, em alguns sentidos, quase à margem das congêneres europeias, e sem delas receber qualquer incitamento que já não trouxesse em germe. (Buarque de Holanda, 2014, p. 36)

Ou seja, a “grande descoberta”, foi, de fato, um plano de expansão territorial, de exploração de riquezas e de mão obra escrava,⁶¹ uma vez que tudo que o colonizador encontra por aqui é destituído de sua humanidade, pois é considerado selvagem e pré-histórico.

Macondo, à margem desta sociedade europeia que se julga superior, representa uma América Latina desconhecida. Este novo continente, descrito no romance [...] *era entonces una aldea de veinte casas, [...] y enormes como huevos prehistóricos* (conforme citado acima), cuja forma de organização divergia em muito dos modelos já estabelecidos na Europa do século 15 e é vista como um território onde tudo parece pré-histórico. Esta imagem de sociedade atrasada que fora construída durante todo o período da colonização perdura até os dias atuais e, ao trazer esta representação, Márquez nos coloca diante deste sistema de opressão, provocando nossa consciência, pois o imperialismo, nesse caso o europeu, segue como o detentor dos recursos e do poder.

Porém, este *mundo era tan reciente, que muchas cosas carecían de nombre, y para mencionarlas había que señalarlas con el dedo* (García Márquez, [1967] (1987-2007) p. 11). E uma vez que a Europa se coloca como modelo universal, tudo o que lhes parecia estranho, em sua percepção, era inominado, ou seja, carecia de civilidade. Não lhes importava os costumes nem as diferentes línguas ou dialetos falados aqui, suas divindades, suas formas de reconhecimento do real, pois nada do que fora encontrado aqui se enquadrava em seu paradigma de civilidade. Como na cena a seguir, na caminhada de José Arcádio pelo novo território:

En su juventud él y sus hombres, con mujeres y niños y animales de toda clase de enseres domésticos, atravesaron la sierra buscando una salida al mar [...] Era pues una ruta que no le interesaba, porque sólo podía conducirlo al pasado. Al

⁶¹ “El hecho es que ya desde el comienzo mismo de América, los futuros europeos asociaron el trabajo no pagado o no-asalariado con las razas dominadas, porque eran razas inferiores [...]”. Quijano, 2019, p. 66-67)

sur estaban los pantanos, cubiertos de una eterna nata vegetal, y el vasto universo de la ciénaga grande, que según testimonio de los gitanos carecía de límites. (García Márquez, [1967] 1987-2007, p. 20)

É reduzindo o novo território a um ambiente inóspito, assim como não reconhecendo a individualidade dos nativos, transformando-os em seres meramente exóticos, criando a dicotomia entre o humano e o não humano que termos como “América”, “Ocidente”, “Islã”, invenções de identidades coletivas para multidões de indivíduos que, na realidade, diferem muito entre si. (Said, 2007, p. 25)

Ao fazer um paralelo com as concepções de Edward Said de que a ideia que o Ocidente tem do Oriente como um lugar de histórias da Antiguidade, seres exóticos e paisagens mágicas, é uma invenção europeia, podemos dizer que a ideia de América é também inventada pelo Imperialismo Ibérico,⁶² e que expressa o desejo de controle.

Claro que esse aspecto da violência praticada contra os povos originários é apenas uma das muitas outras violências, que posteriormente se estabelecem como colonialismo. Como afirma o sociólogo peruano, Aníbal Quijano, no artigo “*Colonialidad, Modernidad/Racionalidad*”, “*De otra parte, fue establecida una relación de dominación directa, política, social y cultural de los europeos sobre los conquistados de todos los continentes. Esa dominación se conoce como colonialismo*”. (1992, p.11)

Contrapondo-se a estas leituras que denigrem o ser social e a paisagem latino-americana, Macondo desponta no romance como um verdadeiro paraíso. Um lugar de harmonia, onde nada de ruim até então acontecera, nem a morte, até porque seus habitantes eram ainda muito jovens.

[...] Macondo fue una aldea más ordenada y laboriosa que cualquiera de las conocidas hasta entonces por sus 300 habitantes. Era en verdad una aldea feliz, donde nadie era mayor de treinta años y donde nadie había muerto. (García Márquez, [1967] (1987-2007) p. 19)

Faz sentido pensar que Gabo tenha se reportado aos textos bíblicos também para representar essa imagem de Novo Mundo e Macondo como o Éden, o lugar da origem, até porque as referências à Bíblia em *Cien años de soledad* não são poucas. Por exemplo, a origem de Macondo nos remete ao paraíso descrito no livro bíblico do Gênesis: “No princípio, Deus criou o céu e a terra. A terra estava deserta e vazia, as trevas cobriam o abismo e o Espírito de Deus pairava sobre as águas. [...] Deus criou o ser humano à sua

⁶² SAID, Edward W. *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 25.

imagem, à imagem de Deus o criou. Homem e mulher ele os criou”. (Gênesis 1, 1-2.27),⁶³ assim como Macondo era um paraíso, um lugar *donde nadie era mayor de treinta años y donde nadie había muerto*. Tudo isso numa perspectiva que é muito própria ao realismo maravilhoso, em que os “ensinamentos” são passados como que em “parábolas”, com elementos da vida cotidiana, mas com a finalidade de transmitir uma lição, assim como as narrativas bíblicas ao se referirem aos ensinamentos de Jesus.

Mas não foi apenas a aceitação, pelos invasores, das múltiplas dimensões da realidade que compõem o realismo maravilhoso da racionalidade latino-americana, também a Igreja Católica cumpriu seu papel neste quesito, como nos demonstra Mignolo:

El control de las subjetividades fue desde comienzo un aspecto fundamental en la constitución de la interioridad del patrón colonial de poder, en la correspondiente destitución de lo indeseable y en la invención de la exterioridad (e.g. la otredad en la constitución de la mismidad). Lo fue mediante la iglesia al comienzo y luego por la ciencia [...] (Mignolo, 2019, in: Quijano, 2019, p. 32)

Aqueles homens, cujas longas vestimentas contrastavam com as roupas dos outros brancos, vinham em nome de outro poder, o de um Deus que, por estar acima de todos os outros era ainda mais inquestionável e este componente é trazido no romance na figura de um padre de nome Nicanor.

O diálogo entre este pároco e José Arcádio é muito expressivo, não só pelas diferentes perspectivas que fundam o pensamento de cada um destes personagens, mas também porque indicar aspectos inerentes àquelas relações sociais: a desconfiança, a credence, a esperteza. Assim é que, enquanto o fundador olha o padre como uma pessoa cujas crenças, para ele assumir, precisam lhe ser demonstradas fisicamente e o padre Nicanor tenta a todo custo comprovar que seu poder de levitação – estimulado pelo chocolate – é um dom divino e paralelamente angariava fundos para a igreja no que, afinal, se mostrava muito bem-sucedido.

Anduvo varios días por entre las casas, repitiendo la prueba de la levitación mediante el estímulo del chocolate, mientras el monaguillo recogía tanto dinero en un talego, que en menos de un mes emprendió la construcción del templo. Nadie puso en duda el origen divino de la demostración, salvo José Arcadio Buendía, que observó sin inmutarse el tropel de gente que una mañana se reunió en torno del castaño para asistir una vez más la revelación.

[...]

*El padre Nicanor aprovechó la circunstancia de ser la única persona que había podido comunicarse con él (**José Arcadio Buendía**) para tratar de infundir la fe*

⁶³ *Bíblia Sagrada*. Tradução da CNBB. Brasília: Edições CNBB, 2011.

en su cerebro trastornado. (García Márquez, [1967] (1987-2007) p. 92) (inserção nossa)

Numa cena que nos remete ao Sermão da Montanha, conhecido também como Sermão das Bem-aventuranças,⁶⁴ em que Jesus se encontra com uma multidão ansiosa por vê-lo e ouvi-lo e ensina passos para uma forma de vida humilde e desprendida, como que em um espelhamento reverso, padre Nicanor se coloca como centro da cena praticando a levitação como uma prova de sua ligação direta com o divino.

Durante esta mesma cena, o padre tem oportunidade de se comunicar diretamente com o fundador daquele povoado, com a intensão de “*infundir a fé en su cérebro trastornado*”. As diferenças entre aqueles dois universos, o do habitante da região, para o qual seu interlocutor é visto com certa complacência, e o padre que está em busca de fiéis que ampliassem o poder da Igreja. Trata-se de trechos extremamente jocosos, cuja fina ironia perpassa diálogos que expressam estas duas dimensões de mundo.

Não se trata, desse modo, apenas de um diálogo tranquilo entre dois entes que expõe suas perspectivas sobre o divino, como aparenta à primeira vista: trata-se de uma disputa de poder pela ascendência junto à população da comunidade.

De fato, como é de conhecimento geral, como parte integrante da colonização, a Igreja correspondia a uma instância de poder que contribui para a instalação da coroa espanhola na América, mas, em outros momentos, disputa com ela.

[...] Apenas se estiró un poco en el banquillo y se encogió de hombros cuando el padre Nicanor empezó a levantarse del suelo junto con la silla en que estaba sentado.

- Hoc est simplissimum – dijo José Arcadio Buendía -: homo iste statum materia invenit.⁶⁵

El padre Nicanor levanto la mano y las cuatro patas de la silla se posaron en tierra al mismo tiempo.

- Nego -dijo-. Factum hoc existiam Dei probat sine dubio.⁶⁶

[...]

Todas las tardes se sentaba junto a castaño, predicando en latín, pero José Arcadio Buendía se empeñó en no admitir vericuetos retóricos ni transmutaciones de chocolate, y exigió como única prueba el daguerrotipo de Dios. (García Márquez, [1967] (1987-2007) p. 92)

Isso posto, embora o ceticismo de Buendía exigisse uma comprovação material da existência de Deus, aparentemente (não fosse a ironia), bastou que as quatro pernas da cadeira onde se sentava o padre, assentassem ao chão ao mesmo tempo. Isto é, deduz-se

⁶⁴ Mateus 5, 1-11. In: *Bíblia Sagrada*. Tradução da CNBB. Brasília: Edições CNBB, 2011.

⁶⁵ Trad. livre: Esta é a mais simples: o quarto estado da matéria, o mesmo homem foi encontrado.

⁶⁶ Trad. Livre: Este fato prova, sem dúvida, a existência de Deus

que o padre era gordo e que, ao levantar-se alçou também a cadeira, presa em seus quadris. Eis o daguerreótipo⁶⁷ de Deus!

No trecho a seguir, expressa-se a cegueira dos mandatários da Igreja Católica para com os costumes dos nativos, assim como os viam os europeus. Mas, para esses, não se tratava apenas de um não reconhecimento que lhes permitiria matar, escravizar. O que se observa é o pensamento que imporá a transmutação de culturas, o apagamento dos costumes, a negação de si, conforme vimos anteriormente. Pois isso, quem melhor fará é a Igreja Católica.

[...]Llevaba el propósito de regresar a su parroquia después de la boda, pero se espantó con la aridez de los habitantes de Macondo, que prosperaban en el escándalo, sujetos a la ley natural, sin bautizar a los hijos ni santificar las fiestas. Pensando que ninguna tierra le hacía tanta falta la simiente de Dios, decidió quedarse una semana más para cristianizar a circuncisos y gentiles, legalizar concubinarios y sacramentar moribundos. (García Márquez, [1967] (1987-2007) p. 91)

Quer dizer, em vez de perceber o Paraíso, o mundo sem pecado, o Éden descrito na *Bíblia*, o padre viu apenas aridez, vidas desregradas, escandalosas, “*sujetas a la ley natural*” e decidiu acabar com aquilo tudo. Incapaz de perceber ali o mundo sem pecado, subordinou aquelas vivências às regras construídas para um mundo de pecadores e enquadrou a todos nesta condição. Justificando assim todas as imposições que expressavam o máximo da intolerância.

Assim como neste trecho:

[...] y la moral familiar; eran los defensores de la fe de Cristo, del principio de autoridad, y no estaban dispuestos a permitir que el país fuera descuartizado en entidades autónomas. (García Márquez, [1967] (1987-2007) p. 104)

A catequese imposta aos nativos pela Igreja Católica que representava diretamente os interesses da coroa, é, senão, outra ferramenta utilizada pelo europeu para invalidação de crenças e rituais, para dominar e ter autoridade sobre a população. A imposição da prática da religião cristã e todos os seus conceitos teológicos se sobrepuseram aos saberes míticos dos nativos. Como o trecho seguinte: *El padre Nicanor le llevó entonces medallas y estampitas y hasta una reproducción del paño de la Verónica, pero José Arcadio Buendía los rechazó por ser objetos artesanales sin fundamento científico. (García Márquez, [1967] (1987-2007) p. 93)*

⁶⁷ Os clichês de Daguerre eram placas de prata, iodadas e expostas na *camera obscura*; elas precisam ser manipuladas em vários sentidos, até que se pudesse reconhecer, sob uma luz favorável, uma imagem cinza-pálida. [...] eram guardadas em estojos como jóias *[sic]*. Mas vários pintores as transformaram em recursos técnicos. (BENJAMIN, Walter. *Op. cit.* p. 93)

Ao enfraquecer a religiosidade dos povos nativos, enfraquece-se uma marca importante da cultura e reforça-se a dominação por meio da rigidez social de forma a transformar tudo em mercadoria.

O resultado dessas práticas acaba por justificar os frequentes genocídios, os assassinatos, seja pelo trabalho exaustivo, seja pela morte como castigo divino – interpretação dada aos que morriam com as pestes, no memoricídio, no roubo de patrimônio físico e cultural. Ou seja, estamos diante do colonialismo, a prática pela qual Estados europeus mantiveram o controle político, econômico, cultural e religioso. Neste aspecto, retomamos Said:

E, ainda assim, devemos nos perguntar várias vezes se o que importa no Orientalismo é o grupo geral de ideias que domina a massa de material – impregnadas de doutrinas da superioridade europeia, vários tipos de racismo, imperialismo e coisas semelhantes, visões dogmáticas do “oriental” como uma espécie de abstração ideal e imutável. (Said, 2007, p. 35)

Ao trazermos esta afirmação de Said, pensamos no contexto latino-americano em que o processo colonizatório se deu a partir de um campo de ideias pautadas no roubo da terra, da cultura, a morte como castigo e a fé cristã como imposição. Tudo isso como ferramentas de imposição de poder utilizadas pelo colonizador europeu que interrompe a lógica do que define ser latino-americano, culminando em dogmas imperialistas sobre o que vem a ser a América Latina.

Ao enfraquecer a identidade coletiva, o explorador consegue colocar-se como centro do mundo, deixando a sensação de “não pertencimento” em suas vítimas.

Para os “donos do mundo”, Macondo não passa de lugar nenhum, desprovido de uma organização considerada racional, por isso lhe é imposto um modelo de sociedade que não leva em conta o panorama social e a necessidade local.

2.4 Os habitantes de Macondo

Cien años de soledad, como apresentamos anteriormente, é resultado da soma de referências históricas e vivências pessoais e sociais de Gabriel García Márquez. Ao compor esta narrativa, Márquez nos colocar diante do que seria o mais próximo da realidade latino-americana, utilizando um formato que nos leva às novelas de cavalaria e, porque não mencionar, *As mil e uma noites*.

Isso posto, seus personagens, no decorrer da trama, formam cada um quase que um universo particular, responsáveis por nos conduzir por diferentes formas que tornam possível compreender a própria América Latina.

Dentre os habitantes de Macondo estão seus fundadores José Arcádio Buendía e sua esposa, Úrsula Iguarán, que vivera por cerca de 120 anos. Primos, cujo casamento despertava temor, pois o parentesco sanguíneo poderia trazer consequências aos descendentes, como é comum no imaginário popular dado o temor de que os filhos viessem a nascer com rabos de porco, como acontecera a seus tios. No entanto, seus filhos, José Arcádio, Aureliano e Amaranta vieram ao mundo sem nenhuma parte animal.

En la escondida rancheira vivía de mucho tiempo atrás un criollo cultivador de tabaco, don José Arcadio Buendía, con quien el bisabuelo de Úrsula estableció una sociedad tan productiva que en pocos años hicieron una fortuna. Varios siglos más tarde, el tataranieta del criollo se casó con la tataranieta del aragonés. [...] Era un simples recurso de desahogo, porque en verdad estaban ligados hasta la muerte por un vínculo más sólido que el amor: un común remordimiento de conciencia. Eran primos entre sí. (García Márquez, [1967] (1987-2007) p. 29-30)

José Arcadio Buendía, um criollo, “o homem mais empreendedor” que habitou a aldeia, de caráter forte, interessado por alquimia, pelo gelo, esse outro estado da água no qual circunda a ideia de mistério.

José Arcadio Buendía los pagó, y entonces puso la mano sobre el hielo, y la mantuvo puesta por varios minutos, mientras el corazón se le hinchaba de temor y de júbilo al contacto del misterio. (García Márquez, [1967] (1987-2007) p. 27)

O que nos evidencia que desde o início o contato dos habitantes da aldeia, desde seu fundador, com elementos que expressam a magicidade de Macondo.

Além disso, José Arcadio Buendía é também homem preocupado com a organização das casas e a estruturação arquitetônica da aldeia de forma que todos pudessem abastecer-se de água, o que denota seus traços de racionalidade.

José Arcadio Buendía, que era el hombre más emprendedor que se vería jamás en la aldea, había dispuesto de tal modo la posición de las casas, que desde todas podía llegarse al río y abastecerse de agua con igual esfuerzo, y trazó calles con tan buen sentido que ninguna casa recibía más sol que otra a la hora del calor. (García Márquez, [1967] (1987-2007) p. 19)

No entanto, Macondo se compunha também por pessoas que iam e vinham, nômades que circulavam por vários rincões, tinham contato com outras culturas e acabavam trazendo ao vilarejo as “novidades do mundo”. Trata-se dos ciganos, que, como peregrinos, percorrem outros lugares do mundo e retornam todo ano a Macondo:

Todos los años, por el mes de marzo, una familia de gitanos desaparrados plantaba su carpa cerca a la aldea, y con un grande alboroto de pitos y timbales

daba a conocer los nuevos inventos. Primero llevaron el imán. Un gitano corpulento, de barba montaraz y manos de gorrión, que se presentó con el nombre de Melquíades, hizo una truculenta demostración pública de lo que él mismo llamaba la octava maravilla de los sabios alquimistas de Macedonia. (García Márquez, [1967] (1987-2007) p. 11)

Para esses nômades, o passar do tempo corre de forma diferente àquela já estabelecida pelos colonizadores europeus. Seus malabarismos, mas, principalmente a “*demonstración pública de lo que él mismo llamaba la octava maravilla de los sabios alquimistas de Macedonia*”, acrescentava um item a mais na configuração daquela realidade onírica. Pois não haveria por que duvidar daquela afirmação, nem desta, nem de todas as outras demonstrações dos “avanços da ciência”, como o imã, por exemplo, que lhes eram apresentadas. Essa era a forma da comunicação dos habitantes de Macondo com algum longínquo mundo exterior, tratava-se de coisas maravilhosas, espantosas, mas não agressivas. Portanto, não estavam fechados às novidades, pelo contrário, as incorporavam em seu imaginário como presenças físicas, reais.

2.4.1 Os habitantes e o tempo

Cada vez que os ciganos retornam a Macondo, Melquíades traz consigo mercadorias de diversos lugares, o que desperta curiosidade em José Arcádio. Melquíades, personagem de muita importância da trama, era o que mais se destacava, não apenas como um sábio, mas pela facilidade de comunicação. Este “*cigano corpulento, de barba montaraz y manos de gorrión, que se presentó con el nombre de Melquíades*”, (García Márquez, [1967] (1987-2007), p.11).

Porém, o voltar todos os anos, no romance, não só expressa o ir e vir daquela população nômade, mas também traz-nos a ideia do que tem sido conhecido como o tempo circular, sobre o que muitos autores já se debruçaram. “*Es como si el tiempo diera vueltas en redondo y hubiéramos vuelto al principio*,” (García Márquez, [1967] (1987-2007) p. 203), ou seja, faz parte da magicidade sobre aquele universo macondiano uma existência que não se dá a partir de um tempo cronológico, mas tendo como referência os fenômenos da natureza, determinados hábitos dos animais, que comunicam uma outra forma de existência de tempo.

O tempo cíclico, como o tempo da natureza, em que as mudanças, as inovações são secundárias diante do eterno retorno que garante a reprodução de todas as coisas e do

próprio universo. Este tempo que não é o cronológico, que marca as horas, os dias, os meses como nos foi convencionado é o tempo das coisas, das estações do ano, o tempo que envolve as personagens em seu próprio universo. O que toca nas práticas religiosas, nas atividades desenvolvidas por cada grupo étnico, que o organiza de modo diferente um do outro, da contagem do tempo, que também é particular de cada um desses grupos, que diz respeito ao seu cotidiano. Mas que também é coletivo, não só pelas estações do ano que marcam as semeaduras, as colheitas, as intempéries recorrentes da natureza, mas porque o coletivo marca os tempos de cada pessoa pela rememoração de suas vivências.

O tempo que é também marcador de identidade, pois é por meio das vivências individuais no tempo presente, que a relação com a natureza se marca neste mesmo tempo, isto é, ele não é exterior às práticas cotidianas da vida. Segundo Paul Ricoeur, resgatado por Bona (2010),⁶⁸ a narrativa se apresenta como “guardiã do tempo” e que mais do que isso, a narrativa “atua” no sentido de constituir a identidade do sujeito, pois leva à constituição da identidade do sujeito, seja individual ou coletiva. (idem, p. 102-103).

A ideia de um tempo não linear, mas cíclico, envolve toda a narrativa e esta marcação, se assim podemos chamar, por meio dos nomes e de suas repetições, como é o caso de José Arcádio, que tem um filho que também se chama José Arcádio e, posteriormente José Arcádio Segundo; Coronel Aureliano e seus filhos dos 17 Aurelianos e depois Aureliano José, Aureliano Segundo.

Em mente com a ideia de “eterno retorno”, cujos personagens são os guardiões do tempo e “O ato de narrar ocorre no tempo e a história narrada encontra-se implicada na correlação entre a temporalidade da experiência humana e a da narrativa”. (Bona, 2010, p. 108)

Se no início do romance, quando da fundação de Macondo, para Aureliano, “*El mundo era tan reciente, que muchas cosas carecían de nombre*”, ao final da saga, quando ele decifra os pergaminhos de Melquíades, escritos cem anos antes, reconhece neles a história de sua própria família, os Buendía, o que o faz retornar à sua própria origem, no mesmo momento em que um episódio apocalíptico destrói Macondo:

⁶⁸ Bona, Nelson Aldo, *Paul Ricoeur e uma epistemologia da história centrada no sujeito*. Doutorado. UFF. 2010.

Aureliano Babilonia acabara de decifrar los pergaminhos, y todo lo escrito en ellos era irrepitable desde siempre y para siempre, porque las estirpes condenadas a cien años de soledad no tenían una segunda oportunidad sobre la tierra. (García Márquez, [1967] (1987-2007) p. 426)

Assim, a saga da família Buendía se dá num tempo que diz respeito somente a eles. O tempo de um destino pré-determinado e, assim como a América Latina, Macondo não está destinada a um tempo que os levará a um destino próspero, mas um retorno ao início, como em um labirinto, cuja saída é inexistente onde passado e presente se fundem. Eles estão presos àquelas condições pelas quais são acometidos: “*El primero de la estirpe está amarrado en un árbol y al último lo están comiendo las hormigas*”. (García Márquez, [1967] (1987-2007) p. 424). Ou seja, “o jogo narrativo submete ao ‘eterno retorno’ seres que são motivados pelos mesmos sonhos, mesmas esperanças, tabus e medos”. (Fernandes, 1991, p. 11)⁶⁹

Ou como no trecho a seguir, que demonstra a vivência de indivíduos marcados pelo exagero que expressa a realidade de um tempo particular, quando uma cigana muito jovem, “*la mujer más bella que José Arcadio había visto en su vida*” (p. 42) é acuada pelos ciganos quando ela se coloca em defesa do “homem-víbora”, indivíduo que havia se transformado em víbora por ter desobedecido seus pais. Detida pelos ciganos, ela é ameaçada a ser decapitada todas as noites. A ideia de um longo tempo nos remeteu a Prometeu, quando condenado por Zeus, por 30 mil anos a ter suas entranhas comidas por uma águia, ou seja, um tempo que remete a um sofrimento sem fim:

[...] una gitana muy joven, casi una niña, agobiada de abalorios, la mujer más bella que José Arcadio había visto en su vida. Estaba entre la multitud que presenciaba el triste espectáculo del hombre que se convirtió en víbora por desobedecer a sus padres.

José Arcadio no puso atención. Mientras se desarrollaba el triste interrogatorio del hombre-víbora, se había abierto paso por entre la multitud hasta la primera fila en que se encontraba la gitana, y se había detenido detrás de ella. Se apretó contra sus espaldas. La muchacha trató de separarse, pero José Arcadio se apretó con más fuerza contra sus espaldas. Entonces ella lo sintió. Se quedó inmóvil contra él, temblando de sorpresa y pavor, sin poder creer en la evidencia, y por último volvió la cabeza y lo miró con una sonrisa trémula. En ese instante dos gitanos metieron al hombre-víbora en su jaula y la llevaron al interior de la tienda. El gitano que dirigía el espectáculo anunció:

- Y ahora, señoras y señores, vamos a mostrar la prueba terrible de una mujer que tendrá que ser decapitada todas las noches a esta hora durante ciento cincuenta años, como castigo por haber visto lo que no debía. (García Márquez, [1967] (1987-2007) p. 42)

⁶⁹ Fernandes, Luiz Carlos. “Aspectos do tempo circular em Cem anos de solidão”. *Itinerários – revista de Literatura*, n. 2. ,1991, UNESP. Revistas - SEER / Open Journal Systems - OJS, p. 167-183.

Exatamente como na mitologia, por ter “visto o que não devia”, esta mulher deve ser decapitada todas as noites por cento e cinquenta anos, ou seja, nos faz pensar nas várias mortes pelas quais haveria de passar. Numa cena que lembra a apresentação de um espetáculo, a mulher como vítima, está colocada no centro e determina-se que, neste período, ela será decapitada todas as noites. Estamos diante de uma cena de violência psicológica. O tempo como marca de sofrimento constante: ser decapitada muitas vezes. Porém, a morte da cigana é aparentemente adiada pelo plano de José Arcádio, que, em meio à condenação do homem-víbora, se esconde na barraca dos ciganos com a menina e passam a noite juntos.

José Arcadio y la muchacha no presenciaron la decapitación. Fueron a la carpa de ella, donde se besaron con una ansiedad desesperada mientras se iban quitando la ropa [...] . (García Márquez, [1967] (1987-2007) p. 42)

Mas a ordem cronológica do tempo, medida pelos critérios da cristandade europeia e que se coadunou perfeitamente à dinâmica do capitalismo que, centrado no trabalho como gerador da riqueza, necessitava da precisão que distinguia o tempo do fazer do tempo do lazer, particularmente para controlar os trabalhadores, se impôs naquela distante Macondo.

No entanto, seu líder, José Arcádio, como que diante de algo exótico, como um ditador (Márquez como que parodiando as figuras ditadoras que marcam a história latino-americana), resolve impor o relógio que contava as horas de uma forma diferente.

É impressionante como a figuração construída por García Márquez no trecho abaixo, expressa a transmutação sofrida pela América Latina, do tempo da natureza para o tempo do capitalismo.

José Arcadio Buendía impuso en poco tiempo un estado de orden y trabajo, dentro del cual sólo se permitió una licencia: la liberación de los pájaros que desde la época de la fundación alegraban el tiempo con sus flautas, y la instalación en su lugar de relojes musicales en todas casas. Eran unos preciosos relojes de madera labrada que los árabes cambiaban por guacamayas y que José Arcadio Buendía sincronizó con tanta precisión, que cada hora el pueblo se alegraba con los acordes progresivos de la misma pieza, hasta alcanzar la culminación de un mediodía exacto y unánime con el valse completo. (García Márquez, [1967] (1987-2007), p. 49)

Antes, quem marcava o tempo na casa de cada pessoa era o canto dos pássaros “que desde la época de la fundación alegraban el tiempo el tiempo con sus flautas”. Mas a chegada do relógio com badalo encantou o chefe que impôs sua “*instalación en su lugar de relojes musicales en todas casas*”. Mas, diferentemente da função social que este instrumento cumpria em outras regiões, em Macondo, a unânime precisão com que emitia seus badalos em toda as casas, naquele momento, lhes servia como deleite, pois “*el pueblo*

se alegraba con los acordes progresivos de la misma pieza, hasta alcanzar la culminación de un mediodía exacto y unánime con el valse completo”.

Em Macondo o tempo está posto num sentido ontológico que corresponde a todas as formas de ser; numa fluidez atemporal em que o que é irreal acontece como parte da realidade e uma relação diferente entre “passado” e “presente” e “futuro”.

Desse modo, o tempo em outro aspecto: o psicológico. O tempo que transcende o que é palpável e materializado, como funciona para o explorador europeu, que vê o tempo demarcado em “passado” e “presente” e um futuro que ainda não existe, mas que dentro de sua lógica é previsível.

Disse há pouco que medimos os tempos que passam, de modo que podemos afirmar: este espaço de tempo duplo de tal outro, ou é-lhe equivalente, ou este é igual àquele. [...] Não medimos o que não existe. Ora, as coisas pretéritas ou futuras não existem. Como medimos nós o tempo presente, se não tem espaço? Mede-se quando passa. Porém, quando já tiver passado, não se mede, porque já não será possível medi-lo. (Santo Agostinho, 1999, p. 328)

Como é o caso da personagem Francisco el Hombre, músico andarilho. Conhecido em Macondo por ter derrotado o Diabo em um duelo de improvisação de cantos, cujo nome verdadeiro ninguém nunca soube:

Meses después volvió Francisco el Hombre, un anciano trotamundos de casi 200 años que pasaba con frecuencia por Macondo divulgando las canciones compuestas por él mismo. En ellas, Francisco el Hombre relataba con detalles minuciosos las noticias ocurridas en los pueblos de su itinerario, desde Manaure hasta los confines de ciégana, de modo que si alguien tenía un recado que mandar o un acontecimiento que divulgar, le pagaba dos centavos para que lo incluyera en su repertorio. (García Márquez, [1967] (1987-2007) p. 60)

Um tempo que é atributo da subjetividade. Seguindo o que nos explica Santo Agostinho,⁷⁰ um tempo presente, que pode ser longo, pois está condicionado; em que cada indivíduo mede sua própria duração, porque diz respeito à experiência. Não se trata assim de um tempo que passa pelo indivíduo – as coisas passam e o tempo segue sendo o mesmo –, mas de um indivíduo que passa pelo tempo, numa forma de contar diferente da que reconhecia o europeu.

Por isso, o fato de Francisco, el Hombre, ser uma pessoa de quase 200 anos, não é algo alarmante em Macondo, porque a idade não está necessariamente atrelada a um tempo de vida baseado no tempo cronológico, porém ontológico em que a existência se

⁷⁰ SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. Trad. J. Oliveira Santos, S.J. e A. Ambrósio de Pina, S.J. São Paulo: Nova Cultural. 1999, p. 323.

dá para além de um plano racional, mas de múltiplas existências do ser que também são saberes, conhecimento. Assim como afirma Llosa referindo-se, por exemplo, aos ciganos, “são agentes deliberados e conscientes do imaginário, a capacidade mágica que eles exprimem é fruto de conhecimentos adquiridos e é exercida com preparo antecipado”. (Llosa, 2007, citado por Rodrigues, 2019, p. 72)⁷¹

À vista disso, o autor, em outras passagens, afirma sobre a cultura e expressa a identidade dos povos que aqui habitavam, fazendo um contraponto. São indivíduos que contêm seus saberes compostos em outros e para outros tempos. A intenção à leitura do colonizador, que não leva em conta sua individualidade e sua forma de organização coletiva.

O que corrobora ao senso comum herdado da colonização, que tais pessoas para eles não passam de homens degradados e seres desprovidos de humanidade racionalizada, assim como afirma Galeano:

A América Latina de Voltaire, habitada por índios preguiçosos e estúpidos, tinha porcos com o umbigo às costas e leões calvos e covardes. Bacon, De Maistre, Montesquieu, Hume e Bodin negaram-se a reconhecer os “homens degradados” do Novo Mundo como seus semelhantes. Hegel falou da impotência física e espiritual da América e que os indígenas tinham perecido ao receber o sopro da Europa. (Galeano, 2021, p. 66)

A compreensão de Galeano somada ao trecho a seguir de *Cien años de soledad* demonstra a falta de empatia do europeu com os povos nativos da América Latina:

Eran gitanos nuevos. Hombres y mujeres jóvenes que sólo conocían su propia lengua, ejemplares hermosos de piel aceitada y manos inteligentes, cuyos bailes y músicas sembraron en las calles un pánico de alborotada alegría. (García Márquez, [1967] (1987-2007) p. 26)

2.5 Só conheciam a própria língua

Pessoas que “*solo conocían su propia lengua*”, ou seja, uma população que, para o europeu, era desprovida do que eles consideram como conhecimento, desde um ponto de vista racional, não levando em conta os diferentes saberes. Não deixamos de considerar que na América Latina havia diferentes etnias de povos originários e que cada uma dessas etnias guardava suas particularidades culturais e linguísticas. Só para tratar do aspecto da

⁷¹ RODRIGUES, Aline Santos Pereira. A representação da história colombiana em *Cien años de soledad*, de Gabriel García Márquez. Dissertação de Mestrado. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2019. Disponível em: <file:///C:/Users/marci/Downloads/25711-Texto%20do%20artigo-67090-1-10-20151129.pdf> Acesso em: 01. set. 2023.

língua de cada um, com a chegada do europeu ao Novo Continente, impôs-se seu idioma, no caso o espanhol, língua de origem do explorador na América Latina (e no caso do Brasil, o português). O que novamente traz à tona a colonialidade do saber, pois se trata de um etnocídio, uma ação de anulação, ao pasteurizar essas etnias em um único modelo possível de vida assim como afirma Aníbal Quijano, em seu artigo “*Colonialidad, modernidade/racionalidade*”. (1992, p. 2)

Ao impor um idioma, o europeu implanta sua maneira de pensar sobre o outro. Uma guerra cultural contra indígenas que ocupavam a terra e que faziam usufruto dos recursos naturais e cujo direito ao uso de seu idioma resguardava o direito de fazer sua própria história (Fernando Baez, 2010, 133, apud: Rampinelli, 2013).⁷²

Ora, a pluralidade cultural é parte constituinte do perfil daquelas populações antes mesmo da chegada dos europeus.

O próprio José Arcadio Buendía demonstra essa multiculturalidade a partir da história de seus ancestrais. Seus tataravós haviam enriquecido ao se estabelecerem em Macondo e a vivência do neto, já nascido na América, convivendo com aquelas populações originárias, incorporou a mágica na leitura da vida, embora mantendo a sagacidade e a desconfiança como herança. Um aspecto deste perfil que já indicamos anteriormente, ao situarmos seu diálogo com o cigano. Mas outros aspectos do perfil da personagem aparecem à medida em que avançamos na leitura, tal como se vê no trecho abaixo:

Pero José Arcadio Buendía no creía en aquel tiempo en la honradez de los gitanos, así que cambió su mulo y una partida de chivos por los dos lingotes imantados. (García Márquez, [1967] (1987-2007) p. 12)

A visão que José Arcadio Buendía tem dos ciganos se assemelha à da que os europeus têm dos nativos. Uma postura de hostilidade e julgamento que se impõe pela desvalorização do outro, provocando a anulação de seus valores e nivelando-os como mero objetos, estereotipados. Ou seja, novamente o europeu como paradigma do que é ser um indivíduo civilizado, portador de conhecimento, cultura e com modo de vida legítimo, assim como afirma Quijano:

Entre la represión cultural y el genocidio masivo, llevaron a que las previas altas culturas de América fueran convertidas en subculturas campesinas iletradas,

⁷² Baez, Fernando. A história da destruição cultural da América Latina: da conquista à globalização. in: Rampinelli, Waldir José. “Um genocídio, um etnocídio e um memoricídio praticados contra os povos latino-americanos”, *Lutas sociais*, v. 17, n. 30, p. 139-142, 2013, p. 133)

condenadas a la oralidad. Esto es, despojadas de patrones propios de expresión formalizada y objetivada, intelectual y plástica o visual. En adelante, los sobrevivientes no tendrán otros modos de expresión intelectual o plástica formalizada y objetivada, sino a través de los patrones culturales de los dominantes, aun si subvirtiéndolos en ciertos casos, para transmitir otras necesidades de expresión. América Latina es, sin duda, el caso extremo de la colonización cultural por Europa. (Quijano, 1992, p.3)

Com isso, percebemos que o processo de colonização europeu na América Latina se dá em camadas que vão se sobrepondo e causando a desconstrução dos saberes dos povos nativos. E, em Macondo, tais processos vão sendo construídos aos poucos, de forma sublinear, como é o caso da chegada do corregedor Apolinar Moscote. Este, sim, diretamente representando o poder espanhol aqui instalado, tinha o direito do exercício dos poderes principais do estado: governo, administração das finanças, justiça e guerra.⁷³

Compreendemos que a violência que decorre do processo de imposição de poder sobre a cultura local, de imposição de padrões estéticos exteriores que enseje uma outra forma de dominação, que, novamente Quijano nos ajuda a compreender:

La europeización cultural se convirtió en una aspiración. Era un modo de participar en el poder colonial pero también podía servir para destruirlo y, después, para alcanzar los mismos beneficios materiales y el mismo poder que los europeos; para conquistar la naturaleza. En fin, para el "desarrollo". La cultura europea pasó a ser un modelo cultural universal. El imaginario en las culturas no-europeas, hoy difícilmente podría existir y, sobre todo, reproducirse, fuera de esas relaciones. (Quijano, 1992, p. 3)

A violência, independentemente de ser declarada ou velada, incorpora-se à vida cotidiana e banaliza-a. Essa banalização gera mudança de comportamento, pois uma vez que o indivíduo passa a ser tratado com violência, essa torna-se “normalizada”, pois este é o *modus operandi*.

Uma vez violentado o indivíduo passa a não se reconhecer como um ser provido de qualidades, porque ao imitar modelos impostos, ainda que estes não representem sua essência e vá contra seus valores primários, como no caso dos povos originários da América Latina, que passam a imitar o modo de ser do europeu, o que ocorre de fato é o

⁷³ Mayorga, García Fernando. La administración de Justicia en el período colonial: Instituciones e instancias del derecho indiano, *Credencial Historia*. n. 136, Colombia. Disponível em: < <https://www.banrepcultural.org/biblioteca-virtual/credencial-historia/numero-136/la-administracion-de-justicia-en-el-periodo-colonial>.>

ANGELI, Sergio. El juicio de residencia: documento inicial para la reconstrucción de la vida social y profesional de los oidores americanos (siglo XVI-XVIII). *Revista Electrónica de Fuentes y Archivos* Centro de Estudios Históricos “Prof. Carlos S. A. Segreti” Córdoba (Argentina), año 3, número 3, 2012, pp. 182-196 ISSN 1853-4503.

despojamento de sua subjetividade, conforme nos indica a pesquisadora Karla Pereira Cunha, em seu estudo sobre a questão da identidade ibero-americana.⁷⁴

O ser humano é um ser social, pois a sociabilidade seria um fato natural, que estabelece relações e se desenvolve por meio delas, assim como afirma a filósofa Marilena Chauí, logo no início do primeiro capítulo de sua obra *O ser humano é um ser social*.⁷⁵

Em decorrência do processo de violência sofrido, os povos originários têm suas relações com os seus alteradas, deixando de viver uma vida plena e passando a sobreviver dentro de uma nova engrenagem. Essa imposição, podemos entender como uma tentativa de imitar (Chauí, 2013)⁷⁶ o europeu, que faz com que a história do indivíduo latino-americano tenda a caminhar por sendas obscuras.

As relações que constituem o homem como um todo, como um ser no mundo, ao serem destituídas, sob a repressão cultural e porque não dizer, uma colonização do imaginário que com o passar do tempo mina as vivências interrelacionais, faz com que os povos nativos deixem de lado suas práticas ancestrais, que se constituem em harmonia com outros indivíduos que compartilhem da mesma vivência e com a natureza, cujas ciências passam a ser revisadas pela racionalidade científica, denotando outro ponto incompreensão do colonizador.

2.6. A vara identitária com a qual nos mediram e a perda dos fatores identitários

Ser medido com a mesma vara, conforme se depreende do discurso de Márquez, citado abaixo, é colocar na mesma linha de comparação duas realidades extremamente diferentes entre si, a do europeu e a dos povos nativos, de modo que uma se sobrepõe à outra, no caso a realidade europeia sobre a latino-americana: “É compreensível que insistam em nos medir com a mesma vara com que se medem, sem recordar que os

⁷⁴ CUNHA, Karla Pereira. CUNHA, Karla Pereira. *Gabriel García Márquez e Octavio Paz: a questão da identidade ibero-americana em Cien Años de Soledad e El Laberinto de la Soledad*. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2007. p. 60

⁷⁵ CHAUI, Marilena. *O ser humano é um ser social*. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

⁷⁶ Trazemos esta ideia de imitação, pautados em *A Poética Clássica*, de Aristóteles, em que aborda a imitação como “aqueles que imitam imitam pessoas em ação, estas são necessariamente ou boas ou más [...]”. (1997, p. 20)

estragos da vida não são iguais para todos [...]”. (Discurso de recebimento do Prêmio Nobel, 1982, in: 2018, p. 10).

Mas, para além do olhar padronizado que ofuscava as diferenças culturais, permitindo a dominação generalizada que subsumia a tudo e a todos, observava-se outros tipos de dominação cultural, que atentava às subjetividades. O cotidiano da vida passou a incorporar tudo o que era estrangeiro, inclusive seus trejeitos. Louças, talheres, pratos, utensílios domésticos os mais variados circulavam pela casa, punham-se à mesa, acompanhados de modos de uso, estereotipados de seus sentidos originários europeus.

Representação que encontramos em personagens de famílias abastadas de Macondo, como era o caso de Úrsula. Eram tantas as coisas que passaram a fazer parte da vida dos habitantes de Macondo que ela se vê perdida com as novas sonoridades, os novos costumes, comportamentos. É necessário tapar os ouvidos com cera de abelha para voltar a si e não perde seu próprio sentido.

En poco tiempo llenó de turpiales, canarios, azulejos y petirrojos no solo la propia casa, sino todas las de la aldea. El concierto de tantos pájaros distintos llegó a ser tan aturdidor, que Úrsula se tapó los oídos con cera de abejas para no perder el sentido de la realidad. (García Márquez, [1967] (1987-2007) p. 19)

Numa dinâmica de novas imposições, utensílios, objetos que aos poucos se acumulam não só em sua casa, mas nas casas de toda a aldeia, faz-se necessário tapar os ouvidos para os ruídos externos e ouvir seu interior. A perda do próprio sentido de realidade e espontaneidade faz com que aos poucos outras práticas sejam incorporadas, o que provoca a perda da identidade.

Ao depreciar a cultura local, a sensação de inferiorização é algo que aos poucos se incorpora como uma verdade quase que absoluta.

Aureliano, por supuesto, comprendió que la aflicción del hermano no tenía origen en la búsqueda de la piedra filosofal, pero no consiguió arrancarle una confidencia. Había perdido su antigua espontaneidad. De cómplice y comunicativos se hizo hermético y hostil. (García Márquez, [1967] (1987-2007) p. 41)

Em sendo o homem um ser social, como mencionamos anteriormente, a cultura é o modo como nos percebemos como seres existentes. Nossa forma de expressão passa diretamente pelo aspecto cultural, em que a vivência mútua entre os pares solidifica características e costumes e as perpetua.

Sus exageraciones eran apenas comparables a las de Arcadio y Amaranta, que ya habían empezado a mudar los dientes y todavía andaban agarrados todo el día a las mantas de los indios, tercos en su decisión de no hablar el castellano,

sino la lengua guajira. «No tienes de qué quejarte», le decía Úrsula a su marido. «Los hijos heredan las locuras de sus padres». Y mientras se lamentaba de su mala suerte, convencida de que las extravagancias de sus hijos eran algo tan espantoso como una cola de cerdo, Aureliano fijó en ella una mirada que la envolvió en un ámbito de incertidumbre. (García Márquez, [1967] (1987-2007) p. 49)

A população se esforça em não se distanciar de sua essência. O esforço em resistir em não falar o castelhano. Novamente a barreira do idioma nos provoca, pois nos evidencia o que separa a América Latina do europeu, para além da questão de raça, é a inferiorização da cultura pela imposição do idioma.

A língua, como o principal instrumento de perpetuação e manutenção cultural, é alvo do dominador, uma vez que o *castellano* passa a ser na maior parte da América Latina, salvo Brasil, a língua oficial. Portanto, molda-se a estrutura também por esse viés para que se almeje os ideais europeus como único modo de cultura válida. E como o sistema de exploração justifica a desumanização, a colonização impõe um único modo de conhecimento válido que é transmitido pelo idioma chamado oficial. O que corrobora com o prefácio do professor Lewis R. Gordon para a obra *Pele negra, máscaras brancas*, de Franz Fanon:

A questão da língua também levanta outras questões mais radicais sobre seu papel na formação dos sujeitos humanos. Fanon argumentava que a colonização requer mais do que a subordinação material de um povo. Ela também fornece os meios pelos quais as pessoas são capazes de se expressarem e se entenderem. Ele identifica isso em termos radicais no cerne da linguagem e até nos métodos pelos quais as ciências são construídas. Trata-se do colonialismo epistemológico. (Fanon, 2008, p. 15)

O ápice da violência epistêmica é o pagamento da identidade do indivíduo que de tanto não se enxergar como um ser no mundo, sua forma de vida e reprodução cultural passa a não ser permitida e propagada.

Assim, o indivíduo passa a não mais se enxergar como alguém dotado de saberes e o estado de subalternização é o que rege sua existência. Com a identidade, língua e cultura sob o domínio do colonizador, instala-se uma amnésia coletiva como representado em *Cien años de soledad* com a peste da insônia.

Una noche, por la época en que Rebeca se curó del vicio de comer tierra y fue llevada a dormir en el cuarto de los otros niños, la india que dormía con ellos despertó por casualidad y oyó un extraño ruido intermitente en el rincón. Se incorporó alarmada, creyendo que había entrado un animal en el cuarto, y entonces vio a Rebeca en el mecedor, chupándose el dedo y con los ojos alumbrados como los de un gato en la oscuridad. Pasmada de terror, atribulada por la fatalidad de su destino, Visitación reconoció en esos ojos los síntomas de la enfermedad cuya amenaza los había obligado, a ella y a su hermano, a

desterrarse para siempre de un reino milenario en el cual eran príncipes. Era la peste del insomnio. (García Márquez, [1967] (1987-2007) p. 53)

A chegada de novos imigrantes Macondo traz também novas enfermidades. Visitación, uma velha indígena, é a primeira que reconhece os sintomas da peste da insônia manifestada em Rebeca, doença que com o decorrer do tempo traz como consequência o esquecimento.

*Pero la india les explicó que lo más temible de la enfermedad del insomnio no era la imposibilidad de dormir, pues el cuerpo no sentía cansancio alguno, sino su inexorable evolución hacia una manifestación más crítica: el olvido. Quería decir que cuando el enfermo se acostumbraba a su estado de vigilia, **empezaban a borrarse de su memoria los recuerdos de la infancia, luego el nombre y la noción de las cosas, y por último la identidad de las personas y aun la conciencia del propio ser**, hasta hundirse en una especie de idiotéz sin pasado. (García Márquez, [1967] (1987-2007) p. 53-54. **Grifo nosso**)*

Os saberes ancestrais de Visitación são ignorados, pois José Arcádio não leva em conta o diagnóstico de Rebeca revelado por Visitación, colocando em xeque o modo como a indígena explica a peste que está por se instalar na aldeia. O que nos provoca quanto a postura dos exploradores que repudiavam os saberes tanto dos ciganos quanto dos indígenas, que eram menosprezados pela lógica racional. Os saberes de Visitación transcendem a realidade de José Arcádio numa perspectiva sensorial para explicar a peste da insônia.

José Arcadio Buendía, muerto de risa, consideró que se trataba de una de tantas dolencias inventadas por la superstición de los indígenas. Pero Úrsula, por si acaso, tomó la precaución de separar a Rebeca de los otros niños. (García Márquez, [1967] (1987-2007) p. 54)

Assim como nos relata a historiografia, as caravelas europeias trazem consigo novas doenças somadas a toda repressão que, não só resulta no apagamento de sua memória cultural, mas de sua consciência coletiva, o que corrobora com o que nos afirma Quijano:

En América Latina, la represión cultural y la colonización del imaginario fueron acapañas [sic] de un masivo y gigantesco exterminio de los indígenas, particularmente por su uso de mano de obra desechable, además de la violencia de la conquista y de las enfermedades. (Quijano, 2019, p. 105-106)

Seguimos nessa perspectiva sobre o esquecimento, as personagens se esforçam para buscar ferramentas que as ajudem na manutenção da memória.

La descubrió por casualidad. Insomne experto, por haber sido uno de los primeros, había aprendido a la perfección el arte de la platería. Un día estaba buscando el pequeño yunque que utilizaba para laminar los metales, y no recordó su nombre. Su padre se lo dijo: 'tas'. Aureliano escribió el nombre en un papel que pegó con goma en la base del yunquecito: tas. Así estuvo seguro de no olvidarlo en el futuro. No se le ocurrió que fuera aquella la primera manifestación del olvido, porque el objeto tenía un nombre difícil de recordar.

Pero pocos días después descubrió que tenía dificultades para recordar casi todas las cosas del laboratorio. Entonces las marcó con el nombre respectivo, de modo que le bastaba con leer la inscripción para identificarlas. Cuando su padre le comunicó su alarma por haber olvidado hasta los hechos más impresionantes de su niñez, Aureliano le explicó su método, y José Arcadio Buendía lo puso en práctica en toda la casa y más tarde lo impuso a todo el pueblo. (García Márquez, [1967] (1987-2007) p. 56)

Aos poucos o esquecimento não se dá apenas pelo fato de não se lembrar de coisas corriqueiras, como o nome dos objetos, como a personagem de Aureliano acreditava estar acontecendo, mas aos poucos percebe-se que já não se lembra mais *hechos más impresionantes de su niñez*. Ou seja, apagar o passado é outra estratégia com a qual convivemos até os dias atuais. Tal estratégia também demonstra a relação de não pertencimento, que isola e apaga a memória que o indivíduo tem de sua própria origem, que passa a não reconhecer mais suas raízes até o ponto de negá-la.

Diante de uma agressão cognitiva, a memória e suas funções relacionadas à linguagem, à cognição social, elementos essenciais para o autorreconhecimento que o indivíduo necessita para se reconhecer como pertencente a um grupo acaba por não ter mais validade.

La cultura europea u occidental, por el poder político-militar y tecnológico de las sociedades portadoras, impuso su imagen paradigmática y sus principales elementos cognoscitivos, como norma orientadora de todo desarrollo cultural, especialmente intelectual y artístico. Esa relación se convirtió, por consecuencia, en parte constitutiva de las condiciones de reproducción de aquellas sociedades y culturas, empujadas hacia la europeización en todo o en parte. (Quijano, 1992, p. 3)

E aproveito para fazer um questionamento ao leitor: o que sabemos sobre nossos antepassados desde uma perspectiva que não tenha passado pelo prisma do opressor? Acreditamos que pouco se sabe ainda. Pois durante séculos conhecemos apenas uma versão da história e a perpetuamos como única verdade aceita nos levando também por este caminho do esquecimento e de decomposição cultural, assim como afirma Bona, quando nos explica a distinção entre dois tipos de identidade: a identidade *idem*, identidade que traz em si a mesmidade, e a identidade *ipse*, identidade do ensimesmamento. (2010, p. 57)

E por que é importante trazer esta representação de *Cien años de soledad* para pensar a distinção entre os aspectos da identidade, colocando nosso foco de atenção nas características da mesmidade. Porque a aldeia, assim como América Latina no período de pré-colonial está à serviço de seus habitantes, o que proporciona um crescimento pessoal e coletivo, na medida em que há trocas entre seus pares de forma coletiva. Uma

“massividade” à serviço de uma comunidade, mas sem prescindir a “mesmidade”, o que contribui para uma plenitude pessoal.

Aureliano, no trecho citado anteriormente, sente a necessidade de colar bilhetes nas coisas com o objetivo de não mais esquecer o nome delas, mas se dá conta de que aos poucos precisou expandir para toda casa, até que obrigou todo povoado a aderir a tal prática com o mesmo objetivo, uma ação coletiva. Estamos diante de uma aldeia inteira sem memória e que, para além de esquecer o nome das coisas, já esquecia também de sua utilidade.

[...] Con un hisopo entintado marcó cada cosa con su nombre: mesa, silla, reloj, puerta, pared, cama, cacerola. Fue al corral y marcó los animales y las plantas: vaca, chivo, puerco, gallina, yuca, malanga, guineo. Poco a poco, estudiando las infinitas posibilidades del olvido, se dio cuenta de que podía llegar un día en que se reconocieran las cosas por sus inscripciones, pero no se recordara su utilidad. [...] (García Márquez, [1967] (1987-2007) p. 57)

E continua...

Entonces fue más explícito. El letrero que colgó en la cerviz de la vaca era una muestra ejemplar de la forma en que los habitantes de Macondo estaban dispuestos a luchar contra el olvido: Esta es la vaca, hay que ordeñarla todas las mañanas para que produzca leche y a la leche hay que hervirla para mezclarla con el café y hacer café con leche. Así continuaron viviendo en una realidad escurridiza, momentáneamente capturada por las palabras, pero que había de fugarse sin remedio cuando olvidaran los valores de la letra escrita. (García Márquez, [1967] (1987-2007) p. 57)

Ainda sob a perspectiva da mesmidade, analisando os trechos acima, podemos pensar sobre quantas memórias, costumes, narrativas deixaram de ser propagados em função do sistema colonizatório.

Desse modo, a autotranscedência própria dos povos nativos, que supera questões individuais, é alvo também desse sistema desumano, que, pela anulação da subjetividade torna-se condição para o desenvolvimento da racionalidade como único caminho de conhecimento válido. Assim identificamos que é por meio da palavra que os habitantes da aldeia tentam preservar sua memória e seus sentimentos:

*[...] Así continuaron viviendo en una realidad escurridiza, momentáneamente capturada por las palabras.
[...]
[...] En todas las casas se habían escrito claves para memorizar los objetos y los sentimientos.* (García Márquez, [1967] (1987-2007) p. 57)

Por meio do uso da linguagem é possível conservar a origem verdadeira das produções culturais se entrelaçam com as relações sociais, por identificarem em si a vida social, que são reproduzidas posteriormente em outros formatos. Segundo Fanon, “falar

é existir absolutamente para o outro”,⁷⁷ nesse aspecto, o uso da palavra revela um sentido de existência e de organização cultural.

Essa organização cultural traz um modo de representação importante, porque a linguagem é o suporte por onde os significados são produzidos e compartilhados. Não à toa, Márquez escolhe esta forma de representar a memória, pois por meio da linguagem literária, onde tem-se a prática social que possibilita acessar o mundo real dos objetos, mas também o mundo imaginário por meio de representações. E representação não se trata de uma coleção aleatória de conceitos, mas de uma organização feita por meio de uma organização complexa. Essa organização está atrelada à relação que existe entre as coisas no mundo, como pessoas, objetos e eventos, reais ou ficcionais, de acordo com Stuart Hall, no primeiro capítulo da obra *Cultura e representação*⁷⁸.

Sendo assim, a relação entre a memória e os habitantes de Macondo, representada pela linguagem em *Cien años de soledad*, nos demonstra que o esforço do colonizador para impor sua língua e cultura é uma outra ferramenta para aniquilação da existência dos povos nativos, que deixa de ser produtor e propagador de sua própria cultura.

Ou seja, o fato de o nativo não poder propagar e se comunicar em sua língua originária, contribui para o apagamento de suas memórias e, por essa razão, entendemos que perder a memória equivale a perder-se a si mesmo, portanto, uma outra categoria de morte, pois trata-se da impossibilidade de existência e descendência étnica. Suas marcas no mundo são aos poucos apagadas até o ponto de não haver mais a consciência de pertencimento e de sentidos compartilhados.

[...] Isso é, de fato, o que significa pertencer “a mesma cultura”. Uma vez que nós julgamos o mundo de maneira relativamente similar, podemos construir uma cultura de sentidos compartilhada, e então, criar um mundo social que habitamos juntos. (Hall, 2016, p. 36)

Ao localizarmos essas características no romance de Márquez, compreendemos que sua intenção seja de fato nos trazer a consciência de que a memória é um dos alvos atacados pelos processos violentos sob os quais a América Latina é atingida.

Entendemos que tal estratégia, concordando com Quijano, tenha deixado como herança uma colonialidade cultural. Segundo ele, a América Latina passa, para além do

⁷⁷ FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Renato da Silveira. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2008. p.33.

⁷⁸ HALL, Stuart. O papel da representação. In: *Cultura e representação*. Rio de Janeiro: Ed: PUC-Rio: Apicuri, 2016.

domínio dos territórios já habitados pelos povos nativos, por uma repressão cultural e uma colonização do imaginário. (Quijano, 1992, p. 3) O que em *Cien años de soledad* identificamos como a “morte, dentro de outra morte”:

Después de muchos años de muerte, era tan intensa la añoranza de los vivos, tan apremiante la necesidad de compañía, tan aterradora la proximidad de la otra muerte que existía dentro de la muerte, que Prudencio Aguilar había terminado por querer al peor de sus enemigos. (García Márquez, [1967] (1987-2007) p. 87)

Macondo, que no início do romance era um local que desconhecia a morte, onde ninguém ainda tinha morrido, passa a ser um lugar visitado pelo perigo iminente da morte.

O romance nos mostra como, logo após o período da peste, Melquíades traz sua experiência de encontro com a morte, esta como consequência da solidão.

Mientras Macondo celebraba la reconquista de los recuerdos, José Arcadio Buendía y Melquíades le sacudieron el polvo a su vieja amistad. El gitano iba dispuesto a quedarse en el pueblo. Había estado en la muerte, en efecto, pero había regresado porque no pudo soportar la soledad. (García Márquez, [1967] (1987-2007) p. 59)

Diante do perigo imanente da morte que se instala no vilarejo por conta da perda da memória coletiva de seus habitantes, é o saber ancestral que aponta uma possível solução para o mal que assola a todos.

A relação de posse que o colonizador estabelece leva a América Latina a um estado de subalternidade tornando cada vez mais difícil imaginá-la fora do “labirinto” formado pelo perigo iminente da morte, consequência da dependência econômica e cultural, frutos do processo de colonização que se estende por meio de uma estrutura de poder e subordinação, assim como percebemos em Fanon (2008, p. 30). Sendo assim, a subjetividade dos povos nativos é colocada fora do centro de “poder” europeu, dando lugar à relação de dependência.

2.7 A resposta para o presente está no passado

Se pensarmos que é na subjetividade onde está contida toda essência do ser, como indivíduo, o nativo latino-americano ao ser colocado neste lugar de dependência, pelo dominador europeu, tem seu conhecimento aniquilado e suas práticas comuns diluídas, perdendo o vigor de uma sociedade coletiva coesa.

O controle das subjetividades é, desde o período das Grandes Navegações, uma ferramenta fundamental para construção do padrão colonial de poder, na desconstrução

de valores, memórias e conhecimento, que passa a ser uma memória traumática desde então.

Refletir sobre o que significa resgatar memória, nos faz pensar no papel importante da literatura quanto documento histórico, pois se constitui como uma arma eficaz contra o aburguesamento da consciência, pois se trata de um documento que se constitui das ações e da memória dos homens, portanto um objeto de produção humana, que, segundo Antonio Candido, traz em si além das características internas (língua, temas, imagens), certos elementos de natureza social e psíquica, que se manifestam historicamente e fazem da literatura aspecto orgânico da civilização. (Candido, 1997, p. 23)

Mas, assim como a memória reforça laços civilizatórios, sua perda expressa exatamente o oposto: a perda desses laços, dessa cultura o que é tratado no romance, não apenas como o apagamento das lembranças individuais, mas de uma “pandemia do esquecimento” (Capítulo 3 do romance). Ao final do romance quando Aureliano Babilonia decifra os pergaminhos de Melquíades tem-se o desfecho dos cem anos pelos quais passaram.

Aureliano salto once páginas para no perder el tempo en hechos demasiados conocidos, y empezó a descifrar el instante que estaba viviendo, descifrándolo a medida que lo vivía, profetizándose a sí mismo en el acto de descifrar la última página de los pergaminos, como si estuviera viendo en un espejo hablado. (García Márquez, [1967] (1987-2007) p. 425)

Uma “pandemia do esquecimento” da qual ainda não nos livramos. Os pergaminhos escritos por Melquíades cem anos antes trazem a descoberta de si mesmo no momento presente – *“descifrándolo a medida que lo vivía”*. Percebemos que os espelhos são simbolicamente o enxergar a si mesmo, a própria história e a de um povoado inteiro, neste caso, a história da América Latina que já estava como que predestinada.

[...] o texto do manuscrito de Melquíades reproduz espetacularmente o texto do romance inteiro, a confusão entre o mundo do leitor e o mundo do livro conleva outro efeito peculiar da “mise-en-abyme”: a “ficcionalização da realidade”. (Chiampi, 2015, p. 19)

O tempo de duração da insônia em Macondo não é revelado. Não sabemos exatamente quanto tempo (cronológico) levou este período, diferentemente do dilúvio que acomete o vilarejo mais adiante: *“Llovió cuatro años, once meses y dos días”*.⁷⁹ Ao não precisar o tempo de duração da amnésia, juntamente com insônia, os habitantes de

⁷⁹ García Márquez, [1967] (1987-2007) p. 325

Macondo passam a vagar, perdendo a noção da realidade. Aqui voltamos a pontuar a questão do tempo, que diante deste fato passa a operar como um tempo mítico, pois está ancorado na “não realidade”, ou seja, pautado na insônia.

En todas las casas se habían escrito claves para memorizar los objetos y los sentimientos. Pero el sistema exigía tanta vigilancia y tanta fortaleza moral, que muchos sucumbieron al hechizo de una realidad imaginaria, inventada por ellos mismos, que les resultaba menos práctica pero más reconfortante. Pilar Ternera fue quien más contribuyó a popularizar esa mistificación, cuando concibió el artificio de leer el pasado en las barajas como antes había leído el futuro. Mediante ese recurso, los insomnes empezaron a vivir en un mundo construido por las alternativas inciertas de los naipes [...] (García Márquez, [1967] (1987-2007) p. 57)

O período de busca pela cura da insônia nos remete a uma espécie de êxodo pelo qual os personagens passam a vagar em busca de suas memórias. Ao se depararem com o mundo das incertezas, a população de Macondo se vê obrigada a encontrar alternativas para que suas memórias não sejam perdidas.

Mas por que a memória é uma questão para o colonizador? Se pensarmos que a perda da memória, associado à insônia, coloca o indivíduo em um lugar de vulnerabilidade e de dependência muito interessante ao dominador, quando os habitantes de Macondo perdem a memória, eles perdem a noção do seu passado, sem saber o que fazer em seu momento presente sem uma perspectiva de futuro. E aqui concordamos com o conceito de rememoração, do qual trata Benjamin, citado por Gagnebin, que implica em uma atividade historiadora, que não se trata meramente de se lembrar e repetir um acontecimento, mas que rememorar significa trazer uma ação do passado para atenção precisa ao presente. (Gagnebin, 2006, p. 55)⁸⁰

Ao fazer um paralelo com o momento histórico da chegada dos europeus à América, podemos equiparar ao cenário pré-colombiano, em que os nativos são levados a perder a noção de quem eram. Apagar o passado é, desse modo, apagar as possibilidades. E nisso concordamos com Fanon quando ele expõe a situação dos negros na Martinica diante do colonialismo europeu, que cabe perfeitamente em nossa reflexão sobre a Américas Latina:

No caso do negro, nada é parecido. Ele não tem cultura, não tem civilização, nem “um longo passado histórico”.

⁸⁰ GAGNEBIN, Jeanne Marie. Memória, história, testemunho. In: *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006, p. 55.

Provavelmente aqui está a origem dos esforços dos negros contemporâneos em provar ao mundo branco, custe o que custar, a existência de uma civilização negra. (Fanon, 2008, p. 46)

Logo após o primeiro episódio da fundação de Macondo, por José Arcádio e sua mulher Úrsula Iguarán, o vilarejo deixa esta áurea de Éden recém habitado e passa a sofrer com os primeiros processos de intervenção. Curioso pensar que esses processos se dão dentre outros com a perda da memória, como já mencionamos. Mas no decorrer da narrativa, o povoado se mobiliza na tentativa de deixar a memória registrada escrevendo o nome dos objetos e suas funções, e, mais que isso, recuperar-se da peste da insônia.

No trecho do romance, a seguir, José Arcádio tinha tentado construir a máquina da memória, com o intuito de recordar a cada manhã os conhecimentos adquiridos ao longo da vida:

[...] José Arcádio Buendía decidió entonces construir la máquina de la memoria que una vez había deseado para acordarse de los maravillosos inventos de los gitanos. El artefacto se fundaba en la posibilidad de repasar todas las mañanas, y desde el principio hasta el fin, la totalidad de los conocimientos adquiridos en la vida. [...] (García Márquez, [1967] (1987-2007) p. 58)

Para livrarem-se da peste, os saberes ancestrais de Melquíades são acionados. É por meio de um resgate das raízes do passado que Gabo traz por meio do conhecimento ancestral do cigano:

Visitación no lo conoció al abrirle la puerta, y pensó que llevaba el propósito de vender algo, ignorante de que nada podía venderse en un pueblo que se hundía sin remedio en el tremedal del olvido. Era un hombre decrepito. Aunque su voz estaba también cuarteada por la incertidumbre y sus manos parecían dudar de la existencia de las cosas, era evidente que venía del mundo donde todavía los hombres podían dormir y recordar. José Arcadio Buendía lo encontró sentado en la sala, abanicándose con un remendado sombrero negro, mientras leía con atención compasiva los letreros pegados en las paredes. Lo saludó con amplias muestras de afecto, temiendo haberlo conocido en otro tiempo y ahora no recordarlo. Pero el visitante advirtió su falsedad. Se sintió olvidado, no con el olvido remediable del corazón, sino con otro olvido más cruel e irrevocable que él conocía muy bien, porque era el olvido de la muerte. Entonces comprendió. Abrió la maleta atiborrada de objetos indescifrables, y de entre ellos sacó un maletín con muchos frascos. Le dio a beber a José Arcadio Buendía una sustancia de color apacible, y la luz se hizo en su memoria. Los ojos se le humedecieron de llanto, antes de verse a sí mismo en una sala absurda donde los objetos estaban marcados, y antes de avergonzarse de las solemnes tonterías escritas en las paredes, y aun antes de reconocer al recién llegado en un deslumbrante resplandor de alegría. Era Melquíades. (García Márquez, [1967] (1987-2007) p. 58-59)

Neste sentido, Melquíades representa a ponte que leva ao passado histórico de Macondo. O elemento maravilhoso, o elixir que ele oferece a José Arcádio é, portanto, o portal para este retorno à memória:

Abrió la maleta atiborrada de objetos indescifrables, y de entre ellos sacó un maletín con muchos frascos. Le dio a beber a José Arcadio Buendía una sustancia de color apacible, y la luz se hizo en su memoria. [...] (García Márquez, [1967] (1987-2007) p. 59)

Estar em dia com a memória é significar a própria existência. Ter acesso ao passado, portanto, trata-se de uma ferramenta poderosa para articular a história individual e coletiva. Dissipar esta memória torna o colonizador um “proprietário” da existência dos indivíduos, de modo a ameaçar a existência e a tradição, entregando ser e saberes ao conformismo do dominante europeu, além de converter os dominados em seres sem memória, portanto sem história, conforme nos esclarece Walter Benjamin.⁸¹

Ao propor uma outra perspectiva, o caminho apontado em direção à chamada “modernidade”, fazia com que o vilarejo se voltasse na direção oposta à sua consciência histórica. Pensar que, quanto mais os dominadores europeus apontam em direção às mudanças e ao desenvolvimento, mais distantes de suas memórias os povos originários são postos. Somente recorrendo aos saberes do cigano Melquíades, “*la luz se hizo en su memoria*”, por meio do qual é possível um enraizamento em suas origens em busca de respostas ao mal que lhes fora imposto.

A modernidade também imposta pelo europeu não por acaso está concomitantemente relacionada ao processo de esquecimento e à insônia da aldeia. Este processo marcado por transformações sociais passa a modificar os hábitos dos nativos, o que provoca uma ameaça constante, que apaga suas características epistêmicas, ou seja, um preço alto a ser pago pelos habitantes de Macondo e por toda América Latina.

⁸¹ BENJAMIN, Walter. Teses sobre o conceito de História. In: *Obras escolhidas. Magia, Técnica, Arte e Política*. Tradução: Sérgio Paulo Rounet. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 6.

Capítulo 3 | Uma vida que poderia ser maravilhosa

Não obstante, os progressos da navegação que reduziram tanto as distâncias entre nossas Américas e a Europa parecem haver aumentado nossa distância cultural. Por que a originalidade que é admitida sem reservas em nossa literatura nos é negada com todo tipo de desconfiança em nossas tentativas tão difíceis de mudança social? Por que pensar que a justiça social que os europeus desenvolvidos tratam de impor em seus países não pode ser também um objetivo latino-americano, com métodos distintos e em condições diferentes? (García Márquez, Discurso “A solidão da América Latina”, de Gabriel García Márquez para o Prêmio Nobel, 2018, p. 11)

O processo de colonização da América Latina ao qual se reporta Gabriel García Márquez em seu discurso para a academia sueca é denunciado como um processo de distanciamento humano. Por um lado o “progresso”, que foi capaz de encurtar as distâncias geográficas, proporcional à expansão do domínio europeu sobre a América Latina, por outro, causou um distanciamento maior que o Atlântico entre as culturas.

Neste momento, Márquez questiona em seu discurso por que a mencionada “originalidade” é possível de ser reconhecida na literatura e, no entanto, a mesma originalidade não é vista como uma qualidade a ser louvada nas relações estabelecidas entre o europeu e o latino-americano. Isso posto, ele nos provoca ao interrogar qual o sentido que o europeu tem em não querer que a mesma igualdade social adquirida por eles não possa ser uma realidade também latino-americana. Por que a nós é reservada as adversidades cotidianas de viver de mãos dadas com a originalidade do que para eles ainda é considerado exótico e que para nós não passa do cotidiano?

Acredito que para esta pergunta existam respostas possíveis, mas não uma solução. E como sairemos deste labirinto? Existe uma saída? Como questiona Quijano: “¿Sobreviverá América Latina?”⁸² E esta constatação vem do fato de que ao se ter claro que a continuidade do processo de colonização desemboca na manutenção do poder sobre os povos nativos, a solução para este questionamento segue tão distante quanto a distância percorrida desde o outro lado do Atlântico pelas caravelas e nos encontramos no presente tão pobres quanto no início desse processo histórico. Assim como identificamos em *Cien años de soledad*:

No se entretuvo con nadie. Fue directamente a la cocina, y allí se paró por primera vez en el término de un viaje que había empezado al otro lado del mundo. Era José Arcadio. Regresaba tan pobre como se fue, hasta el extremo de que Úrsula tuvo que darle dos pesos para pagar el alquiler del caballo. Hablaba el español cruzado con jerga de marineros. Le preguntaron dónde había estado, y contestó:

⁸² Quijano, 2019, p. 117.

“Por ahí”. Colgó la hamaca en el cuarto que asignaron y durmió tres días. Cuando despertó, y después de tomarse dieciséis huevos crudos [...](García Márquez, [1967] (1987-2007) p. 99)

Passada a primeira parte da narrativa, a estrutura organizacional de Macondo segue sob a batuta dos Buendía, que representam em certa medida a elite regional. O que se seguiu, desde uma perspectiva política, numa sucessão de problemas. Lembremos que os Buendía descendem estirpes criollas⁸³, ou seja, ser um *criollo* logo nos dá a noção da distinção que há entre os Buendía e o restante da população do vilarejo, pois trazem em si uma marca que os aproxima do poder do colonizador, mas que também os limita desde uma hierarquia de poder, pois estão sob a coroa espanhola. José Arcádio e Úrsula (primos casados), fundadores de Macondo, são bisnetos de um sócio de don José Arcadio Buendía, um empreendedor cultivador de tabaco:

En la escondida ranchería vivía de mucho tiempo atrás un criollo cultivador de tabaco, don José Arcadio Buendía, con quien el bisabuelo de Úrsula estableció una sociedad tan productiva que en pocos años hicieron fortuna. (García Márquez, [1967] (1987-2007) p. 29)

Temos que a relação de poder dos Buendía se fundamenta primeiramente em seus recursos, depois do decorrer da trama, ao chegarem a Macondo são os reponsáveis por impor o modo como a aldeia deve se organizar daí por diante. Ou seja, a relação entre a estirpe dos Buendía e a aldeia passa diretamente por uma relação socioeconômica. O que nos leva mais uma vez a crer que Márquez retira episódios do real para entrelaçar as relações entre suas personagens.

Em 20 de julho de 1811, foi redigida a Declaração de Independência da Colômbia, mas, por causa da resistência da Espanha, que obviamente mantinha interesses sobre o território do Novo Mundo, somente em 1819 foi criada a República da Colômbia, tendo como presidente Simón Bolívar (1783-1830). No entanto, as práticas estabelecidas pelos colonizadores se mantiveram, como a escravidão e o catolicismo, que permeia como sendo a religião oficial.

Mas esse novo momento trouxe consigo também novos conflitos. Simón Bolívar, por ser venezuelano lhe foi imposto que seu vice fosse de nacionalidade colombiana e, por essa razão, Santander assumiu o cargo. Assim, “se afirma que os apoiadores de Santander formaram o embrião do futuro Partido Liberal e os de Bolívar, do Partido

⁸³ Os chamados *criollos*, pelos espanhóis, eram pessoas de origem espanhola, mas nascidas no Novo Mundo, e que, apesar de ter uma vida, de certa forma próspera, eram impedidos de terem cargos altos ligados à Coroa espanhola. (Rodrigues, 2019, p. 18)

Conservador. Na verdade, a base de apoio de ambos era bastante heterogênea e guiada muitas vezes mais por interesses pessoais do que ideológicos”. (Traumann, 2018, p.165. In: Rodrigues, 2019, p. 22)

A Colômbia passa por mais um momento conturbado. A Assembleia Constituinte, em abril de 1828, em que Simón Bolívar determina novos rumos para a então Grã-Colômbia. Nesse contexto, Bolívar passa a ser aclamado como ditador e assim se fez. Dentre outras perturbações, o presidente é ameaçado de morte e desconfia-se de que Santander esteja envolvido no caso. O país declara guerra ao Peru, isso porque o governo peruano não corrobora com as ideias defendidas por Bolívar. Em meio a todo este contexto, Bolívar está acometido de tuberculose e falece em dezembro de 1830, assim a Grã-Colômbia se desfaz em 1831 e Santander retorna do exílio para governar os Colombianos. O presidente assume o cargo por cinco anos e morre, em 1840. A Colômbia passa então a se chamar República de Nova Granada. (Rodrigues, 2019, p. 22-23)

A Colômbia mergulha em um momento muito obscuro de Guerras Civis e entre os anos de 1848 e 1849 são fundados dois partidos: Os Liberais e os Conservadores. Como descreve o romance de Márquez no romance:

Como Aureliano tenía en esa época nociones muy confusas sobre las diferencias entre conservadores y liberales, su suegro le daba lecciones esquemáticas. Los liberales, le decía, eran masones; gente de mala índole, partidaria de ahorcar a los curas, de implantar el matrimonio civil y el divorcio, de reconocer iguales derechos a los hijos naturales que a los legítimos, y de despedazar al país en un sistema federal que despojara de poderes a la autoridad suprema. Los conservadores, en cambio, que habían recibido el poder directamente de Dios, propugnaban por la estabilidad del orden público y la moral familiar; eran los defensores de la fe de Cristo, de principio de autoridad, y no estaban dispuestos a permitir que el país fuera descuartizado en entidades autónomas. (García Márquez, [1967] (1987-2007) p. 104-105)

Aureliano está confuso perante a situação política de Macondo. O que também representa a desordem na qual os colombianos estavam sujeitos. Ao descrever os partidos, o romance pontua características: “*Los liberales, gente de mala índole, partidaria de ahorcar a los curas, de implantar el matrimonio civil y el divorcio, de reconocer iguales derechos a los hijos naturales que a los legítimos [...]*”. Ou seja, gente na qual não se poderia confiar; a favor de enforcar aos padres, uma questão religiosa séria para o momento, visto o que a Igreja representa naquele momento; mas que ao mesmo tempo advoga pelo casamento civil, ou seja, que diz respeito aos direitos e aos bens, a uma regularização das relações que passa a não ser mais pautada somente pela Igreja; mas que concomitantemente dá direito ao divórcio. O que para uma sociedade machista e

patriarcal trata-se de mexer em uma estrutura colonial estabelecida que abre espaço para os direitos das mulheres de não viverem mais sob o jugo de violências direcionada a elas; assim como concede direitos aos filhos.

Os Conservadores, por sua vez, também têm suas características pontuadas como aqueles “*que habían recibido el poder directamente de Dios, propugnaban por la estabilidad del orden público y la moral familiar; eran los defensores de la fe de Cristo, de principio de autoridad, y no estaban dispuestos a permitir que el país fuera descuartizado en entidades autónomas*”. Assim, estes são os que têm o poder como uma predeterminação divina. A ordem pública está na mesma linha da defesa da fé, ou seja, religião e estado não se separam. Uma proposta altamente alinhada aos desejos daqueles que detém o poder e não desejam abdicar de seu posto de mando. Tudo isso na cabeça de Aureliano parece não fazer sentido, pois a organização da aldeia segue outros ditames.

Assim como em Macondo, a população colombiana se via totalmente dispersa e a violência se potencializou com os enfrentamentos entre os liberais e os conservadores e uma dinâmica de ódio de classes foi instaurada. (Galeano, 2021, p. 142)

Percebemos como Márquez nesses trechos estabelece um paralelo entre os fatos da realidade colombiana e a sucessão de fatos que passam em Macondo apontando uma reflexão de como o passado estava organizado a partir dos moldes coloniais e como se perpetua.

A população mais simples não fazia ideia das camadas que compunha este enredado de acontecimentos e o quanto isso dizia das consequências vividas por eles em diferentes aspectos em seus cotidianos.

Quem leu meus livros acha que o duque de Marborough⁸⁴ perdeu a guerra civil na Colômbia como ajudante do coronel Aureliano Buendía. E a verdade disso é que, quando eu era pequeno, canta a canção que todos os meninos cantam: “Mambrú foi para a guerra”, não é? Eu perguntei para a minha avó quem era esse Mambrú e que guerra era aquela, e minha avó, que evidentemente não tinha a menor ideia, me disse que era um senhor que lutava com meu avô na guerra... Mais tarde, quando me dei conta de que Mambrú era o duque de Marlborough, achei que era o melhor o que tinha dito a minha avó, e fui deixando assim. (García Márquez, 2022, p. 51)

E aqui nos ocorre refletir sobre o que Bakhtin chama de poética histórica, que, segundo ele afirma, “Não se pode, evidentemente, separar a poética das análises histórico-sociais, assim como não se pode dissolvê-las nestas”. (Bakhtin, 2022, p. 41) Seguindo a

⁸⁴ Personagem da obra *Ninguém escreve ao coronel*, de 1961.

lógica bakhtiniana, percebemos que Márquez caminha como que com uma lupa captando não só os fatos exteriores, as vivências cotidianas dos habitantes de Macondo, mas também suas mudanças de vida interior, observando seus processos psicológicos, que passa pela representação por meio da linguagem.

Seu mundo é o mundo de uma multiplicidade de psicologias que existem objetivamente e estão em interação, fato que, na interpretação dos processos psicológicos, exclui subjetivismo ou solipsismo, tão próprio da decadência burguesa. (Bakhtin, 2022, p. 43)

Isso posto, Gabriel García Márquez segue nos fornecendo dados históricos por meio da narrativa de Macondo. Como é o caso das eleições que acontecem no vilarejo em que a figura de Apolinar Moscote – corregedor do governo, trata de convencer Aureliano a se tornar um Conservador, mas não consegue. E Aureliano adere aos liberais.

La víspera de las elecciones el propio don Apolinar Moscote leyó un bando que prohibía desde la medianoche del sábado, y por cuarenta y ocho horas, la venta de bebidas alcohólicas y la reunión de más de tres personas que no fueran de la misma familia. Las elecciones transcurrieron sin incidentes. [...] se instaló en la plaza la urna de madera custodiada por los seis soldados. Se votó con entera libertad, como pudo comprobarlo el propio Aureliano, que estuvo casi todo el día con su suegro vigilando que nadie votara más de una vez. (García Márquez, [1967] (1987-2007) p. 105)

Toda essa sistematização política cria uma tensão entre os moradores de Macondo. O que corrobora com a tensão vivida pelos colombianos, cujo modo de vida, agora latifundiário, gera apropriação de terras, deixando os camponeses em estado de mais vulnerabilidade.

3.1 Mil dias infelizes

Como que em um labirinto, a América Latina é mantida neste lugar de subalternidade pela nova hegemonia, que consiste em oprimir não só os nativos sobreviventes, mas num projeto moral e político de uma classe no poder.⁸⁵

A presença de Apolinar Moscote marca o olhar do controlador e garante a execução das ordens magistras, uma espécie de “recolonização”, que passa a interferir no cotidiano de Macondo.

A las cuatro de la tarde, un repique de redoblante en la plaza anunció el término de la jornada, y don Apolinar Moscote selló la urna con una etiqueta cruzada con su firma. Esa noche, mientras jugaba dominó con Aureliano, le ordenó al sargento romper la etiqueta para contar los votos. (García Márquez, [1967] (1987-2007) p. 105)

⁸⁵ AGUIAR, J. D. N. Teoria pós-colonial, estudos subalternos e América Latina: uma guinada epistemológica?. *Estudos de Sociologia*, Araraquara, v. 21, n. 41, 2016. p. 280.

As eleições são burladas. Don Apolinar Moscote maneja as urnas para que o resultado seja alterado:

Había casi tantas papeletas rojas como azules, pero el sargento sólo dejó diez rojas y completó la diferencia con azules. Luego volvieron a sellar la urna con una etiqueta nueva y al día siguiente s primera hora se la llevaron para la capital de la provincia. “Los liberales irán a la guerra”, dijo Aureliano. Son Apolinar no desatendió sus fichas de dominó. “Si lo dices por los cambios de papeletas, no irán”, dijo. “Se dejan algunas rojas para que no haya reclamos.” Aureliano comprendió las desventajas de la oposición. “Si yo fuera liberal -dijo- iría a la guerra por esto de las papeletas.” (García Márquez, [1967] (1987-2007) p. 105-106)

Em 1880, houve o golpe dos conservadores na Colômbia, o que deu início no período conhecido como “Regeneração”, com o objetivo de reverter as mudanças realizadas pelos liberais.

Este episódio do romance nos traz um dado histórico muito importante. Por conta das eleições fraudulentas, os conservadores se mantiveram no poder. Entre os anos de 1899 e 1902 uma disputa que devastou a república colombiana, um dos principais motivos deste embate foi a luta dos liberais pela instituição do estado laico.⁸⁶ Membros do Partido Liberal se opuseram contra o governo do exército, conhecido como Nacionais. Tudo isso culminou numa situação econômica muito complicada, a queda do preço do café, principal produto de exportação para o mercado internacional, tendo a violência como a principal ferramenta.

Las numerosas papeletas rojas que aparecieron en la urna, y que fueron atribuidas por don Apolinar Moscote a la novelería propia de la juventud, eran parte de su plan: obligó a sus discípulos a votar para convencerlos de que las elecciones eran una farsa. “Lo único eficaz -decía- es la violencia.” (García Márquez, [1967] (1987-2007) p. 105-106)

Gabriel García Márquez, ao acessar suas memórias, nos traz o coronel Nicolás Márquez Mejía, seu avô, veterano da Guerra dos Mil Dias,⁸⁷ com quem conviveu o maior tempo de sua infância, e que lutou em defesa dos ideais liberais sob o comando do general Rafael Uribe Uribe.

⁸⁶ DA CUNHA, Marina Procópio Rodrigues. *Memória e representação da Guerra dos Mil Dias nas obras de Gabriel García Márquez*. VI Simpósio Nacional de História Cultural Escritas da História: Ver – Sentir – Narrar Universidade Federal do Piauí – UFPI, 2012. Disponível em: <<https://gthistoriacultural.com.br/VIsimposio/anais/Marina%20Procopio%20Rodrigues%20da%20Cunha.pdf>> Acesso em: 02.04.2024. p. 4.

⁸⁷ García Márquez, 2003, p. 14

Márquez faz de sua memória individual, um relato de uma memória coletiva, em que o indivíduo, neste caso o próprio Márquez, participa ativamente das duas memórias. nos forçando a buscar um passado do qual não podemos nos esquecer, segundo Maurice Halbwachs. (1990, p. 52) Conforme extraímos do romance:

[...] Aureliano imprimió a su voz una autoridad que nunca se había conocido. “prepara los muchachos”, dijo. “Nos vamos a la guerra.” Gerineldo Márquez no lo creyó.

– ¿Con qué armas?

– Con las de ellos. – Contestó Aureliano.

El martes a medianoche, en una operación descabellada, veintiún hombres menores de treinta años al mando de Aureliano Buendía, armados con cuchillos de mesa y hierros afilados, tomaron por sorpresa la guarnición, se apoderaron de las armas y fusilaron en el patio al capitán y los cuatro soldados que habían asesinado a la mujer.

Esa misma noche, mientras se escuchaban las descargas del pelotón de fusilamiento, Arcadio fue nombrado jefe civil y militar de la plaza. (García Márquez, [1967] (1987-2007) p. 110)

Esses fatos resgatados na leitura do romance, entremeados da magicidade que circunda o cotidiano de Macondo denotam a solidão de Aureliano ao fazer sua escolha pelos liberais e, ao mesmo tempo; a solidão dos Buendía, que tentam entender o contexto no qual estão inseridos nesse momento da narrativa – *Muchos no sabían ni siquiera por qué peleaban*. (idem, p. 175), ou seja, a solidão do próprio povo colombiano que agora está diante de uma nova realidade que os faz recair novamente em mais uma volta do labirinto social latino-americano.

Era tal vez el momento más crítico de la guerra. Los terratenientes liberales, que al principio apoyaban la revolución, habían suscrito alianzas secretas con los terratenientes conservadores para impedir la revisión de los títulos de propiedad. Los políticos que capitalizaban la guerra desde el exilio habían repudiado públicamente las determinaciones drásticas del coronel Aureliano Buendía, pero hasta esa desautorización parecía tenerlo sin cuidado. (García Márquez, [1967] (1987-2007) p. 174)

Tudo isso nos é narrado por Gabo desde dentro, ou seja, suas próprias experiências, assim como identificamos em *Viver para contar*:

No entanto, em certas ocasiões a avó Tranquilina era de um estado de espírito que não correspondia de jeito nenhum ao seu nome. Na Guerra dos Mil Dias meu avô foi preso em Rioacha por um primo-irmão dela, que era oficial do exército Conservador. A parentela Liberal, e ela própria, entenderam que era um ato de guerra diante do qual não servia de nada o poder familiar. Mas quando a minha avó ficou sabendo que seu marido estava no cepo, como um criminoso comum, enfrentou o primo como uma leoa e obrigou-o a entregar-lhe o marido são e salvo. (García Márquez, 2003, p. 78)

Márquez traz à tona os momentos particulares que representam a tensão vivida pela população colombiana, cujas famílias tiveram seus familiares presos e suas mulheres provavelmente tomaram as rédeas da administração familiar.

Gabriel García Márquez faz um movimento de volta ao passado, que o coloca, ao mesmo tempo, em seu tempo presente diante da realidade latino-americana, e que o expande, pois, ao tratar desses episódios ele nos provoca da mesma forma que provocou a Academia Sueca: quais os progressos desde as navegações? Se ainda vivemos sob o julgo da injustiça social do “Novo Mundo”.

En el siglo XVI, la retórica de la modernidad justificó y legitimó la destrucción de todos los nombres con que sus habitantes nombraran el continente para establecer la constitución del “Nuevo Mundo” y luego “América”. El cambio de nombre significó también la destitución de la humanidad de sus habitantes al mismo tiempo se constituía la humanidad de los habitantes de cristiandad occidental y de Europa. (Mignolo, 2019, in: Quijano, 2019, p. 42)

O momento crítico da Guerra, as disputas entre liberais e conservadores, o envolvimento de seus familiares neste contexto histórico, o repúdio sofrido por parte dos políticos. Além do fato de o próprio Márquez ter vivenciado as repressões sanguinárias entre os anos de 1948 e 1957, anos em que se passam as disputas camponesas em que culminou no êxodo de comunidades inteiras, que gera neste mesmo período guerrilhas revolucionárias e morte de muitos camponeses, que segundo nos relata Galeano com um saldo de 180 mil mortos, (Galeano, 2021, p. 141-142). Tudo isso faz com que a narrativa em *Cien años de soledad* traga a nós a perspectiva dos vencidos e não dos vencedores. E Galeano segue:

A violência começou como um enfrentamento entre liberais e conservadores, mas a dinâmica do ódio de classes foi salientando cada vez mais seu caráter de luta social. Jorge Eliécer Gaitán, o caudilho liberal que a oligarquia de seu próprio partido, entre depreciadora e receosa, chamava de “El Lobo” ou “El Badulaque”, granjeava um formidável prestígio popular e ameaçava a ordem estabelecida [...]

[...] Primeiro foi uma maré humana irrefreável nas ruas da capital, o espontâneo *bogotazo*, e em seguida a violência derivou para o campo, onde, já fazia algum tempo, os bandos organizados pelos conservadores vinham semeando o terror. (2021, p. 142)

Dada a importância de se dar voz aos vencidos e a relevância de ouvir os mais simples por meio do ato de narrar, Benjamin afirma, que não eram os ricos que voltavam mudos do campo de batalha, mas os pobres, pois os traumas vividos os tornavam incapazes de contar a experiência vivida e assim, anos depois, os livros sobre a guerra nada tinham a ver com a experiência que seria transmitida de boca em boca. (Benjamin, 1985, p. 198)

Sendo assim, *Cien años de soledad*, traz a experiência vivida que passa pelo contar cotidiano, ou seja, a matéria-prima que alimenta este romance são as vivências de pessoas comuns. Márquez, como seu narrador, é capaz de transformar as histórias ouvidas de seu avô, em episódios, recuperando sua memória e a memória coletiva representada em Macondo.

3.2 Sim, nós temos amargas bananas

Sim, temos bananas. E são essas bananas que dão sabor a este momento histórico. Infelizmente não o sabor doce que a fruta geralmente nos brinda, mas o sabor amargo de mais um episódio sangrento.

Macondo passa por etapas de constituição dentro do padrão colonial de poder sobre as áreas básicas da experiência humana: o controle da autoridade, da economia, da subjetividade e do conhecimento.⁸⁸ E como em geral acontece às sociedades latino-americanas, no decorrer do processo colonial muitos imigrantes, viajantes e seus costumes transitam nesse emaranhado microuniverso.

Mas a aldeia oscila entre o deslumbre com a chegada de novas invenções trazidas pelos viajantes e o assombro das bobinas elétricas e as projeções de don Bruno Crespi no teatro.

Deslumbrada por tantas y tan maravillosas invenciones, la gente de Macondo no sabía por dónde empezar a asombrarse. Se trasnocaban contemplando las pálidas bombillas eléctricas alimentadas por la planta que llevó Aureliano Triste en el segundo viaje del tren, y a cuyo obsesionante tumtum costó tiempo y trabajo acostumbrarse. (García Márquez, [1967] (1987-2007) p. 174)

Assim como Macondo, a América Latina segue como alvo de especulação, em um momento em que o fim do imperialismo ibérico, dá lugar ao imperialismo norte-americano. Tratamos especificamente do monopólio da banana que se deu pela United Fruit Company na América Central, entre a Colômbia e o Equador. (Galeano, 2021, p. 138)

E entre os alvoroços e os desencantos, os dias em Macondo também se sucedem e a empresa bananeira está presente no romance. A população tenta agir próximo do que seria a “normalidade” diante das novidades que os circundava.

⁸⁸ Mignolo, 2019, in: Quijano, 2019, p. 24.

Desde que el ferrocarril fue inaugurado oficialmente y empezó a llegar con regularidad los miércoles a las once, y se construyó la primitiva estación de madera con un escritorio, teléfono y una ventanilla para vender los pasajes, se vieron por las calles de Macondo hombres y mujeres que fingían actitudes comunes y corrientes, pero que en realidad parecían gente de circo. (García Márquez, [1967] (1987-2007) p. 234)

Com o passar do tempo, os habitantes da aldeia se afastavam cada vez mais de seus hábitos e costumes e introjetavam os novos hábitos impostos pelos novos tempos. A identidade é atropelada pelos trilhos dos trens, pelo vai e vem nas ruas, que os leva muito mais próximos a personagens representando em seu próprio cotidiano do que a habitantes tranquilos em sua aldeia.

Ao ler este trecho do romance, é possível visualizar esta cena como que vista de cima, em que o narrador observa e nos aponta com o dedo: “veja, eles se parecem com personagens de circo”.

O que denota o fato de que os habitantes de Macondo diante do progresso perdem a consciência novamente de seus saberes e passam a agir conforme os costumes das novas configurações sociais por imposição da colonialidade⁸⁹ que introjeta nesse indivíduo o modo como ele deve ser e agir.

Neste momento da trama isso se dá, somado à herança colonial, pela influência do imperialismo estadunidense que aos poucos toma espaço no cotidiano colombiano.

Entre esas criaturas de farándula, con pantalones de montar y polainas, sombrero de corcho, espejuelos con armaduras de acero, ojos de topacio y pellejo de gallo fino, uno de tantos miércoles llegó a Macondo y almorzó en la casa el rechoncho y sonriente Mr. Herbet. (García Márquez, [1967] (1987-2007) p. 234-235)

A chegada de Mr. Herbet, o gringo, marca esta nova etapa de uma estrutura colonial, que agora em nome do desenvolvimento, mais uma vez submete os povos latino-americanos à outra hierarquia de domínio: a econômica por parte dos chamados países desenvolvidos.

A denúncia feita por Márquez por meio do romance, pois não podemos desconsiderar seu engajamento nas questões socioeconômicas da América Latina, denota

⁸⁹Haber comprendido que modernidad implica siempre en colonialidad, es decir modernidad/colonialidad son inseparables, nos ayuda a entrar en los vericuetos del racismo. [...] la colonialidad siempre agazapa en la retórica de la modernidad y el progreso [...] no es sólo dependencia política y económica sino mental, es decir, epistémica. (Mignolo, 2019, in: Quijano, 2019, p. 14)

que novamente forças impositivas tentam fazer do continente latino-americano um lugar de exploração.

E por isso aqui pontuamos a importância desta obra para a compreensão histórica, pois seus vários elementos contidos, apontados em seus episódios, fazem com que a representação seja possível em sua narrativa, o que faz deste um verdadeiro romance, segundo nos aponta Bakhtin:

Por trás de todo enunciado percebe-se no autêntico romance o elemento das linguagens sociais com a sua lógica interior e sua necessidade interior. Aqui, a representação da linguagem revela não só a realidade, mas também as possibilidades de dada linguagem, revela seus, por assim dizer, limites ideais e seu total sentido integral, sua verdade e suas limitações. (Bakhtin, 2015, p. 152)

Assim, as vivências de Márquez entrelaçadas aos dados históricos, somadas à sua vivência política, social e cultural que constroem a possibilidade de uma representação desde dentro, ou seja, de sua voz autoral que possibilita “a representação de um horizonte social, de um ideograma social”. (Bakhtin, 2015, p. 153) O que novamente corrobora com o trecho do discurso feito para a Academia Sueca sobre a justiça social e os métodos de exploração aqui aplicados: Por que pensar que a justiça social que os europeus desenvolvidos tratam de impor em seus países não pode ser também um objetivo latino-americano, com métodos distintos e em condições diferentes?

Condições essas retratadas na realidade socioeconômica de Aracataca simultânea à chegada da companhia bananeira. A empresa norte-americana na primeira metade do século 1920, se instala no território que abrange o departamento de Magdalena, que se estende até Serra Nevada de Santa Marta, onde está localizada Aracataca, que toma cerca de 40 mil hectares de terra para sua produção, segundo nos relata Elías Caro em seu artigo sobre o massacre da companhia bananeira contra os trabalhadores na Colômbia.⁹⁰

A investida da United Fruit Company se dá pelo fato das condições de produção e de exportação estarem interrompidas por conta da Grande Depressão e da Segunda Guerra Mundial (Elías Caro, 2011, p. 2), levam a companhia a buscar por outras possibilidades para manter-se.

⁹⁰ ELÍAS CARO, Jorge Enrique. La masacre obrera de 1928 en la zona bananera del Magdalena-Colombia: Una historia inconclusa. *Andes*, v. 22, n. 1, p. 0-0, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.org.ar/scielo.php?pid=S1668-80902011000100004&script=sci_arttext&tlng=en> Acesso em: 08 de abr. de 2024. p. 2.

Episódio também analisado por meio da cena do trem dos mortos, por Gabrieli Maria Worst, em sua monografia *Memória e Solidão: representações da História da América Latina através do Realismo Maravilhoso em Cien años de soledad, de Gabriel García Márquez*. Santa Caratrina: Universidade Federal da Fronteira do Sul, 2021. Disponível em: <<https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/4983>>

Mr. Herbet marca um traço sociopolítico em *Cien años de soledad* em meio a esse contexto. A personagem está em um almoço na casa dos Buendía e é convidado a experimentar bananas. Naquele instante, ele se surpreende e vê naquele produto uma oportunidade.

Pero siguió comiendo mientras hablaba, saboreando, masticando, más bien con distracción de sabio que con deleite de buen comedor, y al terminar el primer racimo, suplicó que le llevarán otro. [...] Con la incrédula atención de un comprador de diamantes examinó meticulosamente un banano seccionando sus partes con un estilete especial, pesándolas en un granatario de farmacéutico y calculando su envergadura con un calibrador de armeno. [...] Fue una ceremonia tan intrigante, que nadie comió tranquilo esperando que Mr. Herbet emitiera por fin un juicio revelador, pero no dijo nada que permitiera vislumbrar sus intenciones. (García Márquez, [1967] (1987-2007) p. 235)

Qualquer semelhança entre esta cena descrita no romance e a realidade, não é mera coincidência. Conforme se lê no artigo de Gleydson Pinheiro Albano,

O primeiro a trazer as bananas do Caribe para o mercado americano foi um americano capitão de navio chamado Lorenzo Dow Barker, que por acaso estava consertando o navio na Jamaica e teve a ideia de trazer as bananas para vender nos Estados Unidos em 1870. Um ano depois, o mesmo compra muitas terras na Jamaica e se torna o maior exportador do Caribe. Barker se une a Preston em 1885, o inventor dos navios refrigerados (que inicialmente funcionavam com milhares de blocos de gelo) que viabilizaram a distribuição das bananas para os lugares mais distantes dos Estados Unidos, e fundam a primeira multinacional de exportação de bananas, chamada de *Boston Fruit* (Koeppel, 2008, in: Albano, 2016).⁹¹

Ainda que esta região da América Latina não fosse considerada por parte dos países do norte de grande crescimento econômico, podemos refletir que era um local propício para outro tipo de exploração; neste caso, a produção de bananas. A United Fruit Company⁹² se instala na Colômbia, entre outros países da América Latina, com a promessa de desenvolvimento.

Había pasado más de un año desde la visita de Mr. Herbet, y lo único que se sabía era que los gringos pensaban sembrar banano en la región encantada que José Arcadio Buendía y sus hombres habían atravesado buscando la ruta de los grandes inventos. (García Márquez, [1967] (1987-2007) p. 239)

O domínio norte-americano que se ampliava como um novo colonizador da economia, da cultura e da identidade dos colombianos, devasta não só as florestas da América Central, para semeadura de bananas e para a construção de ferrovias para poder

⁹¹ ALBANO, Gleydson Pinheiro. *Revista GeoSertões* (Unageo/CFP-UFCG). n. 1, vol. 1, jan./jun. 2016, p. 25 <http://revistas.ufcg.edu.br/cfp/index.php/geosertoes/index>

⁹² *United Fruit Company*, (1899-1970) empresa estadunidense que se destacou na produção e comércio de frutas tropicais, principalmente bananas e abacaxis, com plantações na América Latina, nos países hoje conhecidos como, Honduras, Panamá, Equador e Colômbia.

transportá-las, mas desgasta ainda mais a essência dos trabalhadores que são levados à exaustão, assim como nos aponta Galeano:

As terras ficavam tão exaustas quanto os trabalhadores: das terras roubavam húmus, dos trabalhadores os pulmões, mas sempre havia novas terras para explorar e mais trabalhadores para exterminar. Os ditadores, próceres da opereta, velavam pelo bem-estar da United Fruit com um punhal entre os dentes. (2021, p. 151)

A United Fruit Company muda a dinâmica de Aracataca, conforme nos é demonstrado pelo romance. E a historiografia nos aponta que a intervenção da companhia norte-americana não se limitava ao território colombiano, mas que outras partes da América Latina e Caribe também passam a sofrer por conta deste modelo exploratório.

Em 1970, as bananas passam a ser o principal produto exportado pelas divisas de Honduras e Panamá e Equador, segundo nos mostra Galeano. A exploração se dava em vários níveis, pois para além das outras nuances de exploração contra o território colombiano e a exploração humana, o pagamento dos impostos não era controlado pelas alfândegas estatais. Assim, a companhia bananeira torna os rumos da história desses territórios cada vez mais nebulosos. (Galeano, 2021, p. 151)

Somava-se aproximadamente 150 mil trabalhadores espalhados pela América Latina onde a empresa norte-americana tinha se instalado. Desse total, 16,7% era de colombianos, segundo dados que Elías Caro nos traz, por meio da pesquisa feita por Marcelo Buchelli.⁹³

La producción de la UFC en la región bananera del Magdalena para el año del conflicto ascendía a 10,3 millones de racimos exportados, lo que dio como resultado que Colombia se ubicara como el tercer productor de banano en el mundo. Además, hizo que este producto estadísticamente fuera el 7% del total de las exportaciones del país. (Buchelli, Marcelo, in: Elías Caro, p. 2)

Ao nos voltarmos para *Cien años de soledad*, Márquez nos aponta as condições nas quais os trabalhadores estavam submetidos em Macondo.

La inconformidad de los trabajadores se fundaba esta vez en la insalubridad de las viviendas, el engaño de los servicios médicos y la iniquidad de las condiciones de trabajo. Afirmaban, además, que no se les pagaba con dinero efectivo, sino con vales que solo servían para comprar jamón de Virginia en los comisariatos de la compañía. (García Márquez, [1967] (1987-2007) p. 310)

⁹³ Buchelli, Marcelo, “Tras la visita del señor Herbert: United Fruit Company, élites locales y movimiento obrero en Colombia”, en *Empresas y empresarios en la historia de Colombia Siglos XIX-XX. Una colección de estudios recientes*, CEPAL, Ediciones Uniandes-Norma, Bogotá, 2002, pp. 737-770. In: ELÍAS CARO, Jorge Enrique. La masacre obrera de 1928 en la zona bananera del Magdalena-Colombia: Una historia inconclusa. *Andes*, v. 22, n. 1, p. 0-0, 2011.

Seja pelas moradias precárias, as várias horas de trabalho, seja pelos valores de salários muito abaixo do que seria necessário para uma vida digna, a soma desses fatores coloca os trabalhadores mais uma vez em um lugar de subalternidade social, gerando dependência para com a companhia bananeira que se tornava a principal empregadora da região.

Cuando los trabajadores redactaron un pliego de peticiones unánime, pasó mucho tiempo sin que pudieran notificar oficialmente a la compañía bananera. Tan pronto como conoció el acuerdo, el señor Brown enganchó en el tren su suntuoso vagón de vidrio, y desapareció de Macondo junto con los representantes más conocidos de su empresa. (García Márquez, [1967] (1987-2007) p. 311)

Pessoas de toda parte chegam povoado. Segundo Márquez, em resposta na entrevista feita por Llosa, “era muito estranho, porque nesse povoadozinho da costa atlântica da Colômbia houve um momento em que se falavam todos os idiomas. As pessoas não se entendiam entre si”. (García Márquez, 2022, p. 56)

A United Fruit Company se valia de artimanhas que burlavam as leis de pagamentos de impostos, “porque a companhia bananeira, com qualquer propina que passasse a eles, só de molhar suas mãos, era dona da justiça e do poder geral” (García Márquez, 2022, p. 56), além de contratar os trabalhadores por empreiteiras, para que não fossem pagos seus direitos regulares.

Cansados de aquel delirio hermenéutico, los trabajadores repudiaron a las autoridades de Macondo y subieron con sus quejas a los tribunales supremos. Fue allí donde los ilusionistas del derecho demostraron que las reclamaciones carecían de toda validez, simplemente porque la compañía bananera no tenía, ni había tenido nunca ni tendría jamás trabajadores a su servicio, sino que los reclutaba ocasionalmente y con carácter temporal. (García Márquez, [1967] (1987-2007) p. 311)

Até que os trabalhadores já ultrapassados em seus limites decidiram se rebelar, pois, “essa gente começou a tomar consciência, consciência sindical. Os operários começaram a pedir coisas”. (García Márquez, 2022, p. 56-57)

E havia também outra coisa: os barcos da companhia bananeira chegavam a Santa Marta, embarcavam a banana e levavam para Nova Orleans. Mas, na volta, vinham vazios. A companhia não encontrava forma de financiar as viagens de volta. O que fizeram foi simplesmente trazer mercadoria para os armazéns da companhia, e não pagavam aos trabalhadores em dinheiro, mas em vales para que comprassem nesses armazéns. (García Márquez, 2022, p. 57)

Diante de tudo isso, os trabalhadores organizam uma greve, com o propósito de que a United Fruit Company os reconhecesse como funcionários de forma legal, garantindo-lhes o que a legislação colombiana previa.

Mas, segundo nos relata Elías Caro, a companhia bananeira recusava cumprir as obrigações trabalhistas, uma vez que isso consistia em ampliar benefícios aos trabalhadores. (Castro, 2011, p. 4) Conforme o relato de García Márquez desse período:

A matança dos peões dos bananais foi a culminação de outras anteriores, mas com o argumento adicional de que seus líderes foram apontados como sendo comunistas, e talvez fossem. [...] meu avô não tinha sido neutro e sim mediador na greve de 1928 [...] (García Márquez, 2003, p. 64)

A tropa de 300 soldados do general Carlos Cortés Vargas chega ao local da greve. O governo se opunha aos apelos dos trabalhadores. O Ministro da Guerra Ignacio Rengifo afirma que as “tendências e demonstrações de caráter subversivo, fruto da ação propagandista ativa e constante de agitadores comunistas”.⁹⁴ No dia 5 de dezembro de 1928, o Ministro da Guerra declarou estado de sítio na região, pedindo para que houvesse dissolução de grupos maiores de três pessoas. No dia seguinte, os manifestantes se encontravam na estação de trem de Ciénaga, quando o general deu cinco minutos aos manifestantes que se dissipassem e se a ordem não fosse obedecida seus 300 soldados abririam fogo contra a multidão. (Caro, 2011, p. 15) Assim como temos no romance:

Hacia las doce, esperando un tren que no llegaba, más de tres mil personas, entre trabajadores, mujeres y niños, habían desbordado el espacio descubierto frente a la estación y se apretujaban en las calles adyacentes que el ejército cerró con filas de ametralladoras. (García Márquez, [1967] (1987-2007) p. 310)

Ao toque pela terceira vez da corneta a mando do general, a multidão relutava em se dispersar e logo depois foi dada a ordem para que se atirasse. Os disparos contra os trabalhadores ocasionaram um dos piores episódios da história colombiana.

Al final de su grito ocurrió algo que no le produjo espanto, sino una especie de alucinación. El capitán dio la orden de fuego y catorce nidos de ametralladoras le respondieron en el acto. Pero todo parecía una farsa. Era como si las ametralladoras hubieran estado cargadas con engaños de pirotecnia, porque se escuchaba su anhelante tableteo, y se veían sus escupitajos incandescentes, pero no se percibía la más leve reacción, ni una voz, ni siquiera un suspiro, entre la muchedumbre compacta que parecía petrificada por una invulnerabilidad instantánea. De pronto, a un lado de la estación, un grito de muerte desgarró el encantamiento: “Aaaay, mi madre”. Una fuerza sísmica, un aliento volcánico, un rugido de cataclismo estallaron en el centro de la muchedumbre con una descomunal potencia expansiva. José Arcadio Segundo apenas tuvo tiempo de levantar al niño, mientras la madre con el otro era absorbida por la muchedumbre centrifugada por el pánico. (García Márquez, [1967] (1987-2007) p. 315)

O Massacre das bananeiras em 1928 resultou no assassinato a sangue frio de mais de mil trabalhadores de banana desarmados, que estavam reunidos em uma praça

⁹⁴ BRUNGARDT, Maurice P. “La United Fruit Company en Colombia”. *Revista Innovar*, 5, 107-118. 1995, p. 116).

protestando pelo não pagamento de seus direitos trabalhistas. O massacre foi perpetrado pelo exército colombiano, sob o patrocínio dos Estados Unidos e da empresa bananeira United Fruit Company (Koeppel (2008), in Albano, 2016) e marca um antes e um depois na história da Colômbia. Uma memória violentada pela carnificina em que a crueldade se mostra como ferramenta eficaz de controle das massas trabalhadoras.

3.2.1 Bananas vermelhas

Sem alardes na grande mídia, não houve uma repercussão relevante dessa tragédia. Naquele momento, os números de mortos desse massacre não foram divulgados. Alguns veículos, como nos relata Elías Caro, falavam em 8 mortos e 20 feridos. Alguns dias depois, nas mesmas fontes, se falava em cem mortos e 238 feridos, enquanto nas comunicações oficiais diplomáticas se falava em mil mortos.⁹⁵ Mas o Massacre das Bananeiras ultrapassou os mil mortos, a ponto dos vagões do trem ficarem cheios de corpos, que seriam atirados no mar.

Cuando José Arcadio Segundo despertó estaba bocarriba en las tinieblas. Se dio cuenta de que iba en un tren interminable y silencioso, y de que tenía el cabello apelmazado por la sangre seca y le dolían todos los huesos. Sintió un sueño insoportable. Dispuesto a dormir muchas horas, a salvo del terror y el horror, se acomodó del lado que menos dolía, y sólo entonces descubrió que estaba acostado sobre los muertos. García Márquez, [1967] (1987-2007) p. 316)

No romance, José Arcádio Segundo sobrevive ao massacre. Nesse momento a solidão vivida por ele naquele vagão com os mortos nos dá a sensação de impotência diante do ocorrido. Muitas histórias ceifadas, agora por este episódio.

Não se sabia ao certo quantas baixas exatamente tinham acontecido no massacre, mas José Arcádio Segundo traz um número que se considera o mais próximo do número total de vidas perdidas:

José Arcadio Segundo ignoraba dónde había saltado, pero sabía que caminando en sentido contrario al del tren llegaría a Macondo. Al cabo de más de tres horas de marcha, empapado hasta los huesos, con un dolor de cabeza terrible, divisó las primeras casas a la luz del amanecer. Atraído por el olor del café, entró en una cocina donde una mujer con un niño en brazos estaba inclinada sobre el fuego.

– Buenos días – dijo exhausto –. Soy José Arcadio Segundo Buendía.

[...]

José Arcadio Segundo no habló mientras no terminó de tomar el café.

– Debían ser como tres mil – murmuró.

– ¿Qué?

⁹⁵ Ibidem, p. 16.

– *Los muertos – aclaró él –. Debían ser todos los que estaban en la estación.* (García Márquez, [1967] (1987-2007) p. 317-318)

Por mais que este seja uma soma fictícia, Márquez em seu relato biográfico afirma que esta seja uma cifra possível e por isso a manteve em sua narrativa:

E foi assim que manteve a cifra de mortos em três mil, para conservar as proporções épicas do drama, e a vida real acabou fazendo-me justiça: há pouco tempo, num dos aniversários da tragédia, o orador de plantão no Senado pediu um minuto de silêncio em memória dos três mil mártires anônimos sacrificados pela força pública. (García Márquez, 2003, p. 64)

Ainda que se considere que tenha havido um exagero por parte de Márquez em sua narrativa quanto ao número de mortos, o ponto é que *Cien años de soledad* denuncia o fato de que a incerteza sobre número correto de vidas perdidas pelo massacre seja dos maiores descasos, pois trata-se de trabalhadores que estavam à serviço de uma grande companhia norte-americana. Isso sem contar o número de famílias que, a partir desta tragédia, passaram a viver de forma ainda mais vulnerável pelo fato de terem perdido, provavelmente, o principal provedor familiar.

Não realizar o levantamento do número correto de vítimas é evidenciar, sem dúvida, o descaso por parte da companhia bananeira e afirmar a instrumentalização desse modelo de controle. Se antes o poder estava imposto pela dominação dos nativos e da escravidão por parte do colonizador, agora a violência se dá, somada a esses fatores herdados, pelo descaso com a população da América Colombiana onde a mão de obra era barata e contavam com as benéfcies dos governos corrompidos para mantê-los sob controle.

Sob a perspectiva decolonial, que orienta nossa pesquisa, apontamos uma questão que nos parece pertinente aqui: quantos dados como este já foram intencionalmente esquecidos na história da América Latina?

O que acontece é que, na América Latina, por decreto se esquece um acontecimento de uns três mil mortos... Isso, que parece fantástico, foi tirado da mais miserável realidade cotidiana. (García Márquez, 2022, p. 58)

Contribui para tal esquecimento, a pouca produção historiográfica no Brasil sobre o impacto de multinacionais como estas que, impulsionadas pela política expansionista norte americana a partir da Guerra Fria instalaram-se no continente latino-americano, onde encontraram terreno fértil para o crescimento vultuoso de suas empresas, não só em termos geográficos, mas também políticos e com farta mão de obra.

Capítulo 4 | A magicidade trágica contida nesta realidade

Uma nova e arrasadora utopia da vida, onde ninguém possa decidir pelos outros até mesmo a forma de morrer, onde de verdade seja certo o amor e seja possível a felicidade, e onde as estirpes condenadas a cem anos de solidão tenham, enfim, e para sempre, uma segunda oportunidade sobre a terra.

[...]

Entendo que o prêmio que acabo de receber, com toda humildade, é a consoladora revelação de que meu intento não foi em vão. (García Márquez, Discurso “A solidão da América Latina”, de Gabriel García Márquez para o Prêmio Nobel, 2018, p. 12-13)

São muitos os momentos históricos em que a América Latina se vê condenada pela brutalidade, ora pela violência física, ora psicológica, que caminha progressivamente aos moldes da colonialidade. O que coloca a América Latina em um lugar de eternos condenados à solidão, cujo lugar de existência é senão o de um indivíduo servil, pouco esperançoso.

4.1 Meu intento não foi em vão

Ao nos colocarmos diante dos episódios narrados em *Cien años de soledad*, o que parece, desde uma mirada racional, é que muitos deles se demonstrassem inverossímeis,⁹⁶ ao passo que nada mais são do que a própria vivência cotidiana de homens e mulheres que tentam sobreviver numa atmosfera em que a violência parece ser sempre o *modus operandi* escolhido para o controle da população nativa e de seus descendentes que passaram a viver sob o mesmo jugo da submissão.

Mas fato é que na América Latina, nem tudo que parece inverossímil o é. Em *Cien años de soledad*, constatamos o quanto Márquez se alinha aos conceitos aristotélicos de representação do cotidiano e torna palpável (por meio do romance) o dia a dia dos habitantes da aldeia.

Com efeito, podem-se às vezes representar pelos mesmos meios os mesmos objetos, seja narrando, quer pela boca duma personagem, como fez Homero, quer na primeira pessoa, sem mudá-la, seja deixando as personagens imitadas tudo fazer, agindo. (Aristóteles, 2017, p. 21)

⁹⁶ Aqui nos reportamos aos conceitos de aristotélicos em que nos é apresentado o conceito de verossimilhança em *A poética Clássica*: “não consiste no fato de contar o que aconteceu, mas sim coisas as quais podiam acontecer, possíveis no ponto de vista da verossimilhança ou da necessidade”. (Aristóteles, 1997, p. 28)

E é nesse agir de seus personagens que Gabo expõe a magicidade tão própria da América Latina, contando ele mesmo, sob a ótica de um indivíduo latino-americano, as idiosincrasias que aos olhos do explorador não passam de mera ficção, em sua perspectiva reduzida.

Se não inverossímil, pelo menos de uma “originalidade” ímpar, como Márquez aponta em seu discurso para a Academia Sueca, que a classifica como exótica e extraordinária esta realidade, mas que nada mais é do que o próprio modo de viver latino-americano, tentando se esquivar das barbáries que lhe são impostas. Tudo isso é a matéria-prima para construção de suas narrativas:

Houve uma epidemia de varíola, e seu ministro da Saúde e seus assessores disseram o que havia de ser feito, mas ele disse: “Eu sei o que é preciso fazer: tapar com papel vermelho todas as luzes públicas do país”. E houve uma época em que, no país inteiro, as lâmpadas dos postes foram cobertas com papel vermelho. Essas coisas acontecem todos os dias na América Latina, e nós, os escritores latino-americanos, na hora de sentar para escrever sobre elas, em vez de aceitá-las como realidade, começamos a polemizar, a racionalizar, dizendo “isso não é possível, o que acontece é que esse aí era um louco” etc. Todos nós começamos a dar uma série de explicações racionais que falseiam a realidade latino-americana. Eu creio que o que é preciso fazer é assumi-la de frente, entender que é uma forma de realidade que pode dar algo novo à literatura universal. (García Márquez, 2022, p. 53-54)

Esta originalidade que muito pouco se deve à imaginação, advém do dia a dia e que no romance ganha lugar na narrativa. Seja por casamentos entre consanguíneos, que podem desencadear em descendentes geneticamente mutados; seja pela matriarca Úrsula que vive 120 anos; seja um coronel que teve dezessete mulheres e seus dezessete filhos se chamam Aureliano; seja por uma mulher que não consegue se conter suas angústias e passa dias comendo terra; seja por uma amnésia coletiva, ou ainda, por uma chuva não cessa que depois do massacre da companhia bananeira.

Toda essa magicidade latino-americana, os fatos ditos como mais absurdos, desde a perspectiva racional europeia, permitem à população como que descarregar-se das opressões. Tal realidade não cabe em um padrão eurocentrado.

Una cola de cerdo que no se dejó ver nunca de ninguna mujer, y que le costó la vida cuando un carnicero amigo le hizo el favor de cortársela con una hachuela de destazar. José Arcadio Buendía, con la ligereza de sus diecinueve años, resolvió el problema con una sola frase: “No me importa tener cochinitos, siempre que puedan hablar”. Así que se casaron con una fiesta de banda y cohetes que duró tres días. Hubieran sido felices desde entonces si la madre de Úrsula no la hubiera aterrorizado con toda clase de pronósticos siniestros sobre su descendencia, hasta el extremo de conseguir que rehusara consumir el matrimonio. (García Márquez, [1967] (1987-2007) p. 30)

Para José Arcadio Buendía e Úrsula Iguarán não lhes importava as consequências genéticas que seus descendentes poderiam nascer, o que estava em jogo na ocasião transpassava as questões darwinistas da evolução. Pois suas relações não estão equalizadas pela racionalidade científica e por suas possíveis consequências, mas em certa medida, estava pautada em uma ideia de progresso e de união de famílias que significaria também a manutenção de seus interesses.

Úrsula había cumplido apenas su reposo de cuarenta días, cuando volvieron los gitanos. Eran los mismos saltimbanquis y malabaristas, que llevaron el hielo. A diferencia de la tribu de Melquíades, habían demostrado en poco tiempo que no eran heraldos del progreso, sino mercachifles de diversiones. Inclusive cuando llevaron el hielo, no lo anunciaron en función de su curiosidad de circo. (García Márquez, [1967] (1987-2007) p. 40)

Assim como não é racional que ciganos transportem gelo. Ao povo nômade, marginalizado pelas forças de poder opressora, lhe cabe a liberdade de ser quem se é, em busca de alguma possibilidade de vida, carregando consigo os elementos que expressam a magicidade e seu modo de ser cotidiano.

Advêm deles o conhecimento do mundo, as invenções, a ancestralidade. “[...] o gelo, a redondez da terra, a bússula, a fotografia, o ímã, a pianola de Pietro Crespi, a dentadura de Melquíades, diante dos quais os personagens ficam atemorizados, desconcertados ou fascinados.” (Chiampi, 2015, p. 66)

Mas aqui faz-se necessário pontuar que esta magicidade exposta pela obra de Márquez nada tem a ver com o esforço de caracterizar uma tradição americana de literatura mágica de filiação simbolista e parnasiana, sem a intervenção de sentimentos humanos, ou como um deslumbramento dos europeus sob influência das lendas medievais, segundo afirma Irlemar Chiampi. (2015, p. 24).

Tudo isso, segundo nos aponta a pesquisadora faz parte do que ela chama grosso modo de “naturalização do irreal”, um modo kafkiano de tornar verossímil os acontecimentos sobrenaturais. (idem, p. 26)

No lograron que comiera en varios días. Nadie entendía como no se había muerto de hambre, hasta que los indígenas, que se daban cuenta de todo porque recorrían la casa sin cesar con sus pies sigilosos, descubrieron que a Rebeca solo le gustaba comer la tierra húmeda del patio y las tortas de cal que arrancaba de las paredes con las uñas. (García Márquez, [1967] (1987-2007) p. 47)

Rebeca, a órfã que chega a Macondo com alguns traficantes, filha de uns primos de Úrsula, carrega consigo um saco com os ossos dos pais.⁹⁷ Seu costume de comer terra e cal vem desde pequena e, além desse ela também tem o hábito de chupar os dedos. Essa geofagia seguramente denota uma defasagem nutricional que como se sabe acomete pessoas, principalmente, mulheres grávidas com defasagem de ferro, ou, para além disso, pode ser apontado como algum tipo de distúrbio psicológico. O que também não seria inverossímil visto as condições de extrema pobreza com as quais muitas famílias são obrigadas a conviverem todos os dias. E novamente esbarramos no tema da justiça social muito distante de nossa realidade.

Se echaba puñados de tierra en los bolsillos, y los comía a granitos sin ser vista, con un confuso sentimiento de dicha y de rabia, mientras adiestraba a sus amigas en las puntadas más difíciles y conversaba de otros hombres que no merecían el sacrificio de que se comiera por ellos la cal de las paredes. Los puñados de tierra hacían menos remoto y más cierto al único hombre que merecía aquella degradación, como si el suelo que él pisaba con sus finas botas de charol en otro lugar del mundo, le transmitiera a ella el peso y la temperatura de su sangre en un sabor mineral que dejaba un rescoldo áspero en la boca y un sedimento de paz en el corazón. (García Márquez, [1967] (1987-2007) p. 73)

E é enquanto acontece a peste da insônia que Rebeca vive sua realidade paralela. E nesse alternar entre o macroscópico social e o microscópico das personagens que narrativa caminha. Entre uma população que vive a mazela de se perder de si mesma, por ser vítima de um sistema, e o drama de uma órfã, que no seu mundo interior vive, para além da solidão paternal, a solidão de não conseguir se nutrir. O que corrobora com Chiampi quando ela afirma que

A sobrenaturalidade de um fenômeno é aparential; o suposto fantástico recebe uma explicação científica (no caso, a licantrópia) que, se lhe dispensa o inverossímil, não lhe subtrai o aspecto prodigioso do insólito. (Chiampi, 2015, p. 37)

Tal fato nos faz refletir sobre até que ponto o processo de despanholização ocorreu de fato. Pois, se no decorrer dos séculos a América Latina se vê “livre” das garras do controle europeu e passa para as mãos do controle norte-americano, como percebemos no romance, não só nas dimensões econômicas, mas intelectuais, que se retroalimentam numa dinâmica colonial de poder.

Do surgimento de uma potência imperialista que fortalece a sua hegemonia no continente sul-americano e que, no decorrer do século 19, mantém seus lucros financeiros

⁹⁷ García Márquez, [1967] (1987-2007) p. 50

pela extração da mais-valia dos trabalhadores submetidos a regimes de trabalho semiescravos, com anuência de muitos dos governos de plantão, por vezes eleitos democraticamente, mas que, no percurso dão seus golpes ditatoriais, emergem também as resistências (Chiampi, 2015, p. 109)

São esses os eventos simultâneos que dão ao romance o movimento característico da América Latina, onde tudo parece sempre acontece ao mesmo tempo, o que para o europeu foge completamente à sua compreensão. Isso porque o romanesco mimético se compõe do que seria um “sistema estável” do leitor,⁹⁸ com isso o sobrenatural ameaça essa possível estabilidade dos fatos.

Fantasmas, pressentimentos, espíritos, situações inesperadas, ocasiões completamente díspares do que é considerado “normal”, é tido pelo europeu como pertencente ao território do fantástico, que em contrapartida como afirma Carpentier, “de uma revelação privilegiada da realidade” (Carpentier, 2009, p. 9) o que é corroborado por Márquez para o qual na “América Latina tudo é possível, tudo é real”. (García Márquez, 2022, p. 52)

Como no momento em que Úrsula desaparece de casa por cinco meses, logo após o nascimento de Amaranta, o caracteriza uma possível de depressão pós-parto vivida pela personagem, e que num ato de angústia se ausenta de casa sem avisar ninguém.

En cierta ocasión, meses después de la partida de Úrsula, empezaron a suceder cosas extrañas. Un frasco vacío que durante mucho tiempo estuvo olvidado en un armario se hizo tan pesado que fue imposible moverlo. Una cazuela de agua colocada en la mesa de trabajo hirvió sin fuego durante media hora hasta evaporarse por completo. (García Márquez, [1967] (1987-2007) p. 45)

E continua:

José Arcadio Buendía y su hijo observaban aquellos fenómenos con asustado alborozo, sin lograr explicárselos, pero interpretándolos como anuncios de la materia. Un día la canastilla de Amaranta empezó a moverse con un impulso propio y dio una vuelta completa en el cuarto, ante la consternación de Aureliano, que se apresuró a detenerla. Pero su padre no se alteró. Puso la canastilla en su puesto y la amarró a la pata de una mesa, convencido de que el acontecimiento esperado era inminente. (García Márquez, [1967] (1987-2007) p. 45)

Formas diferenciadas de ver e sentir a realidade, mas que demonstram com precisão, como acontecimentos que atingem pessoas em seus cotidianos as marcam para

⁹⁸ Irleamar Chiampi, 2015, p. 54.

toda a vida, deixando-as impactadas pelo impedimento de expressar suas angústias. Ou seja, a vida não caminha, estanca, acompanhando a imensa dor da solidão da alma.

Tal foi o que aconteceu com Meme, heroína apaixonada, cujo amor se via obrigado a viver às escondidas. Mauricio Babilonia, mulato, morador de Macondo e descendente de ciganos, aprendiz de mecânico na companhia bananeira, perdidamente apaixonado por Meme usa de múltiplas artimanhas para encontrar com sua amada. No que é correspondido por Meme que percebe que a chegada do rapaz é sempre anunciada por borboletas amarelas.

Fue entonces cuando cayó en la cuenta de las mariposas amarillas que precedían las apariciones de Mauricio Babilonia. Las había visto antes, sobre todo en el taller de mecánica, y había pensado que estaban fascinadas por el olor de la pintura. alguna vez las había sentido revoloteando sobre su cabeza en la penumbra del cine. Pero cuando Mauricio Babilonia empezó a perseguirla, como un espectro que solo ella identificaba en la multitud, comprendió que las mariposas amarillas tenían algo que ver con él. Mauricio Babilonia estaba siempre en el público de los conciertos, en el cine, en la misa mayor, y ella no necesitaba verlo para descubrirlo, porque se lo indicaban las mariposas. (García Márquez, [1967] (1987-2007) p. 296)

As borboletas marcam a poética da incerteza, em que, na óptica racional, o insólito deixa de ser “o outro lado”, para incorporar-se ao real: “a maravilha é(está) (n)a realidade”, conforme descreve Chiampi (2015, p. 59)

Mas a rígida Fernanda del Caprio, mãe de Meme, zelosa da reputação da filha de desejosa de um casamento mais auspiciosos, ao descobrir os encontros escondidos da filha com Mauricio Babilonia, dá um jeito de, em um desses momentos proibidos ele é “confundido” com um ladrão de galinhas e atingido por tiros, disparados por guardas a mando de Fernanda, que deixam o rapaz paraplégico e Meme, diante do trauma, fica muda para sempre. Ou seja, o impacto da felicidade ceifada impossibilita a continuidade da comunicação, da sociabilidade. Este é mais um episódio que demonstra determinações da subjetividade ante a violência e que, no romance adentra ao leitor, a partir da vida particular, do cotidiano da vida, relatando casos perfeitamente verossímeis, mas cujo desfecho sempre resvala para o fantástico. É por este “método” que o autor consegue integrar ambas dimensões do realismo mágico latino-americano. Conforme ele mesmo declara:

O método “faulkneriano” é muito eficaz para contar a realidade latino-americana. Inconscientemente, foi isso que descobrimos em Faulkner. Quer dizer, nós estávamos vendo essa realidade, e queríamos contar essa realidade, e saíamos que o método dos europeus não servia, nem o método tradicional espanhol. E de repente descobrimos o método “faulkneriano”, adequadíssimo para contar essa realidade. (García Márquez, 2022, p. 94)

Assim ele faz com sua literatura alcance uma posição subversiva dentro do contexto literário latino-americano contemporâneo que encontra eco, juntamente com outros autores e obras de sua geração que fazem com que o realismo maravilhoso passe a ser um megafone por onde suas evocações encontrem eco no mundo.

Desse modo, o maravilhoso contido em *Cien años de soledad* convoca cada leitor a um exercício de consciência e de autorreconhecimento. Ou seja, o que há de “fantástico” na narrativa nada mais é do que o cotidiano expresso por meio de ferramentas que denotam o pertencimento de uma unidade chamada América Latina em que Macondo pode representar uma América Latina inteira, pois as características e os episódios narrados no romance dão voz a uma realidade subordinada. É o que podemos denominar de uma literatura de resistência.

4.2 O maravilhoso como resistência

O realismo maravilhoso desponta entre as décadas de 1940 e 1950, como uma alternativa crítico-interpretativa e expressão para o novo romance hispano-americano, para confrontar o velho modelo do realismo dos anos 1920 e 1930.⁹⁹

Identificamos até aqui que o realismo maravilhoso não se trata de um movimento literário para evidenciar os problemas da América Latina, nem sobre trazer fatos “extraordinários” para impressionar os leitores. Nem de uma artimanha literária, de um maravilhoso invocado na descrença – como fizera os surrealistas, como afirma Carpentier (2009, p. 9). Mas permite que as mazelas vividas neste território e sua realidade social complexa sejam expostas.

Ao apresentar-se ao mundo sendo quem se é, não pautando-se em modelos ou manipulações de uma “visão desde fora” da problemática do subdesenvolvimento, ou a centralidade de um herói, que remetiam a uma predicação elementar e maniqueísta, mas com um discurso capaz de absorver a realidade mutante e heterogênea, (Chiampi, 2015, p. 20) um posicionamento da identidade latino-americana.

Ao analisarmos *Cien años de soledad*, tendo o contexto em que a obra e o autor estão inseridos, decodificamos que muitos episódios no decorrer do romance trazem fatos

⁹⁹ Chiampi, 2015, p. 19

históricos importantes. Desde a dominação espanhola, a tomada dos territórios, a submissão ao qual as populações originárias foram submetidas cultural e religiosamente, passando pela dominação socioeconômica na qual posteriormente os latino-americanos foram e são submetidos pelas chamadas “potências econômicas”, tudo isso trata-se de um arcabouço do qual ainda não conseguimos nos libertar.

América Latina se encuentra, todavía, en el proceso de constitución de una identidad histórica, es decir, de completa individualidad de una experiencia histórica. Esa experiencia se generó en una matriz de violencia y crisis. En la situación actual, similares factores están en progreso los que, si bien no tienen la misma fuerza apocalíptica, poseen la misma furia para destruir por lo menos las identidades históricas aún no definidas. En otras palabras, nos pueden colocar en la verdadera encrucijada de nuestra historia. Realmente estamos en tal encrucijada. (Quijano, 2019, p. 119)

Desse modo, ao considerarmos todas as desigualdades existentes na América Latina, temos que convir que escrever já é por si só um ato revolucionário. Isso posto, escrever capturando a essência sob uma perspectiva não enviesada pelo olhar do dominador é oferecer ao leitor algo que vai além do que está posto pela estética colonial; de outro modo é dar a oportunidade de se autorreconhecer.

A grande divulgação das narrativas latino-americanas alcança uma projeção sem precedentes a partir da publicação de *Cien años de soledad*, segundo Enrique Aguirre, (Aguirre, 2017, p. 109). Claro que há que se ter em conta questões editoriais e comerciais daquela época que proporcionaram essa difusão, além de questões mercadológicas que tornaram possíveis uma circulação massiva dessas obras, como formatos, preço, um número maior de livrarias etc. (idem, p. 109). Aspectos importantes a serem apontados e que cabe pontuar em debates vindouros.

Porém, o que não podemos deixar de mencionar nesta pesquisa é o que este *boom* da literatura latino-americana reflete o fato de que a principal ferramenta narrativa comum neste momento de produção literária seja a “identificação”, como afirma o próprio Vargas Llosa em sua entrevista com Márquez:

Antes eu acho que o leitor latino-americano tinha um preconceito em relação a qualquer escritor latino-americano. Pensava que um escritor, pelo fato de ser latino-americano, era ruim, a menos que demonstrasse o contrário. E que, inversamente, um escritor europeu era bom, a menos que demonstrasse o contrário. Agora acontece o inverso: o público latino-americano cresceu loucamente [...] (García Márquez, 2022, p. 66)

Ao que o próprio Márquez responde:

Agora eu não sei se o fenômeno do *boom* é na realidade um *boom* de escritores ou se é um *boom* de leitores, não é mesmo? (idem, p. 67)

No entanto, o romance não só dá respostas aos episódios conturbados, senão aponta também questões contidas em um labirinto do qual a América Latina não logrou sair. A ideia que fora incutida desde os tempos da colonização de que a América Latina era um lugar inóspito, não civilizado, é um exemplo de uma das condições das quais se padece até a atualidade. Como demonstra a indignação de José Arcádio ao constatar que Macondo não passava de uma ilha e se maldizendo por ter escolhido este lugar ao traçar um mapa:

Lo trazó con rabia, exagerando de mala fe las dificultades de comunicación, como para castigarse a sí mismo por la absoluta falta de sentido con que eligió el lugar. “Nunca llegaremos a ninguna parte”, se lamentaba ante Úrsula. “Aquí nos hemos de pudrir en vida sin recibir los beneficios de la ciencia.” Esa certidumbre, rumiada varios meses en el cuartito del laboratorio, lo llevó a concebir el proyecto de trasladar a Macondo a un lugar más propicio. (García Márquez, [1967] (1987-2007) p. 23).

Muitas são as perguntas até este momento e isso nos causa uma ansiedade tamanha diante de tantos conflitos internos e externos, que nos faz autoquestionar assim como fez José Arcádio no romance.

De qualquer forma no momento em que *Cien años de soledad* é publicado, a literatura latino-americana adquire uma característica comum: se faz uma ferramenta revolucionária utilizada para quebrar estruturas de submissão. Assim, a necessidade de uma produção própria ganha força em meio a esse contexto que se passou a conhecer como *Boom*, em que a voz latino-americana não era mais intermediada se coloca na posição de reivindicar algo em nome próprio.¹⁰⁰ Narradores importantes deste período, como Julio Cortázar, Mario Vargas Llosa, Gabriel García Márquez e Carlos Fuentes, foram grandes responsáveis pelo reconhecimento internacional de obras latino-americanas.¹⁰¹

O *boom* se consolida em meados dos anos 1960 quando passa a ocorrer a internacionalização dos romances latino-americanos. É em meados de 1950, que movimentos nacionalistas ganham força na América Latina e, dentre os esforços de

¹⁰⁰ Sandra Almeida. Prefácio. In: SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. p. 16

¹⁰¹ AGUIRRE, Enrique Ortiz. *La literatura hispanoamericana en 100 preguntas*. Todo lo imposible explicado con rigor. Colección 100 preguntas esenciales. Madrid: Nowtilus Saber, 2017. p. 109
“Del conocimiento de los primeros autores, pues, pasaríamos al éxito editorial de La ciudad y los perros del escritor peruano para llegar al del cubano Alejo Carpentier con la publicación de El siglo de las luces, al del narrador argentino Julio Cortázar y su Rayuela, muy leída entre los jóvenes y profundamente novedosa en cuanto al género, y culminar con el rotundo éxito de Cien años de soledad.” (p. 110)

resistência feitos neste período, destacamos a Revolução Cubana, liderada por Fidel Castro, em 1962, cujo propósito era a queda do ditador Fulgêncio Batista.

A ditadura de Fulgêncio Batista mantinha laços estritos com os interesses estadunidenses, que tornava a economia cada vez mais dependente e vulnerável. Tanto que na crise de 1929 nos Estados Unidos o preço do açúcar caiu para menos de um centavo, segundo afirma Galeano (2021, p. 100). O que permitia a abertura para que a exploração fosse cada vez mais intensa, aos moldes do que acontecia em outras partes da América Latina, como o caso citado no romance do Massacre das Bananeiras na Colômbia, também por uma empresa norte-americana.

Diante desse cenário deplorable, altas taxas de analfabetismo, que Fidel denunciou que a ignorância era ainda mais grave, (Galeano, 2021, p. 104) fazia-se necessário um posicionamento para quebrar a estrutura da submissão. O movimento nacionalista iniciado em 1959, liderado por Fidel Castro e outros, dentre eles Che Guevara, trata de derrubar o governo ditador e colocar fim à dependência com os Estados Unidos.

Os ceifadores profissionais, presidiários do açúcar, são em Cuba uma espécie extinta: também para eles a revolução implicou a liberdade de escolher outros ofícios menos pesados, e para seus filhos a possibilidade de estudar nas cidades com bolsas de estudo. (Galeano, 2021, p. 108)

Possibilidades de escolhas. É disso que trata o realismo maravilhoso. Possibilidade de novos olhares, de novas narrativas sobre o que é a América Latina?

E aqui chamamos a atenção para o fato de que a identidade contida nas narrativas que despontaram a partir do *boom* é o que nos coloca em uma posição ativa, nos instigando a questionar e buscar no passado fatos que nos ajudem compreender o nosso papel como um ser no mundo e que, ao mesmo tempo, dá aos episódios narrados, principalmente, nas ações opressoras com as quais nos deparamos, mecanismos de questionamento.¹⁰² O realismo maravilhoso tem a capacidade de questionar valores que deram assentamento histórico¹⁰³ a práticas agressoras.

E por que apontamos este aspecto? Pois *Cien años de soledad* nos provoca a refletir sobre o papel da literatura naquele momento. A literatura que permite “*jugar*” com os acontecimentos do cotidiano, mas que se transmutam em revelações do mundo real.

¹⁰² Chiampi, 2015, p. 72

¹⁰³ idem, p. 69.

Aureliano tem contato com os livros ao frequentar a livraria de um sábio viajante catalão, a fim de descobrir um método eficaz para se matar baratas:

Aquel fatalismo enciclopédico fue el principio de una gran amistad. Aureliano siguió reuniéndose todas las tardes con los cuatro discutidores, que se llamaban Álvaro, Germán, Alfonso y Gabriel, los primeros y últimos amigos que tuvo en la vida. Para un hombre como él, encastillado en la realidad escrita, aquellas sesiones tormentosas que empezaban en la librería a las seis de la tarde y terminaban en los burdeles al amanecer fueron una revelación. No se le había ocurrido pensar hasta entonces que la literatura fuera el mejor juguete que se había inventado para burlarse de la gente, como lo demostró Álvaro en una noche de parranda. Había de transcurrir algún tiempo antes de que Aureliano se diera cuenta de que tanta arbitrariedad tenía origen en el ejemplo del sabio catalán, para quien la sabiduría no valía la pena si no era posible servirse de ella para inventar una manera nueva de preparar los garbanzos. (García Márquez, [1967] (1987-2007) p. 398)

Novamente o episódio chama atenção por parecer se tratar de algo tão inóspito como “matar baratas”. Para além do que a linguagem simbólica do que as baratas podem representar nesse momento na narrativa, captamos aqui uma possibilidade de auto descrição do autor, ao trazer um grupo de amigos que costumavam se encontrar em uma livraria. Imediatamente retornamos à Livraria Mundo, da Rua San Blas, em Buenos Aires, local onde Gabo se encontrava com os amigos: Alejandro Obregón, Alfonso Fuenmayor, Álvaro Cepeda e Ramón Vinyes, que formavam o Grupo Barranquilla. Curioso que entre um dos amigos descritos no trecho acima, curiosamente um se chama “Gabriel”, o que para nós evidencia que pode se tratar do próprio Márquez.

Outro dado importante é que o dono da livraria é um espanhol catalão. O que não soa nenhum pouco estranho esta referência, tendo que a colonização da produção de conhecimento válida era somente a europeia. Da mesma forma como nos afirma Quijano: “*Los colonizadores impusieron también una imagen mistificada de sus propios patrones de producción de conocimiento y significaciones*”. (2019, p. 105)

De forma que o *boom* se dá pela quebra de paradigmas europeus de produção cultural que fora imposto, evidenciando a colonialidade do saber para o controle dos padrões de produção cultural e de conhecimento válidas. Um mundo sob uma perspectiva diferente do imaginário europeu, em que o maravilhoso pode fluir de forma livre, mas que, ao mesmo tempo, revela a preocupação de uma “nova atitude” a do narrador diante do real, conforme afirma Chiampi. (2015, p. 21)

El mundo habrá acabado de joderse —dijo entonces— el día en que los hombres viajen en primera clase y la literatura en el vagón de carga (García Márquez, [1967] (1987-2007) p. 410-411)

Carpetier que se surpreende com o cotidiano que vivencia no Haiti, pontua que o mais lhe chama a atenção é o real maravilhoso. (2009, p. 10) O que difere em muito com a sensação do colonizador sobre o colonizado.

É que, pela virgindade da paisagem, pela formação, pela ontologia, pela presença fáustica do índio e do negro, pela Revolução que constitui seu recente descobrimento, pelas fecundas mestiçagens que propiciou, a América está muito longe de ter esgotado seu caudal de mitologias. (Carpentier, 2009, p. 11)

Um maravilhoso que preserva algo do humano em sua essência, mas que escapa do ordinário das coisas. (Chiampi, 2015, p. 48)

Maravilhoso é o termo já consagrado pela *Poética* e pelos estudos crítico-literários e, geral, e se presta à relação estrutural com outros tipos de discursos (o fantástico, o realista). Mágico, ao contrário, é o termo tomado de outra série cultural e acoplá-lo a realismo implicaria ora uma teorização de ordem fenomenológica (a “atitude do narrador”), ora de ordem conteudística (a magia como tema). (Chiampi, 2015, p. 43)

O que denota a possibilidade da realidade subjetiva incorporar-se à materialidade dos fatos e coexistirem, de forma que o maravilhoso é parte constituinte da natureza dos fatos.

[...] O Caribe de Carpentier ou Macondo de García Márquez, no que pesem as particularizações regionais ou as do tempo representado, transcendem largamente os seus limites geográficos e históricos para funcionarem como sínteses significantes de totalidade de um universo cultural. (Chiampi, 2015, p. 152)

Na saga dos Buendía é possível acompanhar a família desde sua chegada a Macondo, um lugar ainda a ser desvendado: “*Macondo era entonces una aldea de veinte casas de barro y cañabrava construídas a la orilla de un río de aguas diáfanas [...]*” (García Márquez, [1967] (1987-2007) p. 11). Suas atividades cotidianas: “*Úrsula y los niños se partían el espinazo en la huerta cuidando el plátano y la malanga, la yuca y el ñame, la ahuyama y la berenjena*”. (idem, p. 14), que nos remonta aos costumes dos povos espalhados pela América Latina. E ao fim dos cem anos de solidão nos quais a família Buendía estava condenada: “[...] *porque las estirpes condenadas a cien años de soledad no tenían una segunda oportunidad*”. (García Márquez, [1967] (1987-2007), p. 426)

Assim como as novidades trazidas pelo cigano Mélquiades, que também compõem esse universo maravilhoso:

La primera vez que Melquíades vendiendo bolas de vidrio para el dolor de cabeza, todo el mundo se sorprendió de que hubieran podido encontrar aquella aldea perdida en el sopor de la ciénaga, y los gitanos confesaron que se habían orientado por el canto de los pájaros. (García Márquez, [1967] (1987-2007) p. 11).

Medicamentos mágicos, ciganos que guiam sua rota pelo canto dos pássaros para retornar à aldeia, são possibilidades do que constitui um universo maravilhoso, como no caso das bolas de vidro, quanto real, quando os ciganos são orientados pelo canto dos pássaros. As experiências dos habitantes de Macondo nos aproximam de nosso cotidiano, numa espécie de “reconhecimento inquietante”, assim como acontece na mitologia,

[...] pois o papel da mitologia, das crenças religiosas, da magia e tradições populares consiste em trazer de volta o “Heimliche”, o familiar, o coletivo, oculto e dissimulado pela repressão da racionalidade. Neste sentido, supera a estrita função estético-lúdica que a leitura individualizante da ficção fantástica privilegia. (Chiampi, 2015, p. 69)

O encantamento causado pelas narrativas maravilhosas nos remete às narrativas orais, cujo fascínio toma nossos sentidos e nos coloca como membros de uma coletividade, cujos valores são compartilhados. Outro ponto é que essas narrativas têm a função de uma leitura de mundo compartilhada, em que os mais velhos compartilham seus conhecimentos, que amplia a visão social e cultural da comunidade, e na qual o indivíduo forma parte, formando sua identidade.

Nesse universo onde o que é real se confunde com o que aparentemente parece absurdo é que a identidade latino-americana está fundamentada. Se toda a violência contra nosso continente mudou em muitos momentos o rumo de nossas histórias, Macondo segue se reinventando e permitindo que o imaginário da América Latina circule pelos mais racionais dos territórios.

Gabriel García Márquez, um narrador empírico, capaz de descrever os fatos históricos contemporâneos a suas vivências dos quais extraímos, em certa medida, a o entendimento do processo de dominação europeia sobre os povos da América Latina. *Cien años de soledad* não traz somente os pergaminhos de Melquíades, mas da América Latina. E é se o final da saga dos Buendía indica que “*las estirpes condenadas a cien años de soledad no tenían una segunda oportunidad sobre la tierra*”¹⁰⁴, o romance nos dá a possibilidade de acesso ao passado para melhor compreendê-lo, e ao nos depararmos com as evidências contidas, refletir sobre o presente, para que diferentemente dos Buendía tenhamos uma segunda oportunidade sobre a terra.

¹⁰⁴ (García Márquez, (1967), 1987-2007, p. 426)

Considerações Finais

Os temas abordados nesta pesquisa buscaram apontar por meio de uma leitura decolonial do romance *Cien años de soledad*, de Gabriel García Márquez, aspectos da identidade latino-americana que foram subalternizadas desde o período da colonização da América.

No decorrer da análise da fonte, percebemos os aspectos históricos que são revisitados no decorrer da saga da família Buendía, que não só visitam a memória de Aracataca, terra natal de García Márquez, mas de toda a América Latina que se vê representada por esta narrativa por meio das diferentes vozes e características nela contidas.

Neste percurso, foi de suma importância revisitar o passado do autor, suas origens, os primeiros anos de sua vida, suas escolhas profissionais, a rede da qual fazia parte, até que ele chegasse ao patamar de autor consagrado que se tornou mundialmente, tendo recebido inclusive uma das maiores condecorações pelo conjunto de sua obra, o Prêmio Nobel da Academia Sueca, em 1982. O que nos deixou perceptível a importância de sua obra e que Márquez é um narrador empírico e que sua vivência, que depois se transforma em matéria prima para sua obra, torna sua escrita uma ferramenta poderosa de resistência contra as desigualdades que todavia nos assola.

Aparentemente, a obra não se propõe a uma crítica que explicita a subsunção cultural vigente naquela comunidade. Mas Márquez, como vimos ao longo desta dissertação, em particular em seus pronunciamentos que nos ajudaram a referenciar a obra, apresentando elementos inerentes a este texto que cumprem essa função social: levar o leitor a olhar de forma crítica os padrões aqui assumidos que são estranhos à forma de ser dos povos latino-americanos.

Outrossim, a análise da obra *Cien años de soledad* e suas circunstâncias, evidenciou que esta explicita inúmeros paradigmas impostos pelos colonizadores europeus e a perspectiva do autor ao abordá-los nos permitiu a aproximação com as teorias sobre a decolonialidade.

Mas o que torna então este romance tão universal para o reconhecimento da latinidade? Quais significados ali contidos faz o leitor dar-se conta dos malefícios decorrentes da sobrevalorização dos padrões e referências que são próprios da cultura europeia, em detrimento

dos conhecimentos inerentes aos povos latino-americanos, expressos em suas práticas sociais, configurando-se, assim, a crítica denominada decolonial?

Compreender o que é a identidade latino-americana, sua magicidade, num cotidiano repleto de fatos que a um primeiro momento parecem inóspitos, mas que na verdade são circunstâncias com as quais somos obrigados a nos moldar para que a vida seja possível em meio aos fantasmas do passado que ainda nos assolam é dos maiores desafios os quais temos de lidar até os dias atuais.

Uma realidade de fato incapaz de ser compreendida pela racionalidade europeia, cuja estaticidade não permite admitir que a vida em muitos momentos chega a ser absurda, seja num vilarejo onde as coisas não seguem uma chamada “lógica” pressuposta, em que mulheres comem terra, ficam mudas ao perderem o amor de sua vida; seja uma família com dezessete filhos com o mesmo nome, ou uma chuva que dura quatro anos ininterruptos. Tudo isso compõe o cotidiano em que o maravilhoso forma parte do que é ser latino.

O que nos abre um universo cheio de tantas outras narrativas espalhadas por este continente, de indivíduos cujos saberes foram subalternizados e retomados nos colocam diante de nossa própria realidade sem a lente que os colonizadores um dia nos impuseram venham desviar o nosso olhar.

Exemplos não faltam para apontar uma realidade dolorida, disfarçada de “exentricidade”. Como a história da cabeça da estátua de Santo Antônio que ficou no meio da praça no município de Caridade, no Ceará, e que já foi esconderijo de ladrão, ponto de encontro de namorados, lugar onde crianças brincam de esconde-esconde, mas que na verdade o que este relato por traz dessas ações é que, ao regalar o município com um monumento de Santo Antonio, cujo corpo está no alto do monte e a cabeça no chão, na entrada da cidade, poder público age com descaso com seus habitantes (*A cabeça do santo*, de Socorro Acioli). Ou a realidade das mulheres colombianas, que em pleno século 21, são julgadas por sua fertilidade e que quando uma delas não pode conceber um filho é motivo de julgamento entre seus compatriotas. E tamanho é o peso desta cobrança machista e patriarcal que uma mulher é capaz de adotar uma cachorra como sua filha, e não suportar o fato de a cachorra ser fértil e ela não, penetrando num abismo solitário sem afeto (*A cachorra*, Pilar Quintana).

Mas quer algo mais maravilhoso do que o município Soure, no Pará, onde tem tantos búfalos quanto moradores e ainda um lugarejo chamado “Pedacinho do Céu”, cuja pobreza é amenizada somente pela fé de seus moradores. Ou em Monsenhor Gil, no Piauí, onde um homem afirma não ter passado fome na infância, porque comia um barro chamado Toá – qualquer semelhança com Rebeca de *Cien años de soledad*, não é mera coincidência. Ou a minha própria origem em que as “Josefas Marias” e as “Marias Josefas” são tão comuns quanto os dezessete Aurelianos, pois a minha avó fez questão de marcar seu legado no mundo. Tudo isso aparentemente parece irreal, mas compõe nosso modo de ser.

E há quem afirme que nada disso pareça real, porém são exemplos de uma realidade existente. Não se trata de experiências vividas em lugares estratégicos ou por um indivíduo em especial. Tudo isso demonstra uma realidade socialmente desprovida em função dos privilégios que se deram desde os processos colonizatórios, pautados na escravidão e exploração, que repercutem até os dias atuais, impossibilitando tantas existências inviabilizadas por conta da violência e da dominação das mais variadas.

E por isso, acreditamos na força da literatura como ferramenta de propagação das narrativas e no resgate das memórias, nos dando a possibilidade de não apenas rememorar fatos, mas de que essas narrativas possam ser concebidas a partir de documentos históricos e sem deixar de levar em conta o maravilhoso contido, que possibilita que sejam ouvidas e encontrem seu devido “lugar de fala”.

Ressonância de fatos dos quais muitos fomos forçados a esquecer, mas que resgatados pela literatura são postos em nosso tempo presente, vislumbrando uma possibilidade de futuro, talvez solitário, mas individualmente livre.

Por lo tanto, quinientos años después, América Latina continúa atormentada por todas las pesadillas que se cernían sobre su proceso de nacimiento. [...]

[...] Entonces, la menos, vamos a soñar, si no a esperar, que algo bueno y bello nos aguarda en algún rincón mágico de esa nueva era. (Quijano, 2019, p. 133-134)

Fontes

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. *Viver para contar*. Tradução: Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro: Record, 2003.

_____. *Cien años de soledad*. Edición comemorativa de 1967. Buenos Aires: Sudamericana, 1987-2007.

_____. *Cem anos de solidão*. 102 ed. Tradução: Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro: Record, 2018.

_____. *Duas solidões: um diálogo sobre o romance na América atina/ Gabriel García Márquez, Mário Vargas Llosa*. Tradução: Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro: Record, 2022.

Referência bibliográfica

AGUIAR, J. D. N. Teoria pós-colonial, estudos subalternos e América Latina: uma guinada epistemológica? *Estudos de Sociologia*, Araraquara, v. 21, n. 41, 2016. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/8659>. Acesso em: 26. abr. 2023.

AGUIRRE, Enrique Ortiz. *La literatura hispanoamericana en 100 preguntas*. Todo lo imposible explicado con rigor. Colección 100 preguntas esenciales. Madrid: Nowtilus Saber, 2017.

ALBANO, Gleydson Pinheiro. *Multinacionais e neocolonialismo: a atuação da United Fruit Company na América Latina no século XX*. Disponível em: <revistas.ufcg.edu.br/cfp/index.php/geosertoos/article/download/4/16>. Acesso em: 20. set. de 2022.

_____. *Revista GeoSertões* (Unageo/CFP-UFCG). n. 1, vol. 1, jan./jun. 2016, p. 25 <<http://revistas.ufcg.edu.br/cfp/index.php/geosertoos/index>>

BONA, Aldo Nelson. Paul Ricoeur e uma epistemologia da história centrada no sujeito. 2010. Disponível em: <<https://app.uff.br/riuff/handle/1/22400>>. Acesso em: 16. ago. 2023.

ASSIS, Renata Machado de. O método em Marx. *Cadernos de pesquisa* (Pro-Reitoria de Pesquisa e Pos-Graduacao, Universidade Federal do Maranhao), v. 24, n. 1, p. 129-140, 2017. Disponível em: <<https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/4147/4370>> Acesso em: 30. mar. 2024.

_____. Os Labirintos da Arte de Narrar: História e Literatura. In: CARVALHO, Alex Moreira; FLÓRIO, Marcelo; AVELINO, Yvone Dias (orgs.). *História, cotidiano e linguagens*. São Paulo: Expressão e Arte Editora, 2012.

BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do Romance I: A estilística*. Tradução do prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. (1ª Edição). São Paulo: Editora 34, 2015.

_____. 1895-1975. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Tradução direta do russo de Paulo Bezerra. 5ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2022.

BASTOS, Felipe Barradas Correia Castro. " *e; A fonte dos Wamakonde" e;: migração laboral, associativismo e anticolonialismo na indústria sisaleira do Tanganyika (1880-1960)*. 2022. Tese de Doutorado. [sn]. Campinas: Universidade estadual de Campinas.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas. Magia, Técnica, Arte e Política*. Tradução: Sérgio Paulo Rounet. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BONA, Aldo Nelson. *Paul Ricoeur e uma epistemologia da história centrado no sujeito*. Tese de Doutorado. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2010.

BRAUDEL, Fernad. *Escritos sobre a história*. São Paulo: Perspectiva, 2019.

BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. V. 1. (1750-1836). 8ª ed. (1995). Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Editora Italiana Limitada, 1997.

_____. *Literatura e sociedade*. 9ª ed. Revista pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006. Disponível em:
<<https://www2.unifap.br/marcospaulo/files/2013/05/candido011.pdf>> Acesso em: 09. out. 2023.

CARPENTIER, Alejo. Prefácio. In: *O Reino deste mundo*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CASTRO, Edna. Razão decolonial, experiência social e fronteiras epistemológicas (pg. 35 a 63) e MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia. O “giro decolonial” latino-americano e a razão do Outro: a transmodernidade como deslocamento epistemológico (pg. 63 a 85), in: CASTRO, Edna. *Pensamento crítico latino-americano* (org.) São Paulo: Annablume, 2019.

CHARTIER, Roger. *A história cultural. Entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, s/d.

CHAUÍ, Marilena. *O ser humano é um ser social*. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

CHIAMPI, Irlemar. *O realismo maravilhoso: forma e ideologia do romance hispano-americano*. São Paulo: Perspectiva, 2015.

CUNHA, Karla Pereira. *Gabriel García Márquez e Octavio Paz: a questão da identidade ibero-americana em Cien Años de Soledad e El Laberinto de la Soledad*. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2007. Disponível em:

<http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFJF_bbd6bd6626dec80d8359efb8c33c1eda>
Acesso em: 20. abr.2022.

DA CUNHA, Marina Procópio Rodrigues. *Memória e representação da Guerra dos Mil Dias nas obras de Gabriel García Márquez*. VI Simpósio Nacional de História Cultural Escritas da História: Ver – Sentir – Narrar Universidade Federal do Piauí – UFPI, 2012. Disponível em: <<https://gthistoriacultural.com.br/VIsimposio/anais/Marina%20Procopio%20Rodrigues%20da%20Cunha.pdf>> Acesso em: 02.04.2024. p. 4.

DESIDÉRIO, Plábio Marcos Martins; BRANDÃO, Ludmila. Cem anos de solidão: resistências, invenção e decolonialidade. One Hundred years of solitude: resistance, invention and decoloniality. *Revista Brasileira do Caribe*, São Luís, MA, Brasil, v. 19, n. 36, jan./jun. 2018. Disponível em: <<https://cajapio.ufma.br/index.php/rbrascaribe/article/view/10044>>. Acesso em: 05. maio 2024.

DOS SANTOS, Elisabete Figueroa; DIOGO, Maria Fernanda; SHUCMAN, Lia Vainer. Entre o não lugar e o protagonismo: articulações teóricas entre trabalho, gênero e raça. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, v. 17, n. 1, p. 17-32, 2014.

ELÍAS CARO, Jorge Enrique. *La masacre obrera de 1928 en la zona bananera del Magdalena-Colombia: Una historia inconclusa*. *Andes*, v. 22, n. 1, p. 0-0, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.org.ar/scielo.php?pid=S1668-80902011000100004&script=sci_arttext&tlng=en> Acesso em: 08. abr. 2024.

ENCICLOPEDIA LATINO-AMERICANA. Verbete: Pensamento Social, por Carlos Eduardo Martins. Disponível em: <https://latinoamericana.wiki.br/verbetes/p/pensamento-social>. Acesso em: 10 de abr. de 2024.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Renato da Silveira. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2008.

FERNANDES, Luiz Carlos. “Aspectos do tempo circular em Cem anos de solidão”. *Itinerários – revista de Literatura*, n. 2, 1991, UNESP. Revistas - SEER / Open Journal Systems - OJS, p. 167-183

FIGUERA, Lauro. Realismo mágico ou realismo maravilhoso. *MOARA – Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras* ISSN: 0104-0944, Belém, n. 14, p. 21-33, jul/dez., 2000. Pará: Universidade Federal do Paraná. Disponível em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/3119/3567>>. Acesso em: 05 de set. de 2022.

FERRERA, María Ramírez. *La identidad latinoamericana y el realismo mágico*. Trabajo de fin de grado. Madrid: Universidad Pontificia de Comillas, 2017. Disponível em: <https://repositorio.comillas.edu/rest/bitstreams/102953/retrieve>. Acesso em: 15. set. 2022.

- FOSTER, Edward M. *Aspectos do Romance*. São Paulo: Globo, 1998.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. Memória, história, testemunho. In: *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.
- GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. Trad. Sergio Faraco. Porto Alegre: LPM, 2010.
- GIL PÉREZ, Anderson Paul. "Renzo Ramírez Bacca, Introducción a la historia de América Latina del siglo XX." *Signos Históricos*, no. 47, Jan.-June 2022, pp. 354+. *Gale Academic OneFile*, Disponível em: link.gale.com/apps/doc/A695152642/AONE?u=anon~b104de84&sid=googleScholar&xid=e3677fec. Acesso em: 4. out. 2023.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. O cotidiano de um moleiro perseguido pela Inquisição. Trad. Maria Betânia Amoroso. Tradução dos poemas: José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- _____. *Mitos, problemas e sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- _____. *Relações de força: história, retórica e prova*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.
- HALL, Stuart. O papel da representação. *Cultura e representação*. Rio de Janeiro: Ed: PUC-Rio: Apicuri, 2016.
- HEIDEGGER, Martin. *Construir Habitar Pensar*. Trad. esp. Madrid: La Oficina, 2015.
- HERRERA, Roberto. „Gabriel García Márquez: el hombre “. Hernández de López, Ana María (Hg.), *En el punto de mira: Gabriel García Márquez*, Madrid: Editorial Pliegos, p. 345-356, 1985. Disponível em: https://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca_ele/aepe/pdf/boletin_29_15_83/boletin_29_15_83_11.pdf> Acesso em: 03. fev.2024.
- IGELSKI, Francine. HISTÓRIA CONCEITUAL DO REALISMO MÁGICO-A BUSCA PELA MODERNIDADE E PELO TEMPO PRESENTE NA AMÉRICA LATINA. *Almanack*, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alm/a/ssCBnC5jqtn4NmLjLsmtpTL/?lang=pt>>. Acesso em: 19. abr. 2023.
- JULIO, Suelen Siqueira. Mulheres indígenas na América Latina Colonial. XXVIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, Santa Catarina, Florianópolis, 2015, p. 1-14, 2015. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548945016_ea48371813f4d3b7c43adc5b226f0131.pdf> Acesso em: 06. set. 2023.
- JUNIOR, José Veranildo Lopes da Costa. La masacre de la bananera na narrativa de

Gabriel García Márquez. *Revista Decifrar*, v. 4, n. 8, p. 64-64, 2016. Disponível em: <www.periodicos.ufam.edu.br/Decifrar/article/download/3431/3211/>. Acesso em: 20 de set. de 2022.

KRAWCZYK, Nora Rut; VIEIRA, Vera Lúcia. Uma perspectiva histórico- -sociológica da reforma educacional na América Latina: Argentina, Brasil, Chile e México nos anos 1990. *Revista Brasileira de Educação*, 19(57), 513-516. Brasília: Liberlivro, 2012. p. 164. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/275/27531116013.pdf>> Acesso em: 20. maio. 2023.

LACAPRA, Dominick. História e Romance. In: *RH, Revista de História da UNICAMP*, n. 2/3. Campinas: Unicamp, 1991.

LAROSA, Michael J.; MEJÍA, Germán R. *Historia concisa de Colombia (1810-2013)*. Trad. Matías Godoy. Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana e Editorial Universidad de Rosario, 2013.

LLOSA, Mario Vargas. *Cien años de soledad: realidad total, novela total*. In: MÁRQUEZ, Gabriel García. *Cien años de soledad*. España: Printer Industria Gráfica, 2007.

_____. *García Márquez: historia de un deicidio*. Alfaguara, 2021.

LUCENA, Karina de Castilhos. *Macondo: além da terra firme (um estudo sobre a cidade imaginária)*. Dissertação de mestrado. Universidade de Caxias do Sul, 2008.

LUKÁCS, Georg, 1885-1971. *A teoria do romance: um ensaio histórico- filosófico sobre as formas da grande épica*. Tradução, posfácio e notas de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.

MAYORGA, Garcia Fernando. La administración de Justicia en el período colonial: Instituciones e instancias del derecho indiano, *Credencial Historia*. n. 136, Colombia. Disponível em: < <https://www.banrepcultural.org/biblioteca-virtual/credencial-historia/numero-136/la-administracion-de-justicia-en-el-periodo-colonial>>

MELO, João de. *Gabriel García Márquez e o Realismo Mágico Latino-Americano*. Disponível em: <<http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes/revistano02-ibero-americanas/1283-1283/file.html>>. Acesso em: 19. mar. 2022.

MENTON, Seymour. *Historia verdadera del realismo mágico*. California, EUA: Fondo de Cultura Económica USA, 1998.

MONEGAL, Emir Rodríguez. “Apresentação”. In: CHIAMPI, Ilmar. *O realismo maravilhoso: forma e ideologia do romance hispano-americano*. São Paulo: Perspectiva, 2015

NERY, Tiago. *A economia do desenvolvimento na América Latina: o pensamento da Cepal nos anos 1950 e 1990*. Mestrado. Rio de Janeiro: PUC, Instituto de Relações Internacionais, 2004. https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/5213/5213_3.PDF).

NORA, Pierre. *Lês Lieux de Mémoire*. La Republique. Paris: Gallimard, 1984. (Texto traduzido na Revista *Projeto História*. São Paulo, 10 dez. 1993).

PEREIRA, A. S. *A representação da história colombiana em Cien años de soledad, de Gabriel García Márquez*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Paraná, 2019.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

PINTO, Aníbal. *El pensamiento de la cepal y su evolución*. El trimestre económico, vol. LXXXVI (3), núm. 343, julio-septiembre de 2019, pp. 743-779. *Fondo de Cultura Económica*. Disponível em: <<https://www.eltrimestreeconomico.com.mx/index.php/te/article/view/894/1067>> <https://doi.org/10.20430/ete.v86i343.894>. Acesso em: 06. dez. 2023.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y modernidad/racionalidad. *Perú indígena*, v. 13, n. 29, p. 11-20, 1992. Disponível em: <<file:///C:/Users/marci/Downloads/COLONIALIDAD%20Y%20MODERNIDAD.pdf>> Acesso em: 01 de nov. de 2022.

_____. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*. Compilado por Walter Mignolo. 1ª ed. Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2019.

RODRIGUES, Aline Santos Pereira. *A representação da história colombiana em Cien años de soledad, de Gabriel García Márquez*. Dissertação de Mestrado. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2019.

RODRIGUES, Selma Calasans. *Macondoamérica: a paródia em Gabriel García Márquez*. Rio de Janeiro: Leviatã Publicações, 1993.

SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. Trad. J. Oliveira Santos, S.J. e A. Ambrósio de Pina, S.J. São Paulo: Nova Cultural. 1999.

DOS SANTOS, Ulisses Pereira; DE OLIVEIRA, Francisco Horácio Pereira. Três fases da Teoria Cepalina: uma análise de suas principais contribuições ao pensamento econômico latino-americano. *Análise-Revista de Administração da PUCRS*, v. 19, n. 2, 2008.

SILVA, Kaline Cavalheiro da. *Revista de Literatura, História e Memória*. MÁRQUEZ, Gabriel García. GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ: AUTOBIOGRAFIA. ISSN 1983-1948.

PINTO, Aníbal. *El trimestre economico*, vol. LXXXVI (3), núm. 343, julio-septiembre de 2019, pp. 743-779. *Fondo de Cultura Económica*, p. 756. Disponível em: <<https://www.eltrimestreeconomico.com.mx/index.php/te/article/view/894/1067>> Acesso em: 06. dez. 2023. <https://doi.org/10.20430/ete.v86i343.894>

PREBISCH, R. (1949) O desenvolvimento econômico da América Latina e alguns de seus principais problemas. In: BIELSCHOWSKY, R (org). Cinquenta anos de pensamento na CEPAL Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2000. p. 69-136.

RAMPINELLI, Waldir José. Um genocídio, um etnocídio e um memoricídio praticados contra os povos latino-americanos. *Lutas sociais*, v. 17, n. 30, p. 139-142, 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/marci/Downloads/25711-Texto%20do%20artigo-67090-1-10-20151129.pdf> Acesso em: 01. set. 2023.

REIS, José Carlos. *Tempo, história e Evasão*. Campinas: Papirus Editora, 1994.

_____. *Tempo e história*. São Paulo: FGV, 2012.

Revista Brasileira de Educação, vol. 19, núm. 57, abril-junio, 2014, pp. 513-516 Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação Rio de Janeiro, Brasil.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2023.

ROH, Franz. *Realismo Mágico. Post expesionismo*. Madrid, Revista de Occidente, 1927.

SAID, Edward W. Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANTOS, Ulisses Pereira dos; OLIVEIRA, Francisco Horácio Pereira de. Três fases da teoria Cepalina: uma análise de suas principais contribuições ao pensamento econômico latino-americano. In: *Análise*, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 4-17, jul./dez. 2008.

Señas: dicionário para la enseñanza de la lengua española para brasileños / Universidad de Alcalá de Henares. Departamento de Filología: Trad. de Eduardo Brandão, Claudia Berliner. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Trad. Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TRAUMANN, Andrew. *Os Colombianos*. São Paulo: Contexto, 2018.

_____. História e Literatura: A Construção do Passado Hispano-Americano nos Romances de Alejo Carpentier e Gabriel García Márquez. In: *Anais Eletrônicos do X Encontro Internacional da ANPHLAC*. São Paulo, 2012c.

TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. Coleção Debates; 14 / Dirigida por J. Guinsburg. Trad. Leyla Perrone-Moisés. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

VIEIRA, Felipe de Paula Góis. *De Macondo a McOndo: os limites do Real Maravilhoso como discurso de representação da América Latina (1947-1996)*. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2012.

_____. Cien años de soledad: a Macondo-América de Gabriel García Márquez como representação do continente latino-americano. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, [S. l.], n. 12, p. 254–279, 2012. DOI: 10.46752/anphlac.12.2012.1338. Disponível em: <https://anphlac.emnuvens.com.br/anphlac/article/view/1338> . Acesso em: 14. out. 2023.

VILLEGAS G., Crisálida. Hacia una epistemología latinoamericana y Caribeña. *AULA - Revista de Humanidades y Ciencias Sociales*. Vol. 66, n. 1, enero-junio, p. 9-20, 2020 ISSN:0254-7597, pg. 18. (Dialnet-HaciaUnaEpistemologiaLatinoamericanaYCaribena-9063100.pdf; 2007). Tb. WALTER, Mignolo *La Idea de América Latina. La Herida Decolonial y la Opción Decolonial*. Barcelona: Gedisa, 2007.

WILLIAMS, Raymond. Com vistas a uma sociologia da cultura. In: *Cultura*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1992.

WORST, Gabrieli Maria. *Memória e Solidão: representações da História da América Latina através do Realismo Maravilhoso em Cien años de soledad, de Gabriel García Márquez*. Monografia. Santa Catarina: Universidade Federal da Fronteira do Sul, 2021. Disponível em: < <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/4983>>

XIRAU, Ramón. A crise do realismo. In: MORENO, Cesar Fernandez (Coord.) *América Latina em sua literatura*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

ZANCHET, Maria Beatriz. Repetição e fatalidade em *Cem anos de solidão*. Maringá: CESUMAR, 2007. Disponível em: https://www.unicesumar.edu.br/epcc-2007/wp-content/uploads/sites/87/2016/07/maria_beatriz_zanchet.pdf Acesso em: 16 de abr. de 2024.